

GABRIEL YUKIO GOTO

OS
ÚLTIMOS
DE Gaia





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Marcus Pallas

Revisão
Nadja Moreno

869.9 Goto, Gabriel Yukio
G712u Os últimos de Gaia / Gabriel Yukio Goto. _ Rio de Janeiro: Pendragon, 2017.

ISBN

1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

Diagramação
Layon Rodrigues

Editor
Josué Matos

Rio de Janeiro – 2017, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos a Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

Aos corações vazios
Que esse livro possa
preencher.
Dedico esta história.

Os meus mais sinceros agradecimentos vão para a minha professora de literatura Meire, que além de me inspirar em suas aulas, foi a primeira a apoiar, incentivar e sugerir melhorias na obra.

A minha mãe que idealizou os seus sonhos de menina em seu filho, a todos os familiares e amigos próximos e a Maggie, que ao meu lado acompanhou pacientemente, por dias e noites, minhas maratonas de pesquisa e criação.

PRÓLOGO

Todo fim é um novo começo e todo começo é lindo e feliz, mas todo fim é horrível e tenebroso. Viver para ver ambos acontecerem poderia ser considerado uma dádiva, e talvez para muitos fosse, porém o trauma e a ferida deixados pelo fim são tão incrivelmente grotescos que nem o abraço confortável do recomeço dos tempos poderia cicatrizar. A minha ferida continua aberta mesmo após todo esse tempo. Meu nome não importa. Em Gaia, assunto dessas próximas páginas, eu nasci, vivi e por muitas vezes morri, considerando que a morte não é apenas parar de respirar. Muitos dos que viveram em Gaia estavam mortos e não sabiam. Um território marcado por guerras e que, pelos povos antigos, ficara conhecido como Terra. Em Animália todos os seres são herdeiros da maldição de Gaia: jamais existirá um ser de coração puro.

As aparências enganam... o que posso dizer é que me tornei um ser de fama traiçoeira, mas não tanto quanto meu coração foi um dia. E isso é tudo que vocês precisam saber por hora. Provavelmente por ter vivido tanto e ter visto tanto, ainda desejo ter as memórias inteiramente apagadas de minha mente, essa mesma mente que me endureceu e ensinou a ser furtivo, além de me dar uma sabedoria única de um ancestral que há muito foi engolido pelos próprios pecados.

Faço parte de um grupo de sete seres originais de Animália – sendo eu o primeiro – e provavelmente num futuro próximo cultuem-me como um deus, o que estou longe de verdadeiramente ser. Não os culpo por depositarem sua fé e confiança em alguém sobre quem simplesmente ouvem histórias bonitas. Apenas o soar do meu nome toca-lhes o coração, que se enche de esperança. Muitos irão aproveitar-se dessa fraqueza que vocês, meio-homens, herdaram de seus ancestrais.

Os humanos tratavam com o desprezo reservado a ratos pequeninos e indefesos até o mais poderoso leão, e por mais fraco de alma que os humanos fossem, eram inteligentes e usavam a sua inteligência para causar caos e destruição. Mal sabiam eles que a destruição sempre tem um início e um fim. Após destruírem os nossos ancestrais animais e constantemente guerrear com os próprios de sua espécie, extinguíram-se.

Seria impossível para uma pessoa detalhar como e porque os nossos ancestrais colocaram um fim em sua história, uma vez que todos sabiam das consequências de seus atos, mas ninguém ousou melhorar a própria causa. Talvez eu também seja culpado da morte de um planeta decadente simplesmente por ter nascido lá, e por mais que eu tenha desejado a morte inúmeras vezes, cá estou eu, mais vivo do que jamais estive, contando a minha história para os jovens animais que desejam saber o fim de seus ancestrais e, espero eu, jamais ousando repetir a sua história.

Fazendo um pequeno apanhado histórico, devo dizer que antes do meu, existiram outros milhares de povos que se acharam donos de todo o mundo, mas que, sem exceção, pereceram. Seus herdeiros continuaram com seus pensamentos errôneos e um a um também expiraram, até chegar à minha geração; talvez não a mais cruel, mas a mais maldita de todas.

Quando a esperança por dias melhores já havia há muito acabado e todos os terráqueos sepultavam as próprias covas, vivi minha infância. Não sei ao certo quando, mas sei que foi muito tempo depois do nascimento de um senhor chamado Jesus Cristo, que viera uma vez e vira com os próprios olhos que a Terra era um local sem salvação e deixara este mundo para nunca mais voltar – embora mesmo depois de mais de dois milênios da sua morte ainda houvesse pessoas que mantinham as mínimas esperanças de seu retorno para, segundo eles, punir os injustos e presentear àqueles que ainda o esperavam com um lugarzinho no paraíso. Porém, é claro que ele nunca viria, e o enorme grupo que acreditava em sua vinda era formado apenas por idiotas que há muito estavam mortos e em suas pequenas carcaças gritavam cânticos de uma celebridade histórica.

Se eu não tivesse sido agraciado com uma segunda vida, jamais teria tido a oportunidade de ver um céu lindamente azul, como era dito nas lendas. Um céu que meu povo miserável havia matado; trocando o lindo azul brilhante pelo cinza nauseante. Perderam a guerra que foi iniciada pelos seres primitivos no amanhecer das eras e agora, no anoitecer, toda a luz enfim se esvaiu. Perdemos a guerra que sempre teve apenas um único lado: o perdedor. Apesar de tantas mortes que ocorreram durante a história, o ser humano achou que jamais teria um fim e que os homens seriam eternamente lembrados pelos que viriam, mas essa louca imaginação jamais poderia ser verdade e, no fundo de suas covas, cada um a aceitou à sua maneira.

PARTE I

[O RECOMEÇO DE GAIA](#)

Memória Um

The End Is Where We Begin

99.930 Depois de Cristo; 97.900 após o Apocalipse

É claro que para vocês, caros leitores, há uma data exata desses acontecimentos que virão a seguir narrados por mim, mas para as personagens de nossa triste história isso infelizmente não ocorreu. O tempo deles fora tomado e assim eles viviam todos os seus dias como se fosse o anterior e o outro antes desse, apenas esperando que a morte logo viesse para encerrar de vez o sofrimento que não tinha previsão para ter um fim.

Após o fim de séculos de sofrimento acreditou-se que os humanos enfim haviam perecido e a Terra acabou sendo tomada pelos insetos que – enquanto os homens guerreavam entre si – iam crescendo e evoluindo até que, anos após o Apocalipse, as baratas tivessem o tamanho de ursos. E o que falar do exército de formigas agora do tamanho de lobos? Os humanos perderam o seu posto máximo na cadeia alimentar após tirar dela milhares de outras espécies, fossem elas aladas, aquáticas ou mamíferas que dividiam o mesmo chão.

Não bastou todo o avanço humano e tecnológico ocorrido no decorrer dos anos, pois o que sabiam os habitantes do século XXI – conhecido em Animália como século decadente – é que tudo que eles fizeram tinha prazo de validade, assim como suas vidas inúteis, toda a fauna e a flora que eles condenavam incessantemente apenas porque já havia se tornado rotina. Eles já entraram no jogo como perdedores, mas fizeram questão de acelerar a sua derrota.

Porém, depois de uma eternidade – levando em consideração a frágil e passageira vida humana – após o Apocalipse, eis que ressurgem das cinzas as primeiras civilizações de humanos – ou devo dizer as últimas? – Não se sabe como e nem o porquê, mas os humanos voltaram para atormentar a Terra como verdadeira peste que são e após milhares de anos no topo, foram obrigados a viver como o lixo que seus antepassados tanto abominaram.

Perderam tudo que os ligava àquela terra, não sabiam do passado daquele lugar e se esqueceram de toda cultura ancestral; inventaram um novo dialeto que englobava partes dos muitos idiomas anteriores, pois o ser humano podia ser completamente desprezível, mas alguns – bem poucos – ainda conseguiam ser geniais.

Viviam entre escombros ou escondidos sob o solo castigado; nesse novo mundo eles eram presas fáceis para os predadores que, por milênios, aguentaram a tirania opressora dos homens que não conseguiriam jamais aguentar todo o fardo revertido a eles no fim dos tempos. O

inferno sempre foi a própria Terra e os humanos, os demônios que a recheavam.

Desses sobreviventes havia um em especial; não recebera um nome, mas sua autoridade adquirida fez valer um: Berenge, palavra que, no dialeto apocalíptico, significava homem forte e ele era tudo que aquele nome deveria expressar. Ele, que nascera diante de todo esse caos, jamais se abalou e aos poucos foi construindo o seu império de lixo, foi chamando outros sobreviventes e tornou-se um líder responsável e admirado por salvar as pessoas da terrível sensação da morte iminente, embora houvesse alguns que dissessem que ele os estava apenas condenando por ainda mais tempo.

O mundo antes do Apocalipse era desconhecido por todos os seres dessa última era de Gaia, embora surgissem visões de um passado distante em sonhos e pesadelos de cada homem que conseguisse fechar os olhos e dormir tranquilamente antes que fosse despertado pela insônia causada pelo medo de morrer. O medo da morte sempre foi e sempre será o maior instinto humano e animal; ninguém gosta de viver, mas nem por isso aceita a morte de bom grado.

Nessa era muitos sucumbiam até mesmo ao canibalismo, mas Berenge era dono de uma moralidade ímpar e não se entregou a isso, fazendo ainda com que todos que quisessem segui-lo abrissem mão de seus instintos bestiais. Muitos o abandonaram, outros, mesmo emburrados, permaneceram, mas alguns – os mais fracos – respiraram aliviados pelo líder que possuíam.

Jamais poderiam ter uma moradia fixa, pois qualquer deslizaria poderia fazer com que inimigos – que indiferente da época, eram muitos – os achassem e logicamente os matassem como pobres animais indefesos que eram.

Como ratos fugindo da luz do sol, os humanos corriam pelo subterrâneo, não eram donos de nada – ao contrário de seus ancestrais – mas em sua época a natureza já não mais optava pelo empréstimo. A fonte se esgotara e pobre daquele que teria que conviver sem ela.

Se tivesse sorte, o grupo de caçadores conseguia matar algum dos insetos gigantes que reinavam sobre o solo e levava o que restava dele para o esconderijo, mas por muitas luas nada era encontrado para caçar e ninguém se atrevia a andar enquanto o sol imponente estava a castigar a terra. Eles estavam fadados ao fracasso e nada que pudessem fazer poderia livrá-los disso.

No esconderijo de Berenge viviam muitas pessoas com medos diferentes, mas que caminhavam em direção ao mesmo destino, o medo supremo da morte. Em especial havia Eleanor, palavra que no dialeto da era significava "solidão".

Eleanor mexeu com Berenge de maneira tão sincera que os burburinhos sobre o

interesse mútuo não conseguiram ser evitados. Naquela era, o amor não existia e há quem diga que ele jamais tenha de fato existido, porém o que eles sentiam um pelo outro era algo inexplicável e desconhecido por todos daquele esconderijo. Deveria ser o tal do amor.

O casal passava horas conversando sobre nada, afinal naquele mundo perdido não havia do que falar, mas eles simplesmente falavam. Como se eles já se conhecessem há muito tempo, cientes de que a vida era uma pequena existência, pequenina demais diante dos olhos dos mais poderosos seres do universo; como se tivessem voltado para a Terra como forma de punição e em uma dessas punições eles se conheceram e naquela era se reconheceram de imediato.

Em um dia qualquer da última era, Berenge ousou perguntar sobre a vida de Eleanor antes dele a ter em seus braços. Ele sabia que era algo que dificilmente ela gostaria de falar, mas mesmo assim tentou, pois a curiosidade era uma excelente qualidade humana, mesmo que na maior parte do tempo poderia ser considerada um defeito.

A mulher hesitou e acabou mudando habilmente de assunto.

- Você acredita que pode haver alguém muito poderoso nos observando? – ela jogou no ar para que Berenge pegasse.
- Acho que, se existisse, o mínimo que ele poderia fazer por nós seria ajudar – respondeu ele com receio em sua voz.
- Talvez ele não tenha esse poder – disse Eleanor.

– Então ele não é poderoso – vociferou Berenge.

Percebendo que isso acabaria deixando-o irritado, foi direto ao ponto.

- O Acaso é um ser poderoso – ela fez uma pequena pausa e o encarou com olhos sinceros e antes que ele pudesse dizer algo, segurou-lhe a mão, passando a confiança que ele precisava, e enfim continuou. – Enquanto todos te abandonam, ele é o único a permanecer e costurar a sua linha da vida, para que ela dê de encontro com outra pessoa que precisa tanto de ajuda quanto você, que sofre o mesmo que você e que possui a mesma gana por viver.
- Ele me levou até você – disse Berenge sorrindo.
- Gosto de pensar assim. Onde eu estava era sempre tudo muito triste e eu gostava de criar histórias para não mais me sentir assim, mas aí você veio e eu nunca mais senti aquela solidão. – Disse, com os olhos cheios de lágrimas, a mulher de cabelos negros como a escuridão do mundo e assim como todos, com a pele branca como a lua dizia ao homem forte dos cabelos encaracolados e pretos, assim como a tonalidade de seus olhos.

- Aqui sem você eu também me sentia muito sozinho – ele completou.

- Mas você é o líder de todos, jamais se sentiria sozinho – Eleanor rebateu.

-Sem você eu sempre fui, e eu diria que se existe felicidade é quando eu estou contigo – eles pararam de falar e ficaram fitando um ao outro, com os dedos passeando pelos braços e com os lábios enfim se encontrando. A felicidade de ter outro alguém com quem se importar era parte do instinto humano e isso seria eternamente preservado. Ainda que, por milhões de vezes, todos os defeitos sobressaíssem e colocassem tudo abaixo, as coisas mais belas conseguiriam sobreviver.

Três luas antes

Eleanor estava deitada no chão frio como a morte e duro como a vida, chorava simplesmente por já ter se acostumado com isso, chorava mais do que respirava, pois sofrer já havia ultrapassado viver em sua pequena lista de afazeres que não era constituída por muito, a não ser por muitas dores e pouca esperança, apesar que no mundo em que ela vivia ter o mínimo de esperança já deveria ser considerado surpreendente.

Nesse mundo sobreviviam apenas os mais fortes, aqueles que conseguissem dominar o maior número de pessoas, aqueles que sem dó nem piedade esfaqueavam os outros semelhantes. Todavia, sendo bem sincero, eu penso que sempre foi assim independente da era em que os humanos viveram. O caos sempre foi temido, por isso usavam de opressão para repreendê-lo. O caos era a essência humana, aquela que não compactuava com a essência da sociedade.

A base da essência que prevaleceu era a corrupção e não aquela que busca bens materiais, mas sim de bens morais. Há quem diga que a moralidade fosse algo presente, mas um em milhão jamais faria a diferença.

Berenge pensava diferente dos homens de sua época, não buscava poder, mas fizeram com que ele o aceitasse. Não buscava machucar o próximo, mas fizeram com que ele machucasse. Ele só queria viver, ao menos tentar. Isso, é claro, fizeram com que se tornasse praticamente impossível.

Ele organizava os homens e mulheres que estavam aptos à caçada; era lua cheia e sempre quando ela aparecia no topo do céu eles tinham mais iluminação, alguém para guiá-los no frio crepúsculo dos tempos. A lua, há quem diga, resiste na Terra desde tempos imemoriais; que ela é uma deusa protetora, pois mesmo após inúmeras catástrofes causadas pelos próprios humanos jamais os abandonara. Embora essa vontade certamente tenha feito parte de seu cotidiano.

Na lua cheia anterior, não conseguiram capturar alimentos e em contrapartida tiveram dois de seu grupo levados por canibais e os que conseguiram fugir sofreram graves ferimentos e vieram a falecer não muito tempo depois. Agora eles estavam num total de trinta, entre homens e mulheres, e cada um poderia ajudar da forma que conseguisse.

– Vamos pedir proteção para a Lua antes de sairmos – disse Berenge para o seu grupo de caçadores e com uma pequena oração terminando com gritos eufóricos, saíram para mais uma batalha.

Eles saíam numa mistura de medo e destreza, afinal não tinham nada a perder. Mas o nada que tinham era o que os fazia querer viver. Não me peça respostas, os animais selvagens nunca pedem pela morte.

Ao alcançarem a superfície tudo que podiam ver era o vazio escuro e a incrível lua que tentava guiá-los na companhia de estrelas pequeninas embaçadas pela forte camada de poluição deixada como herança pelos antepassados.

No solo, apenas a canção do silêncio e ao longe onde os olhos não conseguiam chegar, gritos que eram quase inaudíveis, mas amedrontadores. Tanto homens quanto animais eram grotescos. A guerra nunca teve um começo, mas sempre existiu e covardemente nunca teve um final. Apesar de todas as perdas que ela causou.

Berenge e seu grupo caminharam muitos passos e só encontraram a brisa gelada e a neblina tornando-se cada vez mais espessa, cegando os humanos já cegos pela vida. O ambiente não mudou, até que eles começaram a ouvir milhares de passos vindos de uma mesma direção. Era um exército.

– Se escondam ali! – Berenge gritou e apontou para uma enorme pedra que por sorte estava adormecida no caminho e servia para a proteção de todos. Ele e o restante de sua comitiva se esconderam atrás dela e de lá conseguiram ver com certa dificuldade os causadores de tamanho estrondo.

Enquanto isso, em um acampamento não muito longe dali, dezenas de pessoas eram servidas como jantar e muitas outras escravizadas.

Eleanor era uma delas.

Já não estava mais deitada num canto, mas o choro ainda era o seu único companheiro. Tinha que arrumar o acampamento de seus senhores: amontoava as pedras até formar enormes pilares. Eleanor e nenhum escravo sabia o motivo de ter que trabalhar naquilo, mas eles não possuíam escolha. Havia sido capturados e tirada até a última gota de esperança de uma situação melhor; estavam fadados ao sofrimento.

– Vamos! Mais rápido! – gritava um dos cinco senhores principais daquele grupo.

Não tinham noção de tempo, mas o corpo frágil alertava que estavam esgotados. Eleanor estava exausta, faltava-lhe lágrimas para a extensão de seu sofrimento, mas seguia firme carregando as pedras que juntas davam quase o seu tamanho.

Ao seu lado, um dos escravos tombou.

O peso das pedras sobrepondo o corpo esguio e desnutrido do homem não poderia ter outro resultado senão sua queda e com as pedras lhe esmagando as mãos. Não demorou muito para que comesçassem os murmúrios entre os trabalhadores.

– Inúteis! Parem de fofocar, voltem ao trabalho – um dos senhores tentou restaurar a ordem, sem sucesso. O caos tomara o local.

De pequenos burburinhos entre os escravos surgiu um enorme tumulto que os poucos senhores que detinham o poder não conseguiriam conter por um bom tempo.

Era uma rebelião.

Não muito longe dali havia um enorme tumulto, mas diferente do acampamento não era causado por humanos. Berenge e seus companheiros estavam escondidos e da pedra onde estavam conseguiram ver milhares de formigas com enorme disciplina marchando sem direção – ao menos é o que pensavam os humanos a observar tantos seres de uma mesma espécie juntos. Estavam maravilhados tanto pela quantidade quanto pelo barulho que aquele exército de formigas fazia.

As maiores chegavam a ter o tamanho de Berenge de quatro. Eram enormes. E o capitão da comitiva humana acreditou que aquelas formigas gigantes fossem as líderes de seu grupo, pois as outras chegavam apenas a ter metade desse tamanho, embora continuassem muito grandes e com certeza muito fortes também. Nenhum humano ousaria interromper a marcha daquele exército.

Após alguns minutos, todas as formigas haviam passado e os seus passos eram ouvidos ao longe. Conforme a poeira baixou, o grupo de humanos saiu de seu esconderijo e recomeçou a sua jornada em busca de alimento.

As formigas certamente haviam espantado a grande maioria dos seres vivos, mas os humanos não tinham escolha e não poderiam seguir na mesma direção do exército que há pouco passara. Teriam que torcer para que encontrassem algo. Ou que fossem encontrados.

Andaram por horas e nada encontraram, a lua já estava sentada em seu trono no topo do céu e de lá observava os pobres portadores da maldição terrena serem mais uma vez malditos. –Berenge, não acho que conseguiremos algo hoje – falou um homem alto, certamente o mais alto

- de todo o grupo. Edpo, o braço direito do capitão.
- Mas se não acharmos hoje, quando acharemos? Não é como se voltássemos amanhã e isso aqui estivesse cheio de monstros para caçarmos – retrucou Berenge com voz atônita.
 - Estamos perdendo tempo aqui, aquelas formigas certamente acabaram com toda a possibilidade de conseguirmos encontrar algo. – Berenge ficou em silêncio, pois sabia que o que Edpo falava tinha fundamento. Encarou-o por alguns segundos até que toda a comitiva ouviu gritos humanos e desesperados próximo dali.
 - Se há humanos, pode haver comida – o braço direito do chefe completou.

– Não devemos roubar outras pessoas – respondeu secamente o capitão.

- Pela Lua que nos ilumina, Berenge! – Edpo nem precisava dizer mais nada, pois essa reação já dizia muito e Berenge sabia que de fato seria inevitável: teriam que ir onde começava aquele enorme tumulto.
- Vamos, sigam-nos! – gritou o líder com Edpo ao seu lado. O restante dos humanos começou a segui-los guiados pelo barulho dos gritos desesperados que outros sofrendores jogavam para a noite.

O caos estava instaurado no acampamento, os senhores haviam perdido todo o controle que possuíam sobre os seus escravos e precisavam de algum modo contornar este problema. Decidiram por usar do método ancestral que sempre foi muito eficiente: a violência. Puxaram as suas armas, pedaços podres de metal como se fossem clavas, espadas de pedra que retiraram do solo castigado e chicotes feitos com pele humana.

Todavia, os escravos haviam arquitetado um excelente plano e sabiam da remota possibilidade do uso da violência por parte de seus patrões. Usaram as pedras como revide. Jogavam as enormes pedras de um lugar para o outro e os mais próximos dos senhores escravistas pós-apocalípticos faziam um esforço extra para acertá-los. Iniciou-se mais uma batalha no campo de guerra mais disputado de toda a galáxia.

Eleanor aproveitou-se da confusão para se esconder e pensar de maneira sucinta em sua própria fuga. Assim como ela, muitos outros haviam feito o mesmo deixando apenas alguns – ainda assim num número maior que os senhores – para lutarem por eles. Porém, eram um grupo gigante de escravos famintos contra alguns dos senhores mais fortes e saudáveis que moravam naquele lugar horrendo.

Em uma batalha desigual e de certo modo injusta, como na maioria das batalhas ocorridas em tempos passados, os senhores iam conseguindo dominar os escravos que mal podiam com o peso de sua própria arma. Até que foram surpreendidos.

Não demorou muito para que Berenge e seus companheiros chegassem ao acampamento de onde ouviram os gritos sendo jogados para a Lua. Estavam sem nenhum mantimento e aquela jogada seria crucial para a sobrevivência de todo o bando. O capitão, por mais contra que fosse prejudicar outro ser de fora de seu meio, sabia que isso seria, hora ou outra, inevitável e lá estava ele, pulando no meio do desconhecido com a sua arma nas mãos.

Os canibais haviam sido surpreendidos. Apesar de serem homens destemidos, estavam em choque e muitos acabaram caindo sem nem ao menos lutar. Não havia diferença numérica, mas Berenge e seus companheiros estavam de sangue aquecido, lutando ferozmente sem dar chance alguma de recuperação.

Edpo mostrou-se um guerreiro feroz; ele era um gigante e isso amedrontava os canibais. Os poucos senhores mais experientes também não resistiam perante tamanha destruição. Sua arma era uma espécie de martelo de pedra e ele a usava com tamanha facilidade que era de espantar até o guerreiro mais experiente, no caso o seu líder Berenge.

O capitão, diferente de seu braço direito, era rápido e usava sua agilidade ao invés da força; usava um pedaço de metal fino que, apesar do tamanho, era afiado como a presa de uma formiga que, somada à sua se tornava uma arma de fato mortal. Com a mesma facilidade com a qual ele se esquivava, ele estocava seu oponente que nada podia fazer a não ser aceitar a própria morte.

Em pouco tempo o acampamento estava pintado de vermelho e os escravos ficavam tão abismados quanto gratos pela vinda de homens que em teoria, os salvariam. Muitos receavam serem feitos escravos por estes novos e poderosos senhores e assim fugiam escuridão adentro. Mas Eleanor foi uma das que ficaram.

Observava tudo com imenso fascínio. Presenciou diversas matanças, mas aquela acabou sendo diferente. Estava hipnotizada por Berenge, seguia todos os passos dele, suspirava a cada golpe bem aplicado e torcia como a mais fanática torcedora de tempos passados.

A comitiva de Berenge sofreu algumas baixas, o que não poderia de jeito nenhum ofuscar a brilhante vitória naquela batalha frente aos canibais. De prêmio, mais algum tempo de vida naquela prisão seca e mortal.

–Eu me chamo Berenge e estes aqui são meus companheiros; buscamos por comida e queríamos saber se há um estoque deixado pelos canibais – ao se calar, Berenge esperou que os escravos que haviam ficado falassem algo. Esperou por um bom tempo até que Eleanor calasse o silêncio com a sua voz macia como um abraço.

–Eles deixam ali – e apontou para um canto onde havia algumas cadeiras de ossos além do que poderia ser considerado comida.

–É carne humana, eu não preciso disso – replicou Berenge.

- Berenge! Nós precisamos! Se não for isso, morreremos um por um definhando de fome! – intercedeu Edpo, que estava ao seu lado e claramente irritado pela recusa de seu capitão. Quando Berenge havia abolido carne humana em seu acampamento, Edpo quase desertou com os outros, mas após uma conversa com o seu capitão acabou mudando de ideia. Novamente seus ideais batiam de frente.
- Não precisamos dessa carne regada de sofrimento! – Rugiu Berenge para todos ouvirem em alto e bom som.
- E quem é você para dizer que a carne de barata que nós comemos não contém sofrimento? Elas são gigantes e poderosas e certamente não planejam serem mortas. Elas apenas tentam sobreviver como nós tentamos – disse Alyasci, uma mulher extremamente pequena, com olhos esbugalhados e cabelos negros encaracolados e que não costumava falar muito, pois realmente poucos lhe davam atenção no acampamento devido à sua estranheza.
- Ela tem razão! Talvez você possa discordar em matar pessoas para sobreviver e eu posso até concordar com isso, mas ali há comida para alimentar todo o nosso acampamento e eu acredito que isso não deva ser escolha exclusiva sua e sim de todo o grupo – Edpo encerrou seu discurso regado de aplausos pelos companheiros.
- Quem acredita que devemos levar esta carne de canibais para o nosso acampamento? – ao terminar o questionamento, Berenge viu que todos levantavam as suas mãos e suspirou, pois sabia que apesar de ter ganhado a luta, havia perdido a principal batalha. A batalha idealista. – Então tratem de conseguir levar tudo isso para lá – completou.

Enquanto a sua comitiva se organizava para levar a carne, Berenge fitou os escravos que o encaravam e nessa primeira ocasião viu Eleanor e assim como ela, seu mundo inteiro pareceu brilhar. Sentiu algo que jamais havia sentido e por alguma razão sabia que isso tinha a ver com aquela escrava.

- Vocês, escravos dos canibais que restaram aqui, não quero ser como os seus antigos senhores, quero que vocês tenham direito de escolha neste mundo cruel. Vocês podem escolher formar um novo grupo e viver por aí, ou podem entrar para o nosso grupo. – Berenge era um grande orador, pois até mesmo quando enfeitiçado pela bela escrava de cabelos cor da noite e de pele cor de lua, conseguia exercer com louvor o seu papel como líder.

Ao proferir suas palavras, alguns escravos vieram até a sua frente e se ajoelharam, apenas para que ele os levantasse e desse ordens para, de alguma forma, eles ajudarem os outros membros do grupo com os alimentos e assim todos foram agindo obedientemente; o que antes faziam por medo, agora faziam por admiração.

Sobrou apenas ela, que se aproximou aos poucos sem tirar os olhos dos dele, que suava frio como se estivesse perto da própria morte e como se pela primeira vez lhe tivesse sido roubado o dom da voz, pois não conseguiu dizer uma única palavra para a desconhecida antes que ela se pronunciasse.

- Eu sou Eleanor – disse ela, que se sentia da mesma maneira que Berenge. Sentia algo que para

eles era novidade, uma nova doença descoberta naquele tempo pós- apocalíptico.

–Berenge – finalmente conseguindo dizer algo e logo abrindo um largo sorriso, imediatamente interrompido pelo seu espírito de chefe. – Comida, temos que pegar, ajudar. – Rindo, Eleanor passou por ele deixando que seu aroma o penetrasse e fizesse com que ele tivesse arrepios antes de segui-la.

O caminho até o esconderijo foi calmo e tranquilo conforme a lua se despedia dos sofrendores e aos poucos o sol se preparava para retomar o seu posto. Os humanos eram criaturas naturalmente tristes, mas havia momentos em que o riso saía fácil, por pouco tempo todas as preocupações sumiram e deixaram apenas a pureza do ser agir. Voltavam felizes, mesmo que fosse apenas por aquele pouco tempo antes de reassumirem a sua triste realidade.

Memória Dois

Make Believe

Eleanor, não muito tempo depois, começou a ficar doente. Seu sangue parou de cair e suscetíveis enjoos a perseguiram. Berenge estava desesperado acreditando que ela pudesse partir como tantos outros partiram e não queria aceitar que aquilo tão normal pudesse acontecer com a mulher por quem ele sentia tanto afeto. A mulher que ele amava. Embora não soubesse o que era o sentimento de amor, certamente sabia o que ele simbolizava.

Luas se passaram e Eleanor começou a crescer. Sua barriga inflava com o tempo e até foi discutido – sem a presença de Berenge – que ela deveria ser sacrificada, pois estava ganhando muita carne e seria o melhor para o grupo, mas é claro que isso jamais foi passado adiante. Ainda assim todos a olhavam com um olhar estranho, desconhecido.

–É como se houvesse algo dentro de mim – dizia Eleanor sempre que alguém lhe perguntava e o espanto era sempre o mesmo, monstruoso! Como se ela fosse um ser tão terrível quanto as baratas que eles caçavam.

Vale constar que a natalidade não era algo comum naquela época. A radiação, mesmo que em uma fraca quantidade, deixava todos os seres estéreis, causando uma dúvida ainda maior: Se os seres humanos viventes daquela época eram estéreis, como eles surgiram? Uma pergunta natural e que jamais havia assombrado os sobreviventes daquele planeta.

Berenge estava perdido. Via sua amada praticamente dobrando de tamanho e nada que ele fizesse a ajudava. Uma terrível e rara doença tirava a vida de Eleanor e perdido em seus devaneios, o capitão – quase definhando – acabou encontrando uma solução: pediriam ajuda para a Lua.

Esta deveria estar completa no céu em questão de alguns dias, tempo suficiente para Berenge pensar e trabalhar no primeiro ritual completo para algo que os humanos não tinham total compreensão desde o fim da última era.

–Pedir ajuda para a Lua? Que ideia idiota, Berenge, ela pode nos proteger em nossas caçadas, mas é porque ela pode ficar no céu inteiro! Sua luz nos guia, mas simplesmente porque ela não deve ter coisa melhor para fazer a não ser nos ver sofrendo. – Esbravejou Edpo que, como braço direito de Berenge, foi o primeiro a ouvir o seu plano.

–Acredito que ela possa ajudar Eleanor a melhorar – confessou Berenge. Justo você que é o que menos crê nela, hein? – perguntou Edpo enquanto abraçava o seu antes de tudo, amigo. – A mini-lua mexeu mesmo contigo e francamente acho que ela pode ser ajudada, as duas são quase idênticas! Ainda mais com aquela barriga gigantesca! – brincou ele gesticulando com os braços e imitando a maneira como Eleanor se locomovia vagorosamente pelo acampamento, isso quando

fazia, pois nos últimos dias ela passava quase que o tempo inteiro deitada num canto sendo cuidada pelas anciãs.

–Pare com isso! – gritou Berenge claramente irritado, o que fez com que Edpo batesse três vezes em suas costas antes de sair do canto em que estavam, gargalhando para que todo acampamento pudesse escutar.

O capitão do último bando de primatas passou o resto de seu tempo pensando e desenhando nas paredes do subsolo. Como eles poderiam agradar algo ou alguém que já tinha toda imensidão do céu estrelado ao seu dispor?

Eram seres humanos fadados ao sofrimento, assim como Eleanor estava fadada à morte por aquela doença ainda desconhecida e nada que Berenge tentasse poderia mudar o terrível destino humano já traçado antes de sua compreensão.

Reservou parte do seu tempo para conversar com Ganrey, bela mulher de pele pálida e cabelos castanhos que, dos membros do acampamento, era a que melhor conhecia sobre os mistérios celestes, que mais observava o céu e quem recheava as paredes do esconderijo com o desenho das constelações.

"As estrelas mostrarão o nosso caminho" era o seu lema.

–A Lua precisa saber que queremos falar com ela – pontuou Ganrey. – Precisamos de uma fogueira para iluminar a terra como ela ilumina o céu! – completou.

–Uma fogueira, ok, o que mais? – perguntou Berenge, num misto de impaciência e preocupação.

–A fogueira será a Lua, precisamos ser as estrelas! – disse a sobrevivente enquanto começava a rodopiar.

–Como seremos as estrelas? Ei, pare de girar! – gritou o capitão arrependido de tê-la chamado. Ela nem pareceu notar o tom raivoso da voz de Berenge e pôs-se a falar novamente com a suavidade de sempre em sua voz.

–As estrelas dançam com a Lua no céu, temos que dançar como elas! – respondeu a garota com um sorriso bobo em seu rosto.

–Dançam? – perguntou o seu líder misturando confusão com os seus sentimentos.

–Lógico! Elas nunca estão no mesmo lugar, elas se mexem, dançam por todo o céu! – clarificou Ganrey, embora Berenge não tivesse se convencido disso.

Dançar ao lado de uma fogueira, essa é a sua ideia? – perguntou-lhe de forma indiferente.

–Sim, ué. Foi você que pediu minha ajuda, não deveria duvidar de mim. Eu disse o que vejo das estrelas. Devemos copiá-las! – com a última frase ela rodopiou mais algumas vezes antes de cair no chão. – Vamos dançar até cair! – gritou para que Berenge simplesmente desse o sinal para

que ela fosse para bem longe.

Não podia negar que a mais "inocente" de seu bando tinha dado uma sugestão melhor do que tudo que ele já havia pensado anteriormente, mas não sabia como faria com que as pessoas de seu grupo, guerreiros natos, dançassem com ele e Ganrey. Viver era de certa forma muito estúpido. Viviam muito bem e agora tinham que dançar para pedir ajuda para a Lua! Quanta humilhação para o tão respeitado líder dos últimos primatas.

Berenge foi ao encontro de Eleanor. Fazia um tempo que eles não se viam e o sorriso de Eleanor – combinado com a dor que sentia – continuou radiante como sempre. Seu amante não conteve o riso de felicidade ao vê-la sorrindo daquela maneira. Em contrapartida, sentia por vê-la debilitada como estava.

– Logo você estará bem – dizia Berenge para Eleanor que havia deitado em seu colo enquanto ele afagava o seu cabelo. – Logo você estará bem... – em épocas monótonas como aquela não havia caça, mas ainda assim a morte era presente. Acompanhava de mãos dadas todos os pobres seres que lá viviam e Berenge, enquanto sentia o cabelo de Eleanor se esconder entre os seus dedos, sentia que em pouco tempo aquilo não mais seria possível.

Passaram horas simplesmente quietos, apenas aproveitando o singelo carinho que davam e recebiam como uma despedida ou talvez a oportunidade de recomeçar um novo mundo. Seres humanos são imprevisíveis, a morte nunca foi o verdadeiro tabu. A vida sim.

Berenge voltou o seu foco ao ritual que ele tinha que planejar. Sabia que a dança era o melhor que poderiam arranjar, mas como dançar e por quê? Tais questionamentos faziam dele um prisioneiro perdido em seus próprios devaneios até ser resgatado por Doni, que chegou ao seu lado e começou a cutucá-lo. Doni, que no dialeto comum daqueles primatas significava ‘sem voz ou sem expressão’, dependendo do contexto.

Doni era mudo, mas conseguia se comunicar de alguma maneira com os companheiros através de sinais e muito esforço com a sua mímica. Encontrou o seu capitão deitado de olhos fechados e tinha uma ideia que precisava ser expressa, mas como um mudo poderia, com sucesso, explicar o que ele estava pensando?

Os seres humanos são incrivelmente hábeis em se adaptar aos problemas que têm de enfrentar. Muitos pensavam que o mudo era incapaz de compreender o que era lhe dito, de entender o seu propósito, mas Doni ensinava a todos do grupo que ele tinha o seu valor, tanto como guerreiro quanto estrategista, embora fizesse isso com muito menos frequência para poupá-los de terem que traduzir cada pensamento seu.

Ao ver que Berenge havia acordado e mergulhava fundo em seus olhos, com uma curiosidade incomum e talvez esperança de que ele tivesse respostas, ou ao menos mais uma parte do quebra-cabeça que ele tinha que terminar antes da ascensão da Grande Lua, Doni tirou de um pequeno saco algo feito de osso e mostrou ao seu capitão.

– O que é isso, Doni? – perguntou-lhe enquanto pegava o estranho objeto em mãos. Este, que

havia sido muito bem trabalhado, continha alguns furos em uma sequência estratégica, mas Berenge ainda não compreendia quais eram as intenções de seu camarada sem voz.

Doni tomou o instrumento de osso das mãos de seu líder e o aproximou da boca. Dele, pela primeira vez presenciado por outro alguém, saiu som. Era simples, delicado e ao mesmo tempo bonito, diferente de tudo o que Berenge já tinha ouvido em vida, uma harmonia antes sem igual. Doni havia feito música.

–Isso... é surreal Doni, como conseguiu? – perguntava Berenge ainda em choque ao ouvir a melodia sem sincronia de seu companheiro.

Ele tentou responder por meio de sua linguagem de sinais. Mão no coração, subindo e indo até a boca, de onde deveria sair som, nada saía. Porém, a flauta feita em osso produzia um som ainda prematuro, um assobio gentil e que ainda era desconhecido. Doni faria de sua música a sua voz.

–Mas o que podemos fazer com isso? – antes que Doni pudesse formular alguns sinais para tentar responder o seu capitão, Ganrey apareceu saltando de trás de algumas pedras e começou a representar o músico mudo.

–Música e dança andam lado a lado – ela disse.

–Com que certeza você me fala isso? – Berenge parecia incomodado com a presença dela, mas não poderia negar que conversar com alguém que pode te responder da mesma maneira era muito mais agradável.

–Eu apenas sei, você está seguindo a sua intuição para salvar Eleanor não está? Então não deveria desmerecer as minhas! – gritou Ganrey que parecia brava, mas que, em um piscar de olhos, voltava novamente a sorrir – Doni fez essas belezinhas com os ossos daqueles que já partiram e tem mais delas, pois precisaremos de mais do que apenas uma além de um outro tipo de sonoridade.

Ganrey voltou para trás das pedras de onde tirou o que parecia outra pedra menor e nela batendo, ia emitindo um som oco de batalha. Ela havia sido esculpida para parecer com uma tigela, mas era revestida com pele humana, o que dava um som feroz e intimidante, além de reconfortante.

–Temos esses dois tipos de instrumentos, eu os chamo de assobio e batuque, mas Doni acha que flauta e tambor sejam nomes mais adequados – concluiu a menina com ambos os itens em suas mãos.

–Espera! Como ele te deu esses nomes? – Berenge perguntou curioso.

– Vocês precisam ouvir mais a voz que vem de nossas almas – respondeu ela de forma sucinta.

Seu capitão parou e ficou olhando-a; depois, mudando o foco para Doni que parecia

acanhado, Berenge dirigiu a palavra uma última vez:

– Doni, ensine os outros a tocar este tambor e a flauta... pode fazer isso por mim?

Apenas acenando, o jovem sem voz saiu a passos rápidos tomando ambos os instrumentos das mãos de Ganrey deixando Berenge sozinho com ela.

– Será tudo tão lindo capitão – dizia a garota com toda vivacidade que naquele mundo não parecia existir.

– Será, mas você já pode se retirar por agora Ganrey – pediu com gentileza.

–Pense só: teremos dança e música, a Lua ficará orgulhosa de nós! – ela continuou perdida em seus pensamentos conversando sozinha até que começou a cantarolar e rodopiar por todo o espaço reservado para o seu líder.

–Pode ir Ganrey! – mas ela parecia não dar ouvidos aos pedidos de Berenge e continuava em sua dança desvairada.

–Ganrey! – com um grito, salvando o pouco de autoridade que ainda lhe restava com aquela menina, fez com que ela voltasse àquele mundo e desse um pouco da atenção que devia a ele.

–Oi, me chamou? – perguntou com toda a inocência que só ela poderia ter.

–Prepare todos para o nosso ritual – ordenou Berenge que saía derrotado de seu espaço, desolado pelo fato de que mesmo sendo o líder de todo o grupo não conseguia fazer com que uma garota de meia vida prestasse atenção em metade do que ele falava e que não fosse relacionado com as suas danças.

Ele foi até o canto onde Eleanor estava, mas nada pôde fazer já que ela estava dormindo e Berenge sabia que sua amada merecia aquele descanso, pois raramente conseguia adentrar o mundo dos sonhos devido à dor que a perseguia. Seu plano havia se espalhado pelo acampamento e uma grande maioria, por mais respeito que tivessem para com seu capitão, não aprovava a sua ideia. Eles eram caçadores, não dançarinos. Eles precisavam de comida, algo que eles duvidavam que seria dado de forma fácil pela gigante lunar simplesmente por dançarem para Ela.

Berenge não os culpava, pois nem mesmo ele se sentia confortável o suficiente para concluir o que ele acreditava ser a única maneira de salvar Eleanor, mas pensava que tudo que eles poderiam fazer já tinham feito e tudo mostrou-se ineficaz. Desta vez teriam que ousar.

Sabia que não poderia forçar seus companheiros a fazer algo idiota e sem propósito; teria que convencê-los a participar de sua causa, mas todos eles já tinham vivido o suficiente para ver muitas pessoas morrerem e teriam que ser incrivelmente comovidos para aceitarem participar do ritual para salvar uma vida.

Doni havia conseguido recrutar alguns sobreviventes e juntos tocavam a Música que assustava tanto quanto admirava quem a ouvia, transcendendo a época em que eles viviam. Com a pequena banda formada, faltavam apenas aqueles que formariam um chão de estrelas. O que se mostrou ser um terrível problema.

Ganrey não obtinha o mesmo bom desempenho que Doni e simplesmente dançava sozinha enquanto os outros debochavam dela que, como sempre, parecia nem notar as ofensas gratuitas que recebia. Berenge pareceu preocupado e a puxou ela antes que ela rodopiasse para longe.

– Eles precisarão saber como se dança – pontuou.

– E eles sabem. Todos eles – respondeu Ganrey sempre muito tranquila.

– Como? – perguntou para ela.

–A dança está em nosso interior e no momento mais oportuno ela aparecerá para cada um – Ganrey sorria para Berenge que pela primeira vez em muito tempo, retribuía.

–Ganrey, o que te faz acreditar em tudo isso? – ele perguntou o que há muito tempo martelava em sua mente.

–Tudo isso o quê? – ela replicou.

– Nas estrelas, na harmonia e sempre estar sorrindo, estar feliz. Como você consegue?

– Berenge especificou.

–Hum... eu estou sempre sorrindo, pois é assim que eu sempre me sinto! As estrelas me contaram tudo capitão, somos apenas cobaias de um teste divino. Somos brinquedos de gigantes e que sorte a minha! Eu adoro brincar! – Ganrey se agachou no chão e começou a desenhar com os dedos enquanto respondia a Berenge que atentamente ouvia aquela que ele sempre julgara como louca, mas algo em sua voz mostrava que ela era a mais sábia de todos.

–Como você pode afirmar isso? – Finalmente conseguindo formular uma frase Berenge ainda tentava assimilar todas as informações recebidas.

–Não sei como, só sei que é assim. É parte de mim – ela então levantou e suspirou. – Falta pouco para a Grande Lua, temos que nos arrumar para receber visitas – e saiu rodopiando e cantarolando como sempre fazia, deixando Berenge sozinho com os seus medos e incertezas.

Em pouco tempo a Grande Lua estaria sobre eles e Berenge sabia que como líder, teria que se impor, teria que fazer as estrelas e os humanos dançarem juntos para que Eleanor pudesse sobreviver. Para que o amor não morresse naquele mundo desgastado.

Madeira... precisavam de madeira e ele sabia como era difícil encontrá-la. Sempre foi o

bem mais valioso, mas enquanto havia em abundância foi subestimada e agora no ápice da sobrevivência, morriam sem ela. Raros os gravetos que conseguiam encontrar, mas – sabe-se lá como – encontravam. Talvez a Mãe Lunar os abençoasse ou sentisse pena e lançasse ao chão míseros pedaços do que um dia foram florestas colossais.

Teriam também um outro obstáculo: a possibilidade de que, como era comum, a noite soprasse a sua gelada decepção em cima da terra o que certamente apagaria a chama da vida de Eleanor, culminando em nada a não ser a sua morte na última cartada orquestrada pelo seu amante.

Berenge e Edpo, sendo os dois mais experientes de todo o esconderijo, saíram para o mundo antes de todos e foram cegados temporariamente pela fúria da enorme bola de fogo que diariamente castigava os já em demasia castigados. Ela simplesmente não sentia pena dos seres que lá viviam. Eles acreditavam que o Grande Sol assim como a Grande Lua, sempre esteve lá e um dia pôde ter sido a principal fonte de vida, mas que havia se cansado e assim exterminado todos; mas de alguma forma, eles continuavam lá. O mistério da vida seria sempre uma incógnita independente de sua era.

Cada um se cobria como podia, com restos de panos das pessoas que já haviam perdido o jogo, com as peles dessas pessoas e o que mais conseguissem para se sentirem seguros. Tentavam ser o menos possível atingidos pelos raios solares. Besteira. Não havia nada que o Senhor da Luz, o deus da morte, não poderia alcançar e não seriam seres minúsculos que ousariam desafiá-lo e sobreviveriam sem nenhuma grave cicatriz.

Cada um levava um pouco dos gravetos que conseguira encontrar noites antes e deixaram todos em uma pilha não muito longe da entrada do esconderijo. Formaram uma espécie de cabana em cima da fogueira para que a luz não a queimasse antes de estar pronta. Levaram alguns minutos para formar a pira como eles achavam ser o correto e levou questão de segundos para saírem antes que o ser mais poderoso daquela jaula lhe lançasse fogo.

– Temos que voltar antes que os próximos a queimar sejamos nós – a dupla falou em uníssono – e sem mais nada a dizer encararam-se e acenaram com a cabeça como se tivessem lido o pensamento um do outro. Voltaram correndo para o buraco de onde saíram.

Acredito que seja do senso comum que você só perceba o que de fato ocorreu quando isso termina. E dessa forma foi o que aconteceu com os mais fortes homens de sua era. Por sorte ou por destino, ninguém com um propósito acaba morrendo antes da hora.

Estavam exaustos, embora não tivessem ficado muito tempo fora da proteção do subterrâneo. Estavam suando e aos poucos tiravam grande quantidade de pele – agora praticamente assada – de cima de seus corpos e perceberam quem eles haviam desafiado.

– Merda! – gritou Edpo com a ferocidade que só ele em todo o grupo possuía. Ele que naquele momento rodeava os dois principais nomes de sua irmandade.

– O que foi? – perguntou Berenge com a preocupação que contava por todos ali presentes.

Edpo não respondeu, simplesmente esticou o braço para que seu amigo pudesse ver: um braço pálido tendo como complemento uma mão anoitecendo. Bolhas surgiram na região que ia enegrecendo para o terror de Berenge que não sabia como agir em uma situação como aquela.

Seu terror passou para todos do esconderijo que começaram a se aproximar e cada um olhava e saía espantado pelo que via. Um início de gritaria começou, mas Berenge havia conseguido se controlar e ditava novamente a ordem do local.

–O que você está sentindo? – ele perguntou se virando para o amigo agora sentado com o braço direito apoiando o esquerdo ferido sem piedade pelo Sol.

–Um pouco de fome... não seja idiota! Eu estou morrendo, merda! – atacou Edpo que não aguentava tamanha dor. – Arranque a minha mão fora, arranque! – suplicou.

–Eu não posso fazer isso, você sentirá ainda mais dor e pode acabar morrendo pelo ferimento maior – negociou Berenge preocupado com a saúde do amigo. Estava fazendo tudo isso por sua amada, mas até aquele momento estava cego pelo amor e agora com os olhos na realidade percebeu que estava colocando todos do seu grupo em perigo. Hesitou.

–Que o Sol te queime, Berenge! Apenas arranque a merda da minha mão! – Edpo ordenou mais uma vez com a fúria vazando de seu corpo – antes que eu te bata com ela até que eu mesmo a arranque! – ameaçou.

- A lâmina, por favor – pediu para alguém da plateia que havia se formado em volta deles. A lâmina era o raro aço afiado que haviam encontrado e como era um único item ficava guardada para momentos de extrema urgência, o que era o atual caso.

Um dos homens do acampamento, que Berenge sequer conseguiu identificar, trouxe a lâmina para ele, que se virou para Edpo e mais uma vez o olhou no fundo da alma para ter certeza de que tinha a total consciência do que havia pedido. Ele tinha.

Então o ferido mais uma vez esticou o braço e o capitão, chamando toda autoridade daquele lugar para si, empunhou o que era para ser a sua espada e em questão de segundos, pela primeira vez desde que haviam se estabelecido lá, sangue humano foi derramado.

Edpo gritou ainda mais enquanto se contorcia no chão; alguns foram até ele para socorrê-lo e fazer o máximo que podiam para estancar o sangue que jorrava do corte aberto momentos antes. Berenge chorava, pois sabia que qualquer ferimento por mais superficial que fosse, podia matar um homem e naquele instante havia condenado o seu melhor amigo a passar pelo seu purgatório.

Por sorte ele ainda conseguia se levantar e capengando juntou-se aos curandeiros do grupo, para o mesmo canto onde Eleanor ficava. Lá tratariam de seu coto e tentariam fazer o máximo para não perder alguém tão importante para aquele grupo.

Em questão de segundos após a saída de Edpo a entrada do esconderijo ficou vazia. Porém

Berenge sentiu a presença de mais alguém. Ganrey que observava tudo quieta de seu canto.

- Não acho que tudo isso valha a pena – desabou de joelhos e as lágrimas fugiam sem que ele fizesse esforço para segurá-las.
- A vida nunca foi justa, capitão. O seu erro é achar que pode fazer o bem para todos, mas infelizmente não pode – dizia ela com uma sapiência que se Berenge não estivesse desolado, talvez percebesse a mudança e a grandeza com que agora se portava.
- Eu estou tentando salvar Eleanor sem a garantia de nada e agora Edpo perdeu a mão e pode perder a vida por isso! Quem serão os próximos? – Ganrey ajoelhou-se ao lado dele e o envolveu em seu abraço enquanto ele tentava engolir sua tristeza que parecia cada vez maior.
- Tudo tem um propósito! Eu não sei bem como, só sei que estamos aqui por algum motivo. Poderia choramingar por tantas coisas, mas se assim fizesse, certamente perderia a pouca beleza que consigo alcançar. Pessoas vivem e morrem independente do que você venha a fazer, mas uma coisa eu posso afirmar: mudará com certeza o curso de toda a vida – Ganrey consolava Berenge que estava aos prantos e que não conseguia nem ao menos responder. – Você sabe o que deve fazer, capitão – por fim levantou-se e deixou-o lá sozinho.

Berenge se levantou, guardou a sua tristeza e decidiu o seu futuro e o de todos que contavam com ele. Ao anoitecer se conectariam com os deuses. O Sol já havia deixado aquele mundo e seus filhos que nunca o viam, como resto de um matrimônio falido, saíram para abraçar a sua mãe, a Grande Lua que estava banhando as impurezas daquele mundo. Este, por pior que fosse, era um momento de rara beleza e tornava o planeta novamente digno, embora os seus principais moradores jamais tivessem sido.

Os humanos saíram de sua toca e logo sentiram o raro calor noturno. O esperado eram ventos gelados que podiam paralisar até a alma, mas naquela noite em especial estava quente e sem ventania. Logo ao lado da saída a fogueira se postava de pé, com línguas fervendo que atacavam o seu redor.

Levaram próximos à fogueira os instrumentos feitos por Doni – grandes tambores de pedra e osso, assim como a flauta – ao invés da comum arma de batalha independente de qual fosse.

– Pessoas, – Berenge clamava pela atenção de seu grupo que naquele momento lembrava formigas operárias, indo e vindo do esconderijo – hoje é uma noite atípica, não iremos caçar e sim pedir tanto quanto agradecer para a nossa Mãe, a que nos deu cor e vida, que nos permitiu andar sob sua tutela. Hoje dançaremos juntos e como as estrelas. – Terminou o seu discurso e chamou Ganrey que concluiria os preparativos para o ritual.

Ela começou a falar com os seus companheiros, mas como não inspirava confiança, Berenge ficou a seu lado para que isso fosse completamente suprido. Relutantes, cederam aos caprichos da donzela que aos poucos subia na insignificante hierarquia daquele povo pobre de alma.

Quando a Grande Lua estava quase em seu trono, no topo do céu, e as estrelas a rodeavam como pequenas filhas em busca de colo materno, os seres medíocres no solo começaram a se equiparar aos astros que reluziam sobre as suas cabeças.

O início mostrou ser algo desengonçado e idiota e muitos faziam pela obrigação e respeito que tinham para com seu capitão. Era algo duro, completamente mecânico e sem paixão. A música, se primeiro encantara, naquele momento torturava. A falta de afinação e sincronia entre aqueles humanos despreparados tornou-se evidente assim como irritante. Por mais que aquele pequeno grupo tivesse treinado tempos antes não era de sua natureza fazer a bela música acontecer. Eles a assassinavam em seu nascimento.

Berenge estava visivelmente incomodado, por mais que tentasse não demonstrar sua inquietação. Alguns já desgostosos com a situação iam aos poucos abandonando a dança e ao redor da fogueira o céu ia ficando cada vez menos estrelado.

Antes mesmo da noite alcançar o seu fim, o ritual mostrou-se um completo fracasso. Sobraram na superfície, os músicos, que já nem tocavam mais com afinco, Ganrey que continuava com a mesma vivacidade com que começou e Berenge, completamente desolado e se sentindo como a pior pessoa de todos os tempos. O que com certeza era bem difícil, dada a incrível concorrência.

–Falhamos, não adianta – sentou no chão e com a cabeça abaixada ensaiou um choro. Mas antes que começasse a deixar seu pranto fluir, algo dentro dele o despertou e ele novamente se levantou mais decidido. – Acharemos um novo modo de salvar Eleanor – concluiu.
–Não acho que tenhamos falhado, foi a apenas a primeira vez. Ninguém acerta logo de cara – Ganrey tentou amenizar a dor de Berenge que desacreditado, dificilmente a ouviria novamente.
–Isso foi uma perda de tempo, a coisa mais idiota que eu tive que... interrompido subitamente por algo além de sua capacidade, a luz da lua foi bloqueada e a fogueira se apagou, Berenge sentiu todo o seu corpo enrijecer e estagnado onde estava, tudo que pôde fazer foi levantar a cabeça e ver que descia dos céus um de seus gigantes.

Aquilo não fazia barulho, mas era como se o perigo que ele representava chamasse todos para fora e pouco a pouco, o solo ficou povoado novamente. Todos subiram e paralisaram ao olhar o que eles acreditavam ser uma estrela, tão próxima deles. O medo trazia o frio de volta para o corpo daqueles seres que sabiam tão pouco de sua própria espécie e tinham que lidar com aquilo que era um mistério até mesmo para os povos mais inteligentes do passado.

A estrela estacionou não muito longe do chão, mas ainda assim guardando uma altura considerável. Os nativos daquelas terras aguardavam ansiosos para a revelação que sucederia. Esperavam ver a Lua em forma humana, esperavam encontrar respostas para as perguntas que sequer possuíam, esperavam ter um propósito.

Após alguns minutos sobrevoando, a estrela finalmente fez um barulho ruidoso que mais parecia um grito de dor, e só aumentou a expectativa dos homens e mulheres que, se há pouco

havam se recusado a chamar por ela, naquele momento estavam todos pegando os créditos para si.

Ganrey foi a primeira a se ajoelhar. Passado o choque, Berenge a seguiu e por conseguinte todos os outros presentes fizeram o mesmo. Mais alguns minutos de espera até que a estrela começasse a brilhar como suas irmãs que a observavam de longe, e foi possível ver uma pessoa sair de dentro dela como um rei caminhando entre plebeus.

Desceu como se flutuasse, como a Grande Lua que se prendia no céu. Os humanos continuavam ajoelhados em um sinal de respeito instintivo enquanto em seu interior temiam pelo desconhecido que chegava para assombrar as suas vidas. Não que eles soubessem com certeza se aquele ser seria ou não um predador, mas é totalmente normal um humano temer aquilo sobre o que pouco sabe. A ignorância é um escudo mascarado de preconceitos e fobias pouco justificáveis.

Pisou no chão pela primeira vez e começou a caminhar entre os mortais, olhando cada um nos olhos. Possuía uma aparência humana: alto, cabelos negros e pele bronzeada. Diferente daquele grande grupo, vestia um tecido limpo que causava inveja a seus leais súditos que permaneciam de joelhos.

– Se levantem – falou no dialeto local e todos obedeceram – procuro por Berenge.

– Aqui estou – disse o chefe dos seres que lá viviam – quem é você?

– Já me chamaram por infinitos nomes – dizia o homem estranho para todos ao redor – vocês decidem como querem me chamar.

– Estranho... – Berenge começou a falar, mas acabou interrompido por um sinal feito pelo homem.

– Estranho não é um nome agradável. Como percebi que vocês são péssimos em batizar, eu mesmo farei isso – disse enquanto dava um giro completo para ver se todos prestavam atenção nele. Todos prestavam – me chamem de Johnny – concluiu.

– O que você faz aqui? – perguntou Berenge incisivo.

– Vocês me chamaram aqui e cá estou eu – disse abrindo os seus braços como se convidasse todos para um abraço o que obviamente não era o que ele queria.

– Você é a Lua? – perguntou Ganrey se levantando com os olhos que chegavam a brilhar graças à tamanha admiração que aquele momento lhe proporcionava.

– Digamos que eu seja apenas um servo simplório de nossa Mãe – respondeu, e foi possível sentir como uma faca golpeando inúmeras vezes no estômago toda a decepção que os olhos brilhantes de Ganrey de súbito sentiram. – Ganrey, não fique triste. A nossa Mãe é ocupada, mas ela olha por todos nós e tem por você a maior estima – frase que foi capaz de reacendê-la.

–Tenho presentes – e como se apertasse o seu braço, em questão de segundos inúmeras caixas surgiam aos seus pés. – Leite de Vênus, há o suficiente para vocês passarem muito tempo bem nutridos, não precisarão mais caçar, tampouco passar fome. Um gole revigora até o mais doente.
–Você acha que isso pode salvar Eleanor? – questionou o amante ferido.

–Ela não está doente.

–Como assim não está? – rebateu com uma nova pergunta esperando que sua mente fosse iluminada.

–Berenge, ela está grávida. Assim como a Lua é nossa mãe, ela também será – Johnny explanava as dúvidas que há muito torturavam aquele que seria pai após tanto tempo de infertilidade. – Você será pai e peço que cuide bem do fruto do amor terreno que está para nascer.

–Como? O que terei que fazer? – Berenge ainda se encontrava perdido apesar de tudo.

–Você saberá, só não deixe de dar para ela doses a mais de leite venusiano. E mais uma coisa: quando seu filho estiver pronto, eu mesmo voltarei para guiá-lo em sua jornada, combinado? – Johnny falava com tanta persuasão que ninguém conseguiria negar nenhum pedido seu.

–Mas é claro! Assim que ele tiver se tornado um homem você pode levá-lo – e sem questionar Berenge concedeu o destino de seu filho para aquele que garantiu que sua amada estava saudável, que sua amada era a Lua na terra.

Antes que alguém pudesse responder apertou o seu braço mais algumas vezes e sumiu, e a estrela na qual viera em poucos segundos voltou para o céu que era a sua morada.

A noite morria e a manhã renascia. Assim seguia a vida, regida pelo imprevisível espírito humano e alimentada pelos medos que cada um possuía.

Memória Três

No Pain for the Dead

A vinda de Johnny até Gaia inflou de confiança os humanos. Não dependiam mais da caça e não passariam fome, pois o leite venusiano supria todas as necessidades do grupo e até mesmo era capaz de revigorar os feridos como Edpo, que tivera a mão decepada e que pouco a pouco ganhava o que parecia ser um novo membro ainda mais forte no lugar do coto.

Eleanor não teve melhoras afinal, nada de errado havia com ela, mas a sua primeira teoria – banalizada e descartada no início – de que havia um novo ser dentro dela se provou verdadeira e comprovada pelo servo da Lua. Todavia, esse ser teria que sair hora ou outra.

Berenge estava junto de sua amada e a tinha em seus braços quando ela gritou de dor e preencheu o vazio do subterrâneo com agonia. O capitão sabia que o momento profetizado pelo ser lunar estava ali ao seu encontro e com a mesma adrenalina de quem luta uma batalha. Berenge levantou e com a pesada Eleanor em seu colo foi até a ala de cura, onde obteria ajuda para enfrentar o que ainda lhe era obscuro.

Forraram o chão e deitaram a futura mãe sobre ele, deram-lhe doses do leite mágico extraterrestre enquanto tentavam pensar no que deveria ser feito. Enquanto pensavam, a gestante gritava cada vez mais e apertava cada vez com mais força a mão de seu amado. Nunca Berenge sofreu tanto em batalha, mas ele sabia que a sua dor era insignificante perto do que Eleanor sentia. Alguém estava dentro dela e tentava sair.

Após alguns poucos minutos, os curandeiros entraram em um consenso: onde seria o lugar mais adequado para um pequeno ser vivo sair de uma mulher? E pediram para que Berenge a despisse para efetuarem com sucesso o ritual do nascimento.

Um pouco relutante, embora sem entrar em discussões desnecessárias, desnudou Eleanor e assim teve o seu primeiro contato com o seu filho. E desmaiou.

Nada daquele mundo jamais derrubara o capitão dos humanos sobreviventes, mas como tudo tem uma primeira vez, Berenge caiu para a sua mulher dando à luz o que viria a ser conhecido como Otto – o Último, no dialeto local.

Depois de cair desacordado, não soube mais de nada e se eu fosse ele também não gostaria de saber. As mulheres foram as guerreiras mais fortes e resistentes daquele finado planeta e jamais tiveram o reconhecimento devido, infelizmente toda guerreira morre lutando.

Eleanor lutava contra si e vencia tanto quanto perdia; na guerra são exigidos sacrifícios e nessa ocasião não foi diferente, forçava instintivamente e era punida a cada contração. No fundo

ela sabia o que a aguardava e mesmo assim não desistiu de lutar. O espírito materno havia preenchido o seu coração e ela não pensava mais por ela e sim por ele que escapava entre as suas pernas.

Acontece que a morte está acima da compreensão humana, infinitas possibilidades que não terão respostas. Naquela ocasião, Eleanor deixaria seus antigos companheiros ou não? Quem poderia garantir? Um pouco dela ficava por lá, na lembrança e principalmente pelo seu fruto que estava completamente dentro daquele mundo de horror e caos e talvez por isso ensaiava um choro. Choro que despertou o seu pai que primeiro viu o seu filho tão pequeno e frágil e seu coração encheu-se de alegria, o que não durou muito, pois a sua intuição lhe disse que parte dele sumia. Logo se virou para Eleanor, a viu e quase não a reconheceu. Estava castigada, a batalha terminara e as cicatrizes começavam a ficar evidentes. O sopro da vida fugia de seu corpo e menos dela restava.

Tomou-a em seus braços como se tentasse guardá-la naquele mundo, deu leite venusiano para ela, mas nada pôde driblar a morte... Nem em Gaia ou em qualquer outro mundo. Eleanor partia em uma viagem rumo ao desconhecido e Berenge se sentia traído. Fizeram-no pensar que estava tudo bem e de súbito o seu universo desabava. Raiva e tristeza são separadas por um pequeno fio de linho que é sempre bem fácil de arrebentar como acontecia agora com o amante ferido.

– Cuide de nosso filho – sussurrou expurgando de si todas as forças que lhe restavam
– eu ficarei bem, mas ele precisará de você.

–Você não pode me deixar, eu preciso de você – chorava. Havia sido acertado cruelmente em seu ponto fraco e nada que falassem mudaria o fato de que Eleanor estava partindo e o deixando lá, naquele mundo caótico em que ele jamais quis viver até conhecê-la.

–Não seja egoísta Berenge, eu estarei te olhando do céu e você sempre que olhar para ele me verá ao lado de nossa grande Mãe – fez uma pausa para recobrar o fôlego antes de dizer as suas últimas e dolorosas palavras. – Otto precisará de você, eu sou ele e também sou você. Eu não morrerei enquanto você não me esquecer. Diga ao nosso filho que eu o amava.

Ao terminar, Eleanor fechou os olhos e em questão de segundos apenas o que sobrou foi a sua carcaça esfriando nos braços do pai de seu filho que tentou chamá-la de volta sem sucesso. Percebendo que a havia perdido, gritava de dor e angústia e praguejava para os céus, para a Lua e para Johnny que mentira para ele. Eleanor estava doente e morreu pelo menino que era de interesse único e exclusivo do extraterrestre. Se Berenge tivesse a oportunidade não pensaria duas vezes em se vingar.

O acampamento permaneceu monótono, não havia mais necessidade de caça, mas Edpo liderava um grupo para mantê-los treinados porque acreditava que não deveriam depender

apenas do leite e de Ganrey coordenando os rituais para as noites em que a Grande Lua aparecia e convocava as suas estrelas terrenas para dançar. Mas Berenge não caçava e tampouco dançava. Otto ia crescendo depressa devido ao leite extraterrestre que fez com que ele atingisse o ápice de sua juventude em uma lua e meia.

Ele mostrou ser um guerreiro ainda melhor que o pai, mas jamais trocou uma palavra sequer com o seu genitor... acabou sendo criado pelo restante do acampamento enquanto Edpo fazia o papel de capitão já que Berenge aparentemente havia desistido da vida. Ficava no seu canto sempre e não saía jamais da escuridão até que passou um tempo e todos haviam se esquecido de que ele havia sido seu antigo líder, como se sua presença lá fosse apenas uma recordação do passado.

Ganrey era a única que ainda tentava se comunicar com ele, mas até ela era mandada embora sem pestanejar. Nada naquele mundo poderia curar um coração ferido e como Berenge não sabia o que era o amor, também não saberia como curá-lo. Viveria até o seu último dia com aquela ferida grotesca em seu peito enquanto cavava fundo sua depressão e se aconchegava no fundo do poço imaginário que ele criara e que o separava de todos os outros.

Otto cresceu ouvindo histórias de como seu pai era um homem corajoso e de como a sua mãe era uma linda mulher de uma pálida beleza sem igual. Porém, ele não sabia como era a sua mãe e do seu pai apenas restou uma carcaça. O que ele ouvia enquanto crescia velozmente poderia então ser taxado como fantasioso, pois o que os olhos dele viam desmentia todos os mitos de um passado não tão distante.

Não se sabe o motivo, mas Otto evitava o pai tanto quanto era evitado e por muitas luas continuou nesse impasse até que, inflado por uma coragem de sabe-se lá onde ele finalmente havia encontrado, procurou-o:

–Eu tenho nojo de ter o mesmo sangue que o seu – disse o jovem austero, pálido como todos os outros, mas ao invés de possuir cabelos negros possuía um castanho claro que o diferenciava e destacava no meio dos demais. A figura desolada no canto sequer se mexeu para ver quem o insultava. – Me contam histórias de como você foi um homem incrível e um líder nato, mas eu simplesmente não consigo acreditar. Você é o mais fraco daqui, não faz nada e fica apenas nesse canto fedorento chorando pelo passado.

Berenge não respondeu. Apenas encolheu mais a cabeça contra o corpo e continuou virado para a parede.

Provavelmente você tem raiva de mim, pois para que eu pudesse nascer a sua amada precisou morrer. O que você não entende é que ela se foi, mas há pessoas aqui que ainda precisam de você e mesmo assim eu tenho que falar com um pedaço de carniça ainda viva. – Otto se agachou perto de seu pai e o agarrou sem esforço: o corpo era leve e Berenge aparentava estar muito doente o que ficou evidente quando seu filho o ergueu e o olhou nos olhos pela primeira vez – você me enoja. – Cuspiu as palavras como insetos venenosos matam suas presas.

Como resposta ganhou o silêncio. Berenge mal se mexia, havia sido derrotado há muito tempo e nada nem ninguém poderia devolver a vida que ele já não mais tinha. Percebendo que estava discutindo com um mero pedaço de carne, Otto jogou-o de volta ao chão e se virou voltando para onde o restante das pessoas estavam, observando-o horrorizados e com um pesar no coração. Berenge havia sido um grande líder e estava enfrentando um final trágico. Saudade era um outro sentimento que os últimos terráqueos não conheciam, mas o ex-líder provava a pior de todas: aquele que duraria a eternidade até que a sua vida também se esvaísse e ele esperou por esse momento até o fim.

Completamente irritado, o último de Gaia saiu para andar em uma noite em que a Grande Mãe não estava lá para recebê-lo, talvez decepcionada pela forma como ele havia tratado o seu pai. Estava muito frio e nada podia ser visto dentro da escuridão e tudo que ele podia escutar eram os ventos uivantes que varriam a desgraça daquele mundo.

Sentou-se sobre uma rocha e por lá ficou, pensando no que aquele mundo era, no que ele era e no que o pai dele havia sido. Tinha se arrependido do que fez e aos poucos tentava entender a dor que Berenge sentia, o que significava para ele ter perdido Eleanor e o que poderia ser feito para se redimir com o sangue do seu sangue.

Ainda bufava de raiva quando Ganrey apareceu e sem pedir sentou-se ao seu lado.

–Sei o que você sente pelo seu pai, mas eu peço que entenda antes que seja tarde demais, tudo que ele sofreu – começou a falar enquanto Otto virava os olhos por ter que levar um sermão justo dela, – seu direito de sentir raiva dele é indiscutível, mas ele não apaga o sofrimento que o capitão sofreu – mesmo após Edpo ter assumido a liderança do grupo, a jovem garota ainda se referia a Berenge com o título de capitão.

–Eu tenho certeza que para ele sofrer tanto assim, a minha mãe tenha sido alguém muito importante. Só que também sei que certamente ela não gostaria de vê-lo assim e tampouco ter deixado que eu crescesse sem a sua tutela, sendo apenas mais um órfão – já não havia raiva em sua voz, apenas o tremor de uma mágoa que há muito tempo era nutrida.

–É fácil falar quando estamos de fora, mas só o capitão sabe de seu sofrimento e só ele poderia colocar um fim nisso. Infelizmente acho que ele já fez a sua escolha – Ganrey pela primeira vez falava com um tom de voz fraco, não exalava a sua alegria característica, estava triste por tudo que estava acontecendo com Berenge que ela tanto amava – não quero que a única e última coisa que você disse para o seu pai seja aquilo. Por favor, entenda a sua dor.

–Tudo bem... farei isso por você ter insistido, mas não acho que vá adiantar alguma coisa – Otto se levantou da rocha e voltou para o esconderijo seguido por Ganrey. Ao adentrarem o buraco de onde haviam saído, a Lua voltou a aparecer no céu.

A imaturidade é um defeito terrível e que propicia a grande maioria dos erros; por isso, não há quase nenhum motivo para defendê-la, a não ser que é com esses erros que aprendemos a ser alguém melhor. A evoluir. Otto passava por este primeiro estágio. Por mais que tudo que ele

tinha falado estivesse entalado dentro dele, não havia motivo para ser tão duro. Estava mais preocupado com a sua mágoa do que com o seu pai e agora havia percebido o quão estúpido estava sendo.

Otto voltou para onde seu pai estava, mas agora ele já não estava mais sozinho. Havia uma multidão cercando-o. Sem entender nada, começou a cortar caminho entre as pessoas até finalmente chegar em Berenge e o ver deitado no colo de Edpo, como um pacote vazio. Morto. –Chegou tarde, garoto – disse o atual líder dos sobreviventes – ele faleceu logo depois de você sair. Espero que tenha tido a oportunidade de se despedir de forma digna – e assim saiu carregando o corpo do falecido para longe do alcance da visão de Otto.

Otto então sentou-se naquele mesmo canto e começou a pensar em tudo que havia feito. Se foi o correto e – por pior que tivesse sido – se teria sido aquela maneira a melhor forma de se despedir de alguém que teoricamente teria sido importante para a sua vida. Demônios atacavam a sua mente e o torturavam pelas decisões mal encaixadas. Agora não poderia mais voltar atrás e assim se despediu de Berenge da pior maneira possível.

A morte do pai começou a corroê-lo da mesma maneira que ele havia sido corroído, mas antes que pudesse entrar em um estágio mais crítico, acabou sendo resgatado por Ganrey que serviu como conselheira em um momento difícil como aquele. Otto se reergueu e deixou a memória de seus pais enterrada no passado e prometeu a si mesmo que tentaria honrá-los com o que ele poderia fazer no futuro. Porém o que ele poderia fazer no futuro? Nesse futuro fruto de um passado podre? O fim é sempre o mesmo, a Morte vem e busca suas presas desiludidas para o Além. De lá nada sai, a não ser as mentiras que os seres contavam para si mesmos quando ainda tinham a vida em mãos.

Com a morte de Berenge houve uma pequena rachadura no grupo que rapidamente tornou-se um enorme buraco. Por mais que ele já não fosse o líder que eles conheciam há luas, a sua presença motivava-os a acreditar que ele melhoraria e voltaria a ser o bom líder que sempre fora, mas com a sua morte surgiu a pergunta: Quem o substituiria de vez?

Edpo já exercia o papel de liderança, era o braço direito do antigo capitão e o homem mais confiável do atual grupo, mas uma maioria começou a questionar se Otto não seria um líder melhor. Ele possuía o sangue de Berenge e já havia se mostrado um excelente caçador, além de ser mais jovem e ter um futuro promissor em um mundo prometido ao caos.

Isso dividiu o grupo e no começo Otto não queria se envolver nessa confusão, mas ao pensar que seu pai um dia fora o capitão, ficou motivado a abraçar essa ideia. Nunca foi alguém conformado com o seu presente como a maioria. Otto sempre buscou por mais, mesmo quando não havia condições de tirar nada. Isso o salvaria tanto quanto o condenaria e se isso é bom ou não depende do que o atingiu com maior força.

Assim começou o jogo político no lar daquele pequeno grupo de sobreviventes que teriam

que escolher – adaptado para a sua época, é claro – se o líder que os levaria a lugar nenhum seria de sangue ou de honra. Só que esse jogo acabou ficando entre os simplórios figurantes dessa trama, já que Edpo e Otto não pareciam ligar tanto assim para o que falavam e o que queriam e até conversavam com certa frequência sobre assuntos mais variados, menos sobre a pequena guerra civil que se instaurava naquele subsolo. Porém, em uma dessas conversas Edpo quebrou esta tradição e mencionou a tal guerra fria:

- Você quer ser o Rei de Nada, garoto? – Otto o olhou desconfiado e ao mesmo tempo curioso pela pergunta. Queria ele, de fato, ser rei? E mesmo que fosse seria rei do quê? O Nada havia consumido aquele lugar e nada restou a não ser pobres almas vagantes que não sabiam de nada e morreriam sem saber.
- Faz alguma diferença ser eu ou você a liderar? Eles estão todos loucos – respondeu de forma sensata por mais que, no fundo, desde sempre ser considerado um rei era o sonho ganancioso de toda pessoa.
- Hahaha, meu garoto! Por mim você pode ficar com o título, eu não ligo para isso. Sempre fui melhor guerreiro que o seu pai, mas era ele quem tinha que resolver os problemas burocráticos o que para mim nunca fez diferença – dizia enquanto colocava o braço no ombro de Otto e o puxava para mais perto – eu tomaria cuidado com as decisões, pois você pode acabar caindo num abismo.

Falado isso, Edpo saiu e deixou Otto sozinho tentando refletir sobre o que lhe fora dito. Se era um aviso, uma ameaça ou uma piada só o tempo poderia responder. Enquanto não houvesse resposta a incerteza reinaria e o seu reinado seria sempre o mais brutal.

Os dias foram passando no acampamento, mas a tensão entre os dois grupos parecia não diminuir. Os líderes das facções viviam em uma falsa paz e preferiam não falar sobre o que o restante vivia especulando, não tinham motivos para essa separação e por isso, ambos achavam que no momento que estivessem todos reunidos em um só canto, tudo seria esclarecido. O que raramente acontecia, o subsolo mostrava-se cada vez maior e os humanos iam para cada vez mais longe do polo central, estavam se aventurando e poderiam se arrepender disso se dessem apenas um passo errado.

Em um dia normal, regado de toda insignificância como todos os outros, foi a vez de Edpo decidir explorar o submundo que os rodeava. Desceu no túnel que ficava mais ao sul e indo em busca do mais profundo esconderijo, chegou em uma encruzilhada. Ali ele parou e olhou para trás, como se alguém o estivesse seguindo e, desconfiado, deu um giro completo para vigiar as suas costas, mas nada havia senão o silêncio sepulcral que o cercava desde que havia se afastado da civilização.

Continuou então o seu caminho, indo pelo lado direito até chegar no fim do corredor sem saída. Conferiu novamente se havia alguém atrás dele e ao notar que não, ajoelhou-se e fazendo força, tirou uma tampa do chão e desceu mais alguns metros.

Para surpresa de Ganrey, que conseguia ser furtiva o suficiente para que um dos caçadores mais experientes do seu grupo não a conseguisse captar, viu que ele entrava num buraco no chão, o que era algo realmente muito surpreendente levando em conta que todas as pessoas apenas acreditavam que havia aquele único nível que ia até o fim do mundo, mas seus olhos diziam que não era assim e que Edpo sabia disso há um bom tempo.

Esperou alguns minutos após o desaparecimento de seu atual líder e seguiu até o buraco que havia sido tampado. Tateou o chão em busca de achar a abertura e conseguindo encontrar o suporte para mão, usou de toda sua força para levantá-la. Um ruído alto se fez ouvir e ela se arrependeu por instantes de sua ação, mas nada mais sucedeu; ela então preparou-se para descer.

No segundo andar do subsolo haviam mais dois túneis, mas para sua sorte um deles estava iluminado pelo fogo e foi por esta chama que ela seguiu. Havia um monte de pedras enormes e caixas de madeira. Havia madeira no segundo andar do subsolo! Algo tão raro, tão difícil de ser encontrado e logo ali se encontrava em demasia. Edpo certamente sabia do que era feito aquele material e mesmo assim mantinha tudo em completo sigilo. Aos poucos Ganrey entendeu que havia se colocado em uma armadilha e quando você chega tão próximo à boca de um predador, não importa o quão ágil você seja, será abocanhado.

A garota estelar guardou o medo que a ameaçava naquele lugar solitário e desconhecido e continuou até chegar mais perto de onde ela acreditava que Edpo estava. Se ele estava lá, qual era o motivo? Estaria se encontrando com alguém ou escondendo algo? A curiosidade é o combustível humano para a vida, mas é também o veneno que condena a alma.

Chegou tão perto que podia vislumbrar o sorriso sarcástico de Edpo que parecia estar direcionado a ela. Com ele estavam mais três caras todos tão altos quanto ele, mas – diferente do seu povo – estes eram tatuados, desenhos negros como a noite em seu corpo pálido como a lua. Seus dentes podres e negros ficaram evidentes enquanto gargalhavam com o seu capitão.

– Está tudo pronto, Edpo? Estamos famintos! – dizia um dos três homens, o mais alto e com o maior número de tatuagens espalhadas dos pés até a cabeça. Os outros dois possuíam tatuagens apenas no dorso. O que Ganrey jamais saberia era que cada tatuagem simbolizava uma morte causada pelas mãos daqueles homens.

– Está... o grupo está dividido entre eu e o filhote do Berenge. Precisam apenas de um leve empurrão para começarem a matança entre si – falava Edpo com uma satisfação irreconhecível. Ganrey não queria acreditar que o sucessor de Berenge fosse um homem cruel e que planejava o pior para os companheiros de longa data.

– Ótimo. E aquele tal leite espacial, ainda há muito dele? – perguntou um dos três tatuados que a garota não conseguiu distinguir.

– Há o suficiente. Aquele bando de seres mimados não é digno de tê-lo. O fim deles tardou a chegar – respondeu o líder traidor enquanto caminhava ao redor daquele pequeno cômodo na pequena sala de reuniões onde usurpadores e assassinos planejavam a morte de mais humanos

inocentes, nada de novo até então – farei da pele do filhote sujo de Berenge um casaco para mim. – Completou.

A inocente fiel da Lua acreditou que aquele seria o momento de fugir e contar o pouco que havia ouvido. Não poderia deixar que mais tragédias caíssem sobre os ombros daqueles humanos indefesos... ela era a única salvação e precisaria de alguma forma impedir que Edpo e seus amigos assustadores assassinassem Otto e todos os outros.

Ao se levantar de onde estava escondida e sair sorrateiramente, acabou esbarrando em uma das caixas que estavam à sua frente causando um pequeno ruído, mas que não poderia passar despercebido aos ouvidos sempre atentos de verdadeiros caçadores. Um dos tatuados correu até lá sem pensar no que poderia ser e apanhou a curiosa. De forma instantânea Edpo mudou a sua feição para uma mais irritada.

–Você queria participar de nossa pequena reunião entre amigos? Poderia ter falado comigo que eu te teria trazido como convidada – blefava e Ganrey sabia disso, sentia ódio e repugnância daquele ser que estava diante de si.

–Você é nojento! – gritou e tentou se desvencilhar dos braços do forte homem pintado, sem sucesso. Acabou desistindo. Sabia qual seria o seu fim e tudo que conseguia pensar era em Otto e que morreria sem que pudesse tê-lo ajudado.

Me diga querida Ganrey, quais são os seus três últimos pedidos? – perguntou Edpo e sua voz saía num tom de deboche risível, provavelmente os homens pintados perceberam isso e começaram a gargalhar enquanto dos olhos de Ganrey fugiam lágrimas tentando salvar a si próprias, abandonando o pacote que logo se tornaria vazio e inútil.

Tentou recuperar o fôlego e responder a seu algoz, mas antes que pudesse formular uma palavra sequer, teve a sua garganta cortada por uma lâmina que ela nem conseguiu distinguir de onde vinha. Morreu pouco tempo depois.

Edpo a golpeará sem dó, sabia que ela poderia estragar todos os seus planos e por isso decidiu não arriscar: mataria a inconveniência e de brinde se livraria do ser irritante que ela era. Estava muito próximo de conquistar o que há muito havia planejado e agora sem Berenge para impedir, tudo ficaria ainda mais fácil.

Naquele momento, dois andares acima, quando a Lua já havia se estabilizado no topo do céu, encontrava-se Otto completamente solitário e abatido sem saber o porquê. Estava triste simplesmente por estar e sua vontade era de chorar sem ao menos saber o motivo. Era noite de lua crescente e Otto a vislumbra: como algo tão belo ficaria sempre equilibrada lá em cima? Só uma deusa poderia ser capaz de tamanha proeza.

Mas ao mesmo tempo que admirava a grande Mãe, sentia um vazio no seu peito que ele julgou ser novo. Não era o materno e nem o paterno, mas um novo que ele não sabia dizer ainda qual era. Machucava-o por dentro, torturava-o e não tardou para que as primeiras lágrimas

caíssem.

Começou a se recordar da conversa que tivera com Ganrey uma noite antes. Estavam ambos sentados na mesma pedra em que ele se sentava agora; olhavam para a imensidão do céu e ela falava sobre as estrelas; dizia conhecer todas e afirmava que elas a conheciam também. Uma até teria vindo a Gaia simplesmente para vê-la. Otto olhou para ela com deboche, sabia da vinda do servo lunar, pois todos não cansavam de contar quando tinham a oportunidade de conversar com o filho da lua, como ele também era conhecido. Porém, ele ainda estava dentro de Eleanor quando Johnny veio e seria humanamente impossível ele ter essa memória por si. Por sorte, os humanos não exploram toda a sua capacidade e Otto talvez fosse o que melhor tivesse aptidão para tal, sem contar Ganrey. De alguma forma ele pensou naquela noite e com tamanha exatidão imaginou como tudo ocorreu, baseado em todos os relatos que tinha ouvido durante sua curta vida.

A entusiasta estelar continuava a apontar para cada estrela do céu e dizia o seu nome, a sua história e porque lá ela estava. Otto ouvia pacientemente, não a levava tão a sério, mas gostava de sua companhia e como ela parecia feliz quando falava sobre as estrelas. Ele a deixou continuar e a observava de forma quieta e disciplinada, sorrindo quando ela falava algo muito idiota. Está vendo aquela estrela, Capitão? – após a morte de Berenge, Ganrey começou a chamar o seu filho por essa alcunha. – Está?

–Acho que sim – ela apontava para o céu, mas havia tantas estrelas que Otto estava perdido demais para saber qual era o foco. Mas para alimentar a conversa simplesmente usou da sua retórica simples. – O que tem ela?

–É Arcturos. Dizem que é para lá que iremos quando morrermos aqui – dizia com imenso fascínio, seus suspiros causando comoção em seu amigo, que ao seu lado imaginava em que lugar seus pais estariam e se estariam juntos, se estariam felizes, se simplesmente estariam.

–Quem diz? – perguntou saindo do pequeno transe e, diferente das perguntas anteriores, com uma curiosidade verdadeira.

–Alguns amigos – respondeu ela de forma sucinta, diferente da Ganrey que Otto conhecia, – eles não gostam que eu fale deles – completou.

–Ah, tudo bem... – ambos ficaram visivelmente sem jeito e a conversa mergulhou fundo num pântano vergonhoso. De suas águas lodosas seria muito complicado voltar à superfície, mas digamos que Ganrey fosse uma exímia mergulhadora e conseguia contornar qualquer problema de percurso.

–Nosso povo corre perigo – infelizmente nem sempre o assunto a seguir era melhor que o anterior.

–Como assim? – perguntou Otto que a olhava de forma diferente, não compreendia aquela garota. Ela falava de estrelas, de amigos que ele não sabia de onde vinham e de perigos... que perigos seu povo poderia correr?

–Sinto que alguém irá nos trair, estamos sendo trocados e por um preço baixíssimo. Vivemos

num falso conforto, o nosso povo não é assim – dizia e aos olhos de seu companheiro tornou-se completamente estranha, falava num tom de voz mais cauteloso, com a alegria característica deixada de lado.

– Não há o que temer – disse Otto, mesmo tendo dito isso apenas para tentar acalmar a amiga que estava claramente assustada, como se tivesse visto uma barata-urso bem na sua frente – eu não deixarei que nada de mal aconteça conosco. – Não sei dizer se Otto se referia a todo o acampamento ou simplesmente aos dois que estavam juntos observando o céu. Um pequeno labirinto formou-se diante da resposta para esse questionamento e seria ainda mais difícil entrar nele do que no Labirinto de Creta, que acabou esquecido com o tempo.

Os dois amigos não falaram mais nada, olhavam fixos um ao outro e Otto deu a primeira investida. Deu um beijo na testa de Ganrey e a puxou para mais perto.

Permaneceriam o resto daquela noite abraçados, mas ao amanhecer já não estariam mais juntos.

Olhou para o céu novamente e parecia que faltava alguma estrela, mas ele não saberia dizer qual. Ganrey saberia e ele lhe perguntaria assim que descesse. Enquanto ficava por lá, aproveitaria a sua solidão e melancolia. Uma parte dele havia sido destruída e ele ainda não sabia qual.

Memória Quatro

Running Alone

Depois de algum tempo no solo e sem que Ganrey tivesse aparecido – a jovem sempre saía para contemplar a Lua e nessa vã esperança que Otto se apegou para que pudessem ficar um tempo a sós – Otto voltou a descer para o subsolo, decepcionado, mas não completamente abatido. A Lua sempre é um belo conforto para o coração ferido dos amantes.

Voltou e não a encontrou. Procurou por todos os cantos, mas ela não estava lá, o que lhe intrigou muito. Sentia o medo percorrer todo o seu corpo, suas mãos trêmulas procuravam as paredes para se apoiar e com a cabeça baixa seguia a sua busca. Perguntou para os outros do acampamento, mas ninguém sabia de seu paradeiro. Diziam que ela havia sumido já há um bom tempo e não sabiam exatamente para onde. Nada ficou completamente esclarecido e o medo de perder outra pessoa importante já havia tomado Otto por completo.

Encontrou-se com Edpo, mas ele também nada sabia do paradeiro de Ganrey. Pelo menos foi o que ele disse para o seu rival que novamente subia para o térreo para ver se a amiga estava lá a observar as estrelas como sempre fazia, mas ela não estava. Não estava em nenhum outro lugar. Havia algo de errado e Otto percebera isso. Ganrey não fugiria assim e nem teria motivos. Acabou por pensar no pior e lágrimas correram.

Quem a assassinaria? Será que ela havia sido levada por algum grupo de canibais? Ou por algum dos insetos gigantes que reinavam sobre aquele mundo? Não queria acreditar nessa possibilidade, mas ninguém lá sabia de seu paradeiro e Otto sabia que nenhum deles gostava dela, achavam-na muito irritante e certamente estavam felizes com o seu desaparecimento. Ela só tinha a Berenge que já havia partido, e Otto que foi deixado para trás.

Dias se passaram sem nenhum sinal de Ganrey e isso tornou óbvio que ela já não estava mais naquele mundo, finalmente teria alcançado as estrelas! Sempre sonhou com isso e agora morta, poderia tornar-se a estrela que sempre quis ser. Otto ficou sozinho. Teria que aprender a se virar sozinho. Questões de sobrevivência.

E se sobreviver em um mundo em falsa paz já é difícil, imagine quando se está em guerra. Otto nasceu em um período tranquilo, regado a leite dado de graça por forças sobre-humanas. Aprendeu a não ter medo de nada, mas o medo é preciso naqueles que querem permanecer vivos. As discussões sobre quem deveria suceder Berenge haviam diminuído até o momento em que recomeçaram ainda mais ferozes.

Muitos dos homens daquele grupo começaram a brigar entre si e os outros embora tentassem separá-los, acabavam cedendo à violência e terminavam por participar dos ataques,

independente se os atacados eram aliados ou não à sua causa. O caos havia tomado o local.

Doni correrá até o canto onde Otto estava deitado e o pegou pelo braço, levantou e apontou para a confusão. Não falou nada, pois não sabia como, mas tudo foi entendido pelo garoto que sabia o que fazer. Ou melhor, não sabia. Como pararia aquela confusão? Ele era um dos prováveis motivos, deduziu acertadamente qual foi o estopim da briga. Pegou a faca que era de seu pai e a guardou na cintura, amarrada com uma fita de couro. Se fosse preciso, usaria contra os seus homens. Ele esperava que não fosse necessário.

Viu Edpo chegando no outro extremo do subsolo, vindo do túnel ao sul. Iria até lá para falar com ele para que ambos pudessem parar aquela confusão. Todavia, sentiu algo diferente no ar, algo relacionado ao seu rival. Talvez ele não fosse quem todos pensavam que era. Apesar da intuição lhe dizer que havia algo de estranho no líder interino do acampamento, continuou a caminhar até o outro lado, driblando os lutadores amadores que nunca antes haviam se parecido tanto com os piores povos de um passado longínquo: fanáticos torcedores, independentemente de onde, o que ou para quem essa torcida era dirigida.

Edpo ainda não havia visto que Otto vinha em sua direção. Estava ocupado demais aproveitando a visão de seu acampamento se destruindo. Ria como se tivessem lhe contado uma piada e parecia não se importar com o que havia acontecido. O último de Gaia, alcinha dada a Otto por ele ser realmente o último a nascer naquele solo infértil, percebeu que Edpo se deleitava com o que acontecia e que não iria intervir. Na verdade ele iria, mas não da forma esperada.

O filho de Eleanor parou de súbito, repensou a sua estratégia e agora que o subsolo era uma arena de guerra, ele já não poderia mais pará-los com um simples grito e muito menos com a sua pequena faca herdada do pai. Havia perdido completamente o controle e isso provava que seu nome não deveria nem sequer ter sido cogitado para ser o líder. Não havia aptidão para tal trabalho.

Finalmente, Edpo acabou visualizando seu adversário e começou a retornar de onde havia chegado, novamente passando por entre aqueles que brigavam. Seguiu em direção ao local onde as coisas de valor ficavam, próximas do túnel norte e era esse o destino que Otto também pretendia tomar. Chegou até onde a provisão de leite deveriam estar, mas não havia mais nenhum.

Aqui garoto! – era a voz de um dos mais velhos naquele acampamento, aquele que tinha sido o braço esquerdo de Berenge. Tinha os cabelos grisalhos que o destacavam como fonte de sabedoria, embora tudo que soubesse era caçar insetos e prepará-los para o jantar. Seu nome era Dândi. – É isso que você procura, não é? – Otto percebeu que em suas costas havia uma bolsa que lhe foi passada em seguida e que continha os frascos de leite venusiano que ainda restavam. O garoto olhou para a bolsa e novamente para Dândi, que com um aceno mandou que seguisse o seu caminho.

- Eu não posso deixar o meu povo se matar aqui – tentou pensar em desculpas para não partir, embora fosse esse o seu desejo, não queria parecer fraco aos olhos de todos – devo me portar como um líder – concluiu.
- Não hoje, a não ser que você queira ser um líder morto – disse enquanto puxava Otto pelo braço até a saída do túnel norte por onde desde o começo pretendia fugir. – Edpo planejou tudo isso e agora ele irá terminar, vá e sobreviva. Foi por isso que você nasceu e por isso que você deve viver. Agora vá!

Otto não respondeu, simplesmente acatou o pedido – ou mando – de Dândi e saiu em direção ao norte do subsolo. Precisaria correr se não quisesse ser pego, mas também precisaria de cautela. Sabia que seria encontrado se permanecesse, mas não sabia o que encontraria se seguisse túnel adentro. Mesmo assim, optou pelo desconhecido.

Naquele mesmo lugar permaneceu o velho cozinheiro de guarda e tentaria atrasar o máximo quem quisesse correr atrás do escolhido. Sim, ele era o escolhido, não havia outra resposta. Como alguém nasceria naquele mundo podre? Além do mais, ele viu com os próprios olhos o servo da Lua descer e presentear Berenge, o pai do menino. Sabia que ele teria uma missão mais importante que qualquer vida dentro daquele acampamento e defenderia o seu ideal até que lhe arrancassem tudo que podiam.

Enquanto Otto fugia pelo norte dezenas de canibais – os tatuados dos pés à cabeça – apareciam pelo sul e finalmente davam fim ao tumulto iniciado sabe-se lá por quem.

As pessoas do acampamento nem perceberam o que lhes atingira. Brigavam entre si e só se deram conta do ataque quando já era tarde demais. Morreram sem questionar. Os canibais que tinham acesso a alguma arma degolavam as suas vítimas; outros simplesmente mordiam e arrancavam enormes pedaços de carne. Com as unhas puxavam e torturavam. Estupravam sem discriminação, simplesmente faziam aquele pequeno lugar parecer um pouco mais com o inferno.

Edpo continuou a sua caminhada triunfante do túnel sul até o norte, para onde ele havia visto Otto fugir com o leite que lhe pertencia. Lá, Dândi o aguardava com toda a coragem que ele conseguiu reunir e que era suficiente para se sacrificar. Lá, ele estava intocado pelos tatuados que se aglomeravam no centro e de lá ele observava Edpo chegar cada vez mais perto. Tinha uma pequena faca de cozinha em mãos e sabia da qualidade como guerreiro de seu adversário. No fundo, sabia que seria apenas um breve obstáculo, mas tentaria ao máximo atrasar o traidor.

– Eu até poderia ter te poupado se você não tivesse deixado o menino fugir – blefava enquanto manejava o que em eras passadas era conhecido como machado – só que não me sobram escolhas senão arrancar a sua cabeça e seguir atrás do moleque – desta vez, Dândi sabia que não era um blefe.

Continuou prostrado impedindo a passagem até o momento em que Edpo chegou, e tentou golpeá-lo. Ineficaz. Sabia quem era o seu assassino, mas certamente não viu como a sua

morte ocorreu. Edpo havia girado o machado e arrancado sua cabeça como havia prometido. Não suou, não se importou, simplesmente seguiu caminho adentro. Carregava consigo uma bolsa. Um pequeno presente para o seu afilhado.

Otto já havia perdido a compostura e corria o máximo que podia, mas a bolsa cheia de frascos estava pesada até mesmo para ele que sempre era elogiado pela sua força. Era a ganância. Levava todo leite venusiano para si. Obviamente não precisaria de tudo e por isso, com um feitiço de proteção, a bolsa pesava mais e mais. É claro que ele não poderia deixar aquela poderosa poção em mãos erradas como daqueles que agora provavelmente o perseguiam, só que isso não estava nos planos do feiticeiro e assim Otto teria que conviver até quando pudesse com o peso de sua cruz.

Pensava em todas as pessoas que ele havia deixado para trás, quantas vidas foram sacrificadas para que ele estivesse fugindo como um rato amedrontado. Sentia a vergonha consumir todo o seu ser tanto quanto a raiva. Buscaria vingança, mas o que uma criança poderia fazer contra um exército sempre faminto? Não havia escolha, Dândi tinha razão e ele tinha que fugir, correria até o fim do mundo se fosse preciso. Embora pensando bem, era o fim do mundo que corria atrás dele.

Ele tinha um vigor incrível, quase que sobre-humano – ainda mais considerando as condições da época em que nasceu – e por isso acreditava que tinha uma boa vantagem. Decidiu parar por alguns minutos para recuperar o fôlego cometendo assim um erro terrível. Menosprezou Edpo que também havia tomado do mesmo elixir – até mesmo reconquistando a mão que o Sol havia lhe privado – e estava com sangue nos olhos, uma fera indomada e insaciável correndo pelos túneis.

Otto ouviu... no começo baixo e abafado, mas rapidamente ganhando volume e intensidade. Parecia um terremoto dentro do túnel, os ecos castigavam ainda mais os ouvidos e a mente do pobre garoto. O predador estava chegando cada vez mais rápido e a caça tremia de medo, mas ele não desistiu e voltou a correr, dessa vez ainda mais rápido tentando recuperar a distância que já lhe fora tirada.

O barulho persistia e isso só significava uma única coisa: o inimigo estava próximo, o que deixava Otto em alerta. Com a audição aguçada, sabia mais ou menos dizer onde Edpo estava e por mais próximo que estivesse, não era o suficiente para que o garoto temesse.

Chegou até uma encruzilhada e sem pensar duas vezes continuou sua corrida pelo lado esquerdo, como não sabia o que havia em ambos os túneis, simplesmente esperou que tivesse feito a escolha correta e que poderia salvá-lo do que vinha em seu encalço.

Mais atrás Edpo farejava o cheiro de Otto e no ar sentia as vibrações do medo de sua presa. Era um caçador e fazendo jus ao título conquistado reduzia cada vez mais a diferença

entre ele e o que estava logo à frente. Tinha as pernas maiores e isso lhe dava vantagem nas passadas, além de estar faminto. Quanto tempo a carne humana lhe fora negada e agora ele teria a oportunidade de saciar-se por completo. Havia esperado por esse momento e por aquele rapaz em especial, para que tudo se tornasse ainda mais saboroso.

Por muito tempo conviveu em paz com Berenge, por mais que seus ideais fossem praticamente opostos. Manteve uma aliança secreta com os canibais e quando fosse o momento certo, trairia o seu antigo grupo. Nunca havia abandonado sua vontade predatória e sempre dava um jeito de saciar a sua fome de maneira escondida para que seu líder não descobrisse. E como ele enganava este seu líder, o deixou no mais alto posto e fazia com que acreditasse que de fato ele era o guerreiro mais forte. Edpo sabia a verdadeira resposta, quem era o guerreiro mais forte daquele mundo: ele próprio.

Chegou na mesma encruzilhada, assim como o seu oponente algumas poucas centenas de metros à frente e optou pelo lado esquerdo sem pestanejar. O medo vibrava forte naquela direção, o que não deixou dúvidas para o caçador. Era apenas uma questão de tempo para ele por suas mãos no pescoço daquela criança mimada e arrancá-lo. Essa visão fazia com que salivasse e o sangue corresse rebelde em suas veias. Logo a imagem produzida mentalmente seria adaptada para o plano da realidade. Edpo estava ansioso, além de faminto e sedento por vingança. Ensinará algumas lições para o filho da Lua. As últimas lições.

Otto começou a ofegar e enquanto o peso que carregava aumentava gradativamente, sentia sua energia sendo sugada e naquele momento sabia que estava condenado. Percebeu que em poucos minutos, Edpo o alcançaria e o decapitaria e que tudo então teria sido em vão. Não queria pensar nisso, mas era inevitável. Era fraco, sentia-se fraco e morreria como um.

Sentou-se num canto onde deixou a bolsa descansando, tomou um gole para que assim tentasse recuperar a força perdida, mas o esforço havia sido tanto que nem mesmo se ele tomasse todo o leite armazenado ali teria sido capaz de sanar suas incapacidades momentâneas. Mesmo debilitado, levantou-se e esperou até o momento que seu algoz viria ao seu encontro. E ele veio.

Corria, mas ao perceber que sua presa estava parada, sorriu para o triunfo e diminuiu o passo fazendo uma caminhada vitoriosa até ele. Podia simplesmente ter corrido e assassinado Otto logo de uma vez, mas assim não teria sido proveitoso. Ele queria torturá-lo, simplesmente para sentir o prazer da dor alheia. Queria deixá-lo completamente vazio, arrancando cada sentimento que guardava dentro de si e cada fio de cabelo que pendia revoltado em sua cabeça. Edpo pretendia aniquilá-lo.

–Vejo que desistiu da vida garoto. Deveria ter continuado a fugir, assim sua morte seria mais prazerosa para mim – chegou a uma distância razoável e começou a despejar insultos em Otto. – Apesar de achar Berenge um completo idiota, eu o respeitava o suficiente para deixar que ele se condenasse sozinho, mas de você eu não terei a mesma piedade. Nunca gostei de você na verdade e ainda havia pessoas que o queriam num trono de poeira! Nunca precisei de um para ser o humano mais forte desta merda de vida e você veio depois e queria um só para se gabar.

–Não pedi por isso, não era relevante para mim se eu seria o líder de nosso acampamento ou não. Porém, do que adianta? Você exterminou todos, traiu a confiança de seu povo em troca de adestrar um bando sujo de canibais nojentos. – Otto tirou a faca que estava presa numa corda em sua cintura – se quer me matar, venha logo! Não perderei mais o meu tempo falando com um ser desprezível como você.

Ouvindo isso, Edpo correu em direção ao seu inimigo em uma investida tenebrosa que teria condenado qualquer pessoa. Por sorte, Otto era igualmente rápido e mesmo debilitado conseguiu se esquivar com certa facilidade, o que irritou Edpo e o fez cuspir em sua direção.

–Maldito, ficará fazendo jogo? Fique parado e lute como homem – grunhiu enquanto salivava de raiva.

–Se lutar como homem significa ser bruto e burro igual a você, prefiro lutar da minha maneira. Desculpe, nada pessoal – disse enquanto ensaiava um riso que acabou por traí-lo por deixar seu adversário ainda mais raivoso. Edpo saltou em cima de Otto surpreendendo-o.

Pegou-o pelo pescoço e o jogou contra a parede, para logo depois correr para cima dele e esmagá-lo contra ela. Otto parecia sem vida e a sua faca havia caído ao seu lado no chão. Nada que ele pudesse fazer naquele momento poderia salvá-lo, estava condenado a ser espancado até a morte. Havia caído na armadilha que ele mesmo criara. Não havia escolhido de maneira mais adequada o campo de batalha e tudo era mais favorável para Edpo. Os subterrâneos haviam sido a casa dele por muito mais tempo e sua força invejável era a arma mais poderosa daquele mundo derrotado.

Apenas um milagre poderia salvar a sua pobre alma e por mais que clamasse por isso, ele sabia que em um mundo caótico não existiam milagres. A lei natural da sobrevivência sempre foi infalível: O mais forte sempre prevalecerá. Nada que Otto pudesse fazer naquele momento poderia mudar o seu destino; porém, o simples fato de ter conseguido nascer em um mundo

como aquele deveria ser considerado sorte e se a sorte te sorri uma vez, ela pode sorrir de novo.

Como mágica Edpo havia sido paralisado, seus olhos se arregalaram e pareciam perdidos ricocheteando em busca de uma explicação. Pode-se dizer que Otto era um abençoado de Deus, que havia um ser lá em cima que o guardava e que não deixaria que nada de mal acontecesse com ele.

Aproveitando de que seu agressor estava parado bem em sua frente com a guarda baixa, Otto pegou a faca que jazia ao seu lado e o perfurou uma, duas, três, quatro vezes no peito e a aflição no olhar de Edpo dizia tudo. Haviam entrado no campo do oculto, do que está acima da compreensão humana. Não conseguia nem ao menos falar, mas antes de tombar, grunhiu sons incompreensíveis para o menino, agora homem, que o havia matado.

De forma instintiva deixou o corpo vazio de Edpo onde estava, pegou a bolsa com os frascos de leite venusiano – naquele momento bem mais leves que anteriormente – e como se estivesse sendo sugado, correu para a saída sem pensar se era noite ou não. Saiu, e a escuridão total era o que o aguardava.

O que viu então congelou todos os seus ossos, pois ele provava do mesmo veneno que Edpo há pouco provara: cobrindo o céu havia o que, para os olhos primitivos de Otto, parecia ser uma barata prateada gigantesca. Não era nada que ele já tivesse visto antes e, ao mesmo tempo, era como se no mais profundo de seus sonhos, ela já estivesse lá. Não pôde ver o que veio a seguir pois havia desmaiado, tanto pelo cansaço quanto pelo espanto e assim seu corpo foi sugado para dentro daquela coisa prateada que rapidamente sumiu daquele lugar. Foi para onde deveria estar: nas estrelas.

Memória Cinco

Awake from Darkness

Ao acordar, Otto notou que estava deitado em uma cama dentro de um quarto prateado. Não havia muito ali dentro, mas a primeira mudança perceptível era o cheiro. Seria impossível descrever o cheiro de Gaia, mas beirava certamente a algo podre. Porém, naquele pequeno quarto o olfato de Otto poderia traí-lo, mas certamente não poderia se enganar quanto ao que sentia: era um cheiro diferente de todos que sentira na sua vida. Concluiu que aquele era o cheiro de vida.

Estava bastante surpreso, tudo ao seu redor era fascinante e cheio de mistério para os seus olhos. Poderia ficar dias inteiros dentro daquele pequeno cubículo apenas observando o que em Gaia ele nunca tivera a oportunidade. Grandes botões, grandes pedaços de pedras gigantes adornadas em vidro pareciam tentar falar com ele e assim ia descobrindo um mundo inteiramente novo.

Perdia-se no meio das novidades até que a porta do quarto se abriu e dela surgiu um ser diferente de tudo que ele já havia visto antes. Era alto, esguio, com a pele acinzentada e com uma cabeça maior que a de um simples humano. Usava uma roupa colada azulada e era careca. Seus olhos enormes e completamente negros observavam Otto com uma dose de fascínio e espanto, do mesmo modo que Otto também observava aquele ser mais com espanto do que com fascínio. Quebrando o silêncio que se instaurava naquele cômodo, o tal ser falou:

–Eu sabia que você sobreviveria, meu senhor! Não depositei a minha preciosa esperança em você por nada. Temos trabalho, acredito que já tenha se adaptado ao seu novo habitat, certo? – Otto ouvia uma voz, mas não via a boca do ser acinzentado se mexer e o olhava perplexo. – Perdão, não pensei que você poderia não estar preparado para isso – disse, por fim usando dos veículos usuais de fala.

–Quem é você? – perguntou não escondendo a sua perturbação.

–Eu tenho muitos nomes garoto, já me chamaram de deus, de criador, do senhor do céu e da terra, mas você pode me chamar de Johnny. E você deve ser Otto, né? – aproximou-se do humano e esticou o seu largo braço. Possuía apenas 3 dedos em cada mão e cada um deles era bem diferente do outro, o direito era fino e pontudo, o do meio, o maior deles, era grosso e havia um buraco em sua ponta enquanto o esquerdo parecia achatado. – Vocês não se cumprimentam mais assim? – ao ver que Otto estava paralisado de medo, voltou o braço para si e o chamou para fora do quarto. O último de Gaia demorou até finalmente segui-lo.

–Você poderia me explicar o que é tudo isso? – atônito, caminhava por entre os móveis prateados

de seu anfitrião. – Eu morri? Estamos na Lua?

–Não morreu, mas estamos quase na Lua. Vocês humanos sabem ser irritantes, sabia? Podia ter ficado dormindo o restante da viagem, mas acordou e veio até aqui atrapalhar o meu trabalho – disse Johnny, mas Otto não saberia responder se ele estava irritado ou não já que o seu tom de voz era calmo e desinteressado.

Otto se desculpou e Johnny resmungou algo sobre os humanos acharem que tudo ficaria bem com um pedido de desculpas e como ele abominava essa mania. Por fim acabou entregando um pequeno adesivo para o seu convidado que o segurou até saber o que deveria ser feito. Recebeu as dicas para colá-lo em sua testa e assim ele fez.

No momento em que adesivou a sua testa, Otto sentiu-se jogado com uma força absurda contra a parede, embora seu corpo continuasse de pé logo atrás do ser extraterrestre. Sentia a sua alma viajar e com tudo preparado, começou a ver milhares de imagens em sequência e por mais que não soubesse o que eram o seu subconsciente gravava tudo com uma precisão invejável.

Passados alguns minutos, Otto voltou a si e sua cabeça latejava como se o seu interior fosse o palco de inúmeras guerras. Sentia a sua testa sendo bombardeada por dentro e nada podia fazer senão dobrar-se sobre si mesmo e colocar as mãos sobre a cabeça. O problema vinha de dentro e disso nada nem ninguém poderia salvá-lo.

Recuperado de sua enxaqueca relâmpago, o seu semblante mudou drasticamente... de dúvida e espanto, passou a ódio. Passou a encarar Johnny, que no começo parecia não se importar, embora com o passar do tempo mostrou-se incomodado.

– O que foi jovem?

–Você viu tudo isso – disse passando a mão pelo adesivo usado – e não fez nada? – de seus olhos saltavam a fúria.

–Calma, garoto. É muito mais complicado do que a sua pequena cabecinha pode imaginar – dizia num tom apaziguador não aceito por Otto.

–Complicado? Você é muito poderoso, você pode fazer qualquer coisa. Sei que foi você que paralisou Edpo para que ele não me matasse – fez uma pausa recuperando o fôlego

–e agora você diz que não podia fazer nada pela humanidade? Eles confiaram em você, colocaram suas últimas esperanças no deus que os criou e que nunca apareceu. O deus que nunca os salvou.

Otto era naquele momento o ser humano mais inteligente do mundo, sabia de absolutamente tudo que havia acontecido na história daquele jovem planeta, mas mesmo assim estava longe de ser o mais sábio. Usava todo o seu conhecimento sem modéstia e inocência e deixou que a raiva, após seu conhecimento adquirido de modo tão rápido, influenciasse suas falas. Erro crucial quando se quer iniciar uma discussão.

–Você não entende – Johnny continuava calmo como se toda a raiva que Otto exalava fosse esperada, – eu criei a humanidade, mas nunca foi o meu dever ser a babá dela eternamente. Tentaram destruí-la inúmeras vezes e eles sempre deram um jeito de se sobressair para no fim, serem eles próprios os principais causadores de sua extinção.

–Eles não foram extintos, eu cresci no meio de um monte deles – Otto se recuperava do que havia visto e se acalmava. Raiva já não era mais o sentimento predominante.

– Foram criados em laboratório. Com exceção de você, meu caro. Tudo foi construído para que você se sobressaísse, pois queria que você experimentasse os sentimentos humanos que àqueles homens foram negados, queria que você tivesse o amor de pai e mãe. Infelizmente você não teve, mas as pessoas o olhavam diferente e te admiravam porque você nasceu. Nenhum deles nasceu e por mais que eles não soubessem disso te respeitavam e queriam que você os liderasse, pois sabiam que era especial. Johnny voltou-se para o que, graças ao adesivo, Otto sabia ser um computador e digitou mais algumas coisas antes de tirar um segundo adesivo que foi novamente dado ao último de Gaia.

Novamente, Otto o pegou e colocou da mesma forma que o primeiro e teve uma visão completamente diferente: era um lugar belo, se assemelhava ao que Gaia um dia foi em seus primórdios, mas as pessoas eram diferentes. Possuíam características humanas, mas os traços eram de animais, dentes, olhos, pelugem, tudo de animal. Uma mistura, que Otto deduziu que Johnny planejava fazer se já não tivesse feito.

– Que lugar é esse? – finalmente perguntou.

–É Animália. Eu poderia tentar salvar Gaia, mas não valeria a pena. O planeta já está condenado e a restauração não seria tão proveitosa. Pretendo começar algo do zero e por isso eu preciso de você. Será o primeiro ser de Animália – dizia com um brilho no olhar... levantou-se e começou a gritar coisas em uma língua desconhecida e foi atendido com grandes hologramas sendo criados no meio da sala – aqui – apontando para um planeta aleatório aos olhos de Otto – é onde pretendo iniciar o projeto Animália.

–E onde fica isso? – perguntou Otto.

–Na órbita de uma estrela em Andrômeda que foi destruída, mas que agora age como o sol; é difícil de explicar, nunca fui um gênio nessas questões – disse Johnny, sem se lamentar muito.

– Destruída?

–Sim, igual a Gaia. Guerras fazem um tremendo mal garoto, você está na presença da única sobrevivente que restou.

–Você?

–Não, não eu... ela – Johnny apontou para o canto da sala onde repousava uma árvore de tamanho humano. Otto a encarou por tanto tempo que julgou tê-la visto se mexer algumas vezes.

–Jili está dormindo agora e talvez, se você tiver sorte, possa vê-la acordada novamente se ficar conosco por mais alguns meses – explicou Johnny para Otto que respondeu com uma careta, como se o que ele falasse fosse loucura.

–Como assim? Quem é Jili? O que ela é? – perguntou como se tudo aquilo não fizesse o menor sentido.

–Jili é uma Kitsure, de Kitsurenai, a tal estrela em Andrômeda que foi destruída pelos primeiros homens de Gaia – Johnny deu de ombros como se ele não tivesse culpa pelos atos de seus irmãos – os Kitsures têm esse aspecto arvoresco, vegetal... eram seres calmos e serenos, talvez vivessem uma verdadeira utopia e apesar da distância foram encontrados pelos humanos.

–Como? – Otto começou a se interessar pela história de Jili.

–Na época eu não entendia, mas depois tive tempo bastante para estudar e me aperfeiçoar nessas coisas, mas é basicamente assim: o meu povo, Lamyor, descobriu um portal em um local sagrado para o nosso povo. Através desse portal conseguiam se locomover por galáxias, dimensões, realidades, planos e tudo que fosse possível e assim chegaram em Kitsurenai e começaram a chacinar o povo de lá. Trouxeram cadáveres para estudar e os plantaram em nosso solo. Nós somos a fauna e os Kitsures eram a flora. Assim Gaia encontrou um equilíbrio mesmo que isso significasse destruir um mundo já e q u i l i b r a d o

–Johnny parou de falar como se estivesse sem fôlego para continuar ou se estivesse esperando que Otto perguntasse alguma coisa.

– Como Jili sobreviveu então? – Otto perguntou como Johnny esperava que ele fizesse.

Estava em um dos laboratórios secretos que eu acabei descobrindo pouco antes de fugir de Gaia. Quando o meu povo descobriu esse portal meio que enlouqueceu e começou a procurar em todos os territórios mesmo naqueles que não lhes pertenciam... e o pior: sabiam o segredo e não queriam compartilhar com os demais povos. Os Lencaras, irritados com as sucessivas invasões sem sentido dos Lamyores, declararam estado emergencial deixando todo o mundo naquela época em alerta. Por fim, descobriram onde ficava o laboratório secreto de Lamyor e jogaram uma bomba, declarando guerra e consequentemente destruindo a Primeira Gaia.

- E onde era esse laboratório?

-Em Corezoen – Johnny respondeu avaliando que, mesmo que Otto não fosse compreender exatamente em que local era, seria importante para ele entender a história.

-E onde você estava quando tudo isso aconteceu?

-Estava em Gaia, em Corezoen, com Karithea... – Johnny começou a divagar no tempo... um passado distante irrecuperável; algumas lágrimas até chegaram a escapar, mas conseguiu se controlar e se focou em sua narrativa.

-Você era um dos membros desse laboratório? – Otto perguntou com repulsa como se o simples pensamento de estar frente a um tirano o fizesse enjoar.

-Antes fosse! Antes eu estivesse morto! Eu era apenas um adolescente como você é hoje, não tinha muitas preocupações e nem tive tempo em tê-las. A vida acabou sendo tão breve.

-E como você está vivo até hoje? – Otto recuperou a postura.

-Um segredo dos Kitsures que eu acabei conhecendo por Jili: a imortalidade através da sua seiva. Posso sofrer ferimentos, mas jamais morrerei a não ser que eu seja assassinado. Como não corro esse risco me tornei imortal. Você também. O tal leite de Vênus que eu levei à sua tribo há um tempo era o leite de Jili e agora você sofre da mesma maldição que nós.

-Estou muito empolgado em saber disso, muito obrigado de verdade... – Otto revirou os olhos enquanto falava. – Mas e quanto aos segundos homens, aqueles que vieram depois de você e antes de mim?

-Eles meio que foram um experimento meu. Estudei muito para isso, mas acho que devo ter feito algo de errado, pois acabou não vingando... – Johnny deu de ombros como se estivesse se esforçado por algo sem solução e que mesmo assim, no fundo ele não se importava.

-Você deixou que seu planeta natal morresse e deixou que o planeta que você criou morresse... o que te faz pensar que Animália será bem-sucedida? – disse Otto com um tom irônico em sua voz. Não odiava Johnny, só queria entender os motivos de ele tentar fazer algo que sabia que falharia uma hora ou outra.

-Nada é eterno e espero que nem eu seja. Um dia espero morrer, mas enquanto viver pretendo fazer a diferença garoto. Eu sou um arquiteto planetário, eu crio seres, mas sou péssimo para educá-los e por isso criei você para que me ajude com isso.

- Quer que eu seja a babá?

-Exato! Você será o deus que eu nunca consegui ser! Você crescerá com as minhas novas criaturas e irá abraçá-las quando necessário. Não se preocupe, farei mais alguns deuses com o seu gene e de vocês descenderá o novo povo. O povo de Animália.

- Há um porém: só temos o gene humano – Otto apontava para o próprio peito – e os outros animais que eu vi na minha visão?
- Não se preocupe! – disse e repentinamente soltou mais um de seus gritos desconexos em uma língua estranha que causou um pequeno abalo no chão e do qual surgiu uma abertura de onde saiu uma enorme caixa. – Esta é a Arca de Noé. Contém o gene de todos os animais que um dia pisaram em Gaia, até mesmo o dos dinossauros, meus favoritos. Pretendo criar um planeta só para eles. Talvez vizinho a Animália... já posso imaginá-los indo explorar o espaço e caindo ao lado de répteis gigantescos. Será hilário!
- Espera! Se você tem todos esses genes, por que precisa de mim?

–Não seja idiota! Não presta atenção nas coisas que falo? – Seu tom de voz era de reprovação. – Criei você e aquele seu povoado para que você tivesse uma conexão com Gaia por mais supérflua que fosse... você viveu lá e agora toda a história dela vive em você. Não seria a mesma coisa se eu o criasse em um laboratório como todos os outros, acredite.

Antes que Otto pudesse falar mais alguma coisa, Johnny o dispensou e foi atrás de um robô que andava de cá para lá dentro da nave. Otto permaneceu por ali observando os mapas, tanto de Gaia quanto de Animália tentando se adaptar à sua nova realidade, tentando acreditar naquilo que tantos outros antes dele tinham sonhado. Em um mundo utopicamente feliz.

O humano ficou no meio daquele lugar enorme, comparando os itens expostos com a sua pequena e insignificante existência. Poderia passar vários dias olhando tudo que havia naquela sala e mesmo assim não conseguiria ver tudo com a calma e clareza que cada coisa ali merecia.

Foi aí que Otto avistou o que mudaria a sua vida para sempre. Era grande, mas menor que o cubículo onde dormiu. Havia inúmeros botões dentro e fora dele e Otto analisava-os como se entendesse do que se tratava. Tentou perguntar para Johnny o que era aquilo, mas estava sozinho e não queria incomodar... descobriria por si só o que era.

Entrou na saleta e nela a mesa de controles parecia mais específica. Otto ganhou a técnica da leitura junto às milhões de memórias que recebeu e, se estava usando-a de forma correta, aquele cubículo era uma máquina do tempo. Não se deve mexer naquilo que não se conhece, mas a curiosidade humana é terrível... só um pouco... o que de mal poderia acontecer?

Apertou alguns botões que julgou serem os corretos e a máquina por fim começou a funcionar, fez muito barulho e se Johnny não estivesse ocupado consertando um robô bem longe dali certamente teria ouvido. A sensação de Otto foi a mesma de quando teve os adesivos colados em sua testa: uma enxaqueca enorme que agora martelava por todo o seu corpo. Não sabia o que estava acontecendo e se arrependia de ter deixado que sua curiosidade vencesse a sua razão. Agora estava perdido e não sabia o que seria feito dele.

INTERLÚDIO

A QUEDA DOS ANJOS

900 mil anos antes de Cristo, na Antiga Gaia

Desde o princípio, mitos surgiram como o sol surgia em toda manhã para tentar explicar o que os humanos não conheciam. Simplesmente queriam acender uma vela no meio de sua escuridão e não há como culpá-los por isso. Queriam enxergar mais do que podiam, queriam viver sabendo qual caminho seguir e não há nada de errado nisso.

Cada civilização teve seus deuses e seus respectivos mitos fossem eles para explicar a criação do mundo, o azul do céu, o cantar das aves, o jorro da vida ou consequentemente a morte. A mente humana sempre foi dotada de uma criatividade única e de algum lugar ela teria que ter saído.

Descartes, um filósofo francês, acreditava que a alma era uma joia perfeita revestida pelas imperfeições da carne. Para ele, tal joia só poderia ter sido forjada por um ser igualmente perfeito e por isso atribuiu esta honra ao seu deus cristão. Certamente ficaria decepcionado ao descobrir que o seu deus era passível de erro, porque nem na mais distante galáxia a perfeição era algo próximo de ser atingido.

Em praticamente toda mitologia terráquea, um determinado deus vivia na imensidão do Nada e cansado da solidão, usara seus poderes divinos para construir o universo. O nosso universo. Nele, criou os planetas e em especial criou Gaia, lar da flora e da fauna. Esse deus criou todos os tipos de animais e eles conviviam em harmonia em seu gigantesco jardim. Ambicioso, forjou por fim a sua grande obra-prima em sua imagem e semelhança e que teoricamente deveria ser o animal mais inteligente já criado, posteriormente batizado de “ser humano”, governando Gaia em muitas eras que passaram.

Os mais céticos criaram a sua própria mitologia ao afirmarem que o mundo em que viviam surgiu de um acidente de trânsito interestelar, concluindo assim que Gaia e tudo que nela crescia era simplesmente poeira de estrelas, resultado de uma explosão colossal. Isso é claro, não era história de ninar e eram fatos, mas ainda assim complicados demais para a maioria das pessoas acreditarem. Era magnífico demais para haver vida em uma explosão.

Não que essa visão seja pior ou menos relevante. Tudo tem o seu valor e não há nada que alguém possa fazer para mudar isso. Infelizmente, a verdade sempre é menos cativante que as milhares de teorias criadas ao seu redor. Nada muito interessante, nada que fuja muito de um padrão. A realidade é que, devido à sua criatividade, os humanos sempre esperam mais de tudo,

seja sobre as divindades ou sobre eles mesmos. Consequentemente, se decepcionam.

A decepção foi o sentimento que os diferenciou de todos os outros. Um cachorro viveria a sua vida inteira feliz se pudesse viver ao lado de um companheiro. Já esse mesmo companheiro, se fosse um humano, não se satisfaria apenas com a companhia canina, mas buscaria por mais, fosse o imaterial ou – como em quase todos os casos – o material. Se decepcionaria se soubesse que é possível viver com pouco.

Assim viveram os primeiros humanos de Gaia, com bem pouco... somente o necessário.

“Na juventude os pensamentos imortais florescem loucamente. Pode haver eternidade em uma vida tão breve”.

Isso estava escrito em uma placa azul, com detalhes brancos e a fonte em um preto luminoso. Um contraste perfeito dos amores juvenis, gravados em uma língua perdida no tempo e na memória daqueles que já não existem mais.

Esse simples monumento estava no píer da praia de Corezoen, na capital do povo Lamyor, a principal metrópole da Antiga Gaia. Dois jovens seres cantavam a música da vida: conversavam com afabilidade e o que os ouvidos não captavam os olhos já tinham abraçado. Esse era o amor em sua mais pura forma, na conexão entre dois seres que sentiam um pelo outro, um afeto gigantesco que não precisava ser posto em uma coleira, dizer que era seu, pois em seu íntimo sabiam que eram um do outro, mas sem que fosse necessário marcar território da mais selvagem forma.

Se chamavam Jomo e Karithea. O primeiro, mais robusto, tinha cabelos negros abaixo do ombro e um rosto limpo que deixava evidentes os seus grandes olhos castanhos; tinha a pele branca e estava com o torso exposto, revelando uma incontável coleção de desenhos cravados na pele alva. Histórias suas, de seus antepassados e histórias que ele gostaria que acontecessem, contadas em sua pele por meio da arte muito apreciada desde o princípio.

A segunda, com os cabelos cacheados contornando o seu rosto, com os mesmos olhos castanhos e a pele escura, completamente exposta como o céu noturno e tão bela quanto. Era uma Rhulet, povo amigo da tribo Lamyor, dada a proximidade regional e sentimental, pois lutavam por ideais bem similares: a paz, que parecia não ser o foco de muitos povos naquele longínquo tempo. A guerra sempre foi para todos um meio de autossatisfação, de alegria ao ver a desgraça para os que comandavam, o sentimento de liderar grupos para a vitória. Para aqueles que querem deter o poder, a guerra é um jogo, pois não passava em suas mentes que poderiam morrer. Já os soldados tomados pela loucura da batalha, guerreavam entre tribos porque foram condicionados a acreditar que faziam o certo, que faziam o necessário para o bem-estar de um mundo inteiro.

Apesar disso Gaia, naquele curto e breve momento, era eterna.

A sociedade de Lamyor em conjunto com a de Rhulet era justa, ninguém era abusado por superiores e o livre arbítrio era o único deus a ser seguido. Era o paraíso dos anjos, acessível em toda a Terra; a perfeição havia sido almejada, embora não tivesse sido alcançada.

A plena paz sempre foi um sonho muito próximo de ser atingido. Contudo, era uma ilusão desvairada em uma guerra acobertada do cidadão comum até o momento em que o rebuliço não podia ser mais contido. Explodindo.

Assim é a vida, indiferente de eras em um momento tudo parece encaixado, em seu mais perfeito eixo e nada pode de alguma forma, arruinar. Um erro comum cometido por pessoas esperançosas: a perfeição é feita de relances, a maldição completa o ciclo vital. A guerra havia sido declarada.

Uma espécie de bomba acabou sendo jogada no mar de Corezoen petrificando o olhar dos amantes, fazendo com que os seus corações se despedaçassem e fugissem da sincronia conquistada. Não eram leigos, sabiam o que estava acontecendo em suas vidas e sentiam um enorme peso em seus espíritos, era o fim do mundo como eles conheciam.

Estavam no meio da linha de fogo.

Logo depois da bomba jogada no mar, soldados começaram a sair de um túnel que se abriu no solo: era a base militar secreta de Lamyor, agora já não tão secreta. Já estavam preparados para aquilo e saíram prontos para a guerra. Subiram em um grande avião, mais parecido com uma nave espacial do que com qualquer aeronave moderna existente. Era colossal, mas não era caricata como as que foram retratadas na cultura pop dos últimos humanos.

Era uma base viva, que se locomovia numa velocidade que ia além do que olhos comuns podiam enxergar. Levantou-se do chão e se perdeu no céu antes mesmo que o casal no píer pudesse vislumbrar aquela absurda apresentação. Encararam-se por mais alguns segundos... a verdade é que estavam perdidos e não tinham para onde fugir. Estariam eles condenados a morrer?

–Eu não estou pronto para morrer, Kari... – Jomo quebrou o silêncio entre eles segurando firme a mão de sua amada, pois ambos sabiam que uma guerra entre Lamyor e Lencar, os dois povoados mais poderosos da época, culminaria em muitas mortes por todo o globo.

–Você não vai, daremos um jeito de sair daqui. Talvez tenha algo para nós naquele esconderijo... – Karithea apontou para o túnel ainda aberto não muito longe dali – eu sempre quis conhecer as estrelas... se o que falam desse lugar for verdade, podemos literalmente passar uma lua de mel juntos – ela riu e se levantou puxando Jomo pelo braço para que ele também se levantasse com ela.

O casal buscou se aproximar do túnel de onde haviam saído tantos homens, que ainda estava semiaberto. Talvez o pânico entre aqueles soldados, que fora impossível pensar em qualquer outra coisa senão na batalha que estava para vir, acabaram deixando entreaberta a entrada do quartel.

–Vamos entrar, não temos nada a perder – incentivou Karithea que foi a primeira a entrar sendo seguida por Jomo.

–Será que vale a pena nos arriscarmos assim? – perguntou Jomo, que sempre foi a parte mais frágil do casal. Rhulet era uma tribo guerreira por natureza e Karithea herdara bem todos os atributos. Jomo era um artista, com uma sensibilidade maior na forma como via o mundo e juntos eles formavam o próprio equilíbrio.

–Se a sua alma não for pequena...– Karithea respondeu esboçando um sorriso – não sejamos ingênuos, morreremos em qualquer lugar, a guerra começou e não temos para onde fugir se não para mais fundo possível desse túnel... talvez ali encontremos algo que possa nos libertar do caos.

–E o que poderia eu fazer se não simplesmente te seguir? Se é assim que você planeja, é dessa forma que eu te apoio – Jomo a segurou, não deixando que continuasse. Ela se virou para ele com o susto e recebeu um beijo. Um último beijo. Um momento puro de paixão no meio do fim, um último gesto de amor.

Karithea respondeu da mesma forma, sem dizer uma única palavra e continuaram a dança de seus lábios que se juntaram; as línguas que se enlaçavam e os dentes que mordiam de forma provocativa e carinhosa. As testas encostadas conseguiam compartilhar todos os sonhos do mundo.

Seguiram o plano de Karithea, adentraram ainda mais fundo no túnel escuro para finalmente encontrarem a base secreta Lamyor parcialmente destruída devido à bomba que atingiu. Absurdamente era um monumento resistente ou talvez fosse a água que abafara todo o possível e certo estrago que o estouro teria feito.

Havia poucas pessoas lá. A maioria havia voado junto à nave colossal. O plano de Karithea era roubar uma nave menor que ainda estivesse estacionada e fugir da zona de perigo. Um relógio em sua cabeça martelava que faltava pouco para o cronômetro chegar a zero.

Os dois passaram por uma sala esquisita e também inabitada, onde tudo estava destruído. Parecia que há não muito tempo havia ocorrido uma batalha naquele local. Seguiram adiante, um cuidando das costas do outro para que de nenhuma maneira pudessem ser surpreendidos. Mas foram. Deram de cara com um ser nunca visto antes, pelo menos não um que estivesse acordado. Era uma árvore, naquele estado ainda pequena; do tamanho dos dois humanos, mas aterrorizante. Podendo-se deduzir rapidamente que havia sido ela a autora daquela destruição.

Karithea foi a primeira a ser rendida.

Jomo tentou algo, mas os seus pés já estavam amarrados em galhos antes que ele pudesse pensar em fazer qualquer movimento.

– O que é você? – gritou Jomo para o ser que andava vagarosamente em sua direção.

–Eu sou... Jili... e humanos não são... amigos – Jili era um ser peculiar que ainda possuía algumas feições humanas, embora fosse quase que totalmente parte da flora. Era uma árvore, não havia como negar! Seu tronco, seus galhos e as folhas acima da sua cabeça, Jili era o segredo mantido naquele local e que agora havia se libertado.

–Espere, esses humanos aqui são seus amigos, acredite! Viemos nos salvar e você pode nos ajudar nisso – interveio Karithea antes que Jili pudesse fazer alguma coisa perigosa para qualquer um deles.

–Quem... garante? – a árvore se virou para Karithea que não se acanhou e continuou mantendo a mesma postura.

–Eu garanto! Estamos do mesmo lado e você pode confiar. Há algo que podemos fazer para termos a sua confiança?

–Talvez... toquem em meus galhos... irei julgar vocês – e falando assim, as raízes que prendiam Jomo e Karithea foram soltas para que eles se aproximassem de Jili e juntos tocassem em dois dos galhos sobre a sua cabeça.

Momentos de silêncio sucederam àquele e a apreensão tomou conta dos corações humanos aflitos por estarem dependentes de um ser que até pouco tempo, era completamente desconhecido. Os olhos de Jili estavam fechados como se analisasse bem a fundo cada um dos humanos ali presentes; buscava a sinceridade de espírito e a justiça há muito tempo defasada.

–Vocês... – Jili fez uma pausa maior do que o normal o que deixou os corações de Jomo e Karithea prestes a saltarem de suas bocas – são dignos... – e o que veio depois da tensão foi o alívio – sigam-me... sei onde encontraremos... o que precisamos.

Jili saiu a todo vapor desfazendo a tranquilidade que ela havia deixado transparecer para os recém-conhecidos. Em algumas salas mais à frente encontraram resistentes soldados que haviam permanecido para não deixar a sede completamente desprotegida, mas eram alvos fáceis para o ser arvoresco que liderava os agora rebeldes.

Ela soltava folhas que corriam no ar e cortavam como lâminas, esticava os seus galhos e suas raízes para que acertassem até o mais longe e protegido homem, limpando caminho para que a sua comitiva passasse sem dificuldades. Jili era alguém que você gostaria de ter sempre ao seu lado.

O casal humano apenas a assistia fazer todo o trabalho enquanto corriam atrás dela. Sob a proteção de Jili, estavam tranquilos, pois sabiam que conseguiriam fugir para qualquer lugar enquanto estivessem juntos dela.

Chegaram enfim ao estacionamento. Muitas vagas estavam livres já que as naves estavam

sendo usadas para contra-atacar a investida Lencara, mas ainda restavam algumas poucas e boas naves adormecidas.

Cruzaram todo o recinto com Jili já crente de que exterminara todos aqueles que haviam invadido o seu mundo. Acreditava que havia dizimado e abusado de forma descarada todo o seu povo. Só que conforme subiu em uma das naves e jogou suas raízes para que seus companheiros humanos subissem, viu bem próximo da entrada um soldado que ainda estava de pé e com a arma apontada para os dois namorados.

Jili soltou um rugido pouco usual para a sua espécie, e assustou Jomo e Karithea que se viraram para ver o que causou tanto espanto nela. Viram então que ainda havia mais um último soldado com a arma em mãos pronto para atirar. Jili atirou uma dúzia de suas folhas, mas tarde demais, já que o soldado também já havia disparado, porém não viveu o suficiente para ver se tinha acertado o seu alvo.

No mesmo instante, Karithea empurrou Jomo que caiu no chão e viu o seu amor ser baleado em sua frente, o corpo negro de Karithea adquiria uma coloração avermelhada e ela caiu de joelhos, ainda assim esboçando um pequeno sorriso.

– Por quê? – perguntou Jomo em prantos.

–Eu sempre quis ser a heroína de nossa história – respondeu ela sorrindo – faça valer o meu sacrifício, eu sei que você fará coisas grandiosas no futuro e eu sempre estarei contigo

–Jomo não conseguiu continuar a conversa, pois Karithea já não mais estava com ele. Abraçou o seu cadáver enquanto era puxado para cima por Jili.

–Me... desculpa... – disse a árvore se expressando da melhor forma que alguém como ela conseguia.

–Tudo bem... – foi tudo que Jomo conseguiu responder naquele momento. Deixou o corpo de sua amada num canto da nave e foi até a mesa de controle. Sabia pouco, mas o suficiente para ligar o piloto automático e usar a última rota feita... qualquer coisa para que rapidamente escapassem daquele local condenado.

Foram parar no planeta natal de Jili, Kitsurenai. Jomo mudou completamente a sua vida e buscou estudar tudo o que podia; não podia deixar que a morte de Karithea tivesse sido em vão. Vagou por mundos diversos recolhendo informações preciosas para o projeto de sua vida.

Depois de milênios desde o fim da guerra entre as nações de Lamyor e Lencara, Jomo voltou para uma Gaia completamente nova, engatinhando para um reinício da vida. Foi instruído por Jili sobre a imortalidade e agora partilhava do mesmo dom e viu com os próprios olhos que os descendentes de Kitsurenai foram os primeiros a se levantar do sono profundo. Voltou para o que era para ser Corezoen e reviveu momentos de seu passado. Por fim, viu os segundos homens ressurgirem das cinzas e percebeu que poderia fazer algo por eles.

Tentou ser um deus. Para que eles não agissem de má fé como o seu povo, tempos antes

guiou os primeiros homens dessa safra para algo grandioso, mas que pouco a pouco foi saindo dos trilhos. Séculos para ele passavam em um piscar de olhos e ele viu a sociedade definhando para o mesmo trágico fim.

PARTE II

O APOCALIPSE DE GAIA

Memória Seis

Morning Star

Estava tudo muito escuro quando Otto voltou a si; sua cabeça latejava e os ossos doíam conforme ia tentando se reerguer. Tateava o nada em busca de apoio, mas só encontrou o vazio que o abraçava. Quando finalmente se recuperou do impacto causado pela sua curiosidade, ficou de pé e encontrou a parede e por ela se guiou até a porta. De lá, buscaria respostas para as suas dúvidas.

Lembrou-se que há pouco estava dentro da nave de Johnny, entrou em uma enorme caixa, apertou uns botões e sentiu o seu corpo se despedaçar até se recompor e acordar num quarto escuro. Abriu a porta e viu um mundo totalmente diferente do que ele conhecia.

Via uma paisagem cinza que ia além do chão e subia até as nuvens e, graças ao adesivo, soube onde estava e presumiu que aquilo na nave extraterrestre realmente era uma máquina do tempo. Não sabia se havia sido colocada lá propositalmente para que a curiosidade o instigasse ou se era apenas uma coincidência; fosse o que fosse, levou-o para o passado. Para o século decadente de Gaia.

Percebeu também que estava vestido como um cidadão da época e julgou ser essa uma das várias funções presentes em mais uma das criações de Johnny, que viria buscá-lo em breve. Ao menos era o que Otto desejava.

Depois de se impressionar com as enormes construções, começou a sentir falta da humanidade. As ruas estavam desertas... ele era a exceção. Buscaria por ajuda ou esperaria ali por Johnny? Antes que pudesse se decidir, ouviu o barulho de humanos marchando organizadamente assustadores e, por instinto, se escondeu em um beco atrás de fedorentas pilhas de lixo.

Deduziu que aquilo seria o principal motivo para as ruas estarem vazias – algum tipo de monstro rodeava aquela vila e os seres se escondiam dentro das fortificações de pedra.

Viu bem adiante que não era um, mas vários monstros que o faziam lembrar das disciplinadas formigas da época de seus pais, pois trajavam armaduras metálicas esverdeadas dos

pés até as cabeças, portavam armas tão grandes quanto um braço e vinham até ele, o que o fez abaixar a cabeça e se esconder entre o entulho. Não sabia o que eram, mas o seu instinto dizia para permanecer escondido e assim ficou.

Sentiu os passos carimbando o chão e tentou espiá-los, mas antes que o fizesse acabou sendo puxado para trás, com uma mão em sua boca para que ele não gritasse. Ouviu uma voz sussurrar em seu ouvido algo como ele estar maluco em entregar a localidade do esconderijo e coisas do tipo. Não compreendeu muito bem, mas notou que era uma voz feminina, além do perfume que de cara o enfeitiçou. Foram até o fim do beco; a garota não mais tampava a boca de Otto, mas pediu por meio de gestos que ele não falasse até que ela mandasse.

A desconhecida afastou latas de lixo revelando uma passagem e mandou que Otto entrasse. Ele seguiu suas ordens e entrou na passagem seguido por ela que novamente puxou as latas para perto do buraco. Caminharam alguns metros mais adiante, passaram por dois cômodos e desceram uma escada. No andar de baixo, Otto viu pessoas.

Lembrou-se de seu antigo esconderijo, de Ganrey, Berenge e da infeliz lembrança de Edpo. Mas este esconderijo era muito maior; havia passarelas no alto, um enorme salão no subsolo criado para sabe-se lá o quê. Estava perdido admirando e assimilando tudo que via até que foi puxado novamente para si, pela garota que o havia levado para lá.

–Quem é você? E por que estava ali tão próximo deles? Se eles tivessem visto você, seria torturado e morto... você tem noção disso? – a garota o repreendia, não sabia quem ele era e o que ele representava, mas mesmo assim o havia salvado.

–Eu sou Otto... e eu não sei, estou perdido... – Otto arrastava a voz, estava começando a perceber que tinha se perdido de Johnny e que não sabia quando o seu amigo interestelar poderia vir para salvá-lo. Tinha certeza que nada que ele dissesse sobre isso iria ajudar, estava sozinho naquele mundo superpopuloso – eu estava viajando e acabei me perdendo por aqui. E não sei mais nada.

- Rafael, temos mais um drogado – gritou e um rapaz apareceu rapidamente perto deles, já não muito longe da entrada. Iam agora caminhando para o centro.

–Você não deveria pegar qualquer viciado bonito que você acha por aí – dizia num tom de reprovação misturado com deboche, o que lhe custou socos por parte da menina.

–Idiota! Eu não peguei ele por isso! Eu saí no beco para ver como os guardas estavam e ele estava bem lá na frente, atrás de um monte de lixo! Se os guardas o vissem, o teriam pegado e o torturariam para contar sobre o nosso esconderijo.

–Sim e ele não sabia onde era... mas agora sabe... parabéns! A próxima vez que o viciado correr

- atrás de sua droga ele será pego e contará tudo o que antes não sabia – o tom de deboche na voz de Rafael era irritante, como se fizesse de propósito para provocar a sua colega e Otto que apenas observava os dois discutirem não aguentou mais e teve que dizer algo.
- Eu não sou um viciado e eu não irei contar nada a nenhum daqueles seres – não escondeu a raiva em sua voz enquanto olhava para Rafael que em contrapartida simplesmente revirou os olhos.
- Quem é você Otto, de onde veio? – perguntou a jovem mulher. – Ah, e eu me chamo Áurea – seus olhos revelavam uma vida sofrida, mas mesmo assim ela arriscou um sorriso que deixou o seu rosto iluminado de uma beleza inimaginável para a mente dos não-amantes.
- Eu sou o Último de Gaia – disse a verdade, mas num tom descontraído para que não parecesse verídico – você não saberia de onde eu venho... é bem distante daqui.
- Como você veio parar aqui então? – Rafael já os havia deixado a sós, cansado da conversa com aquele novato.
- Já disse, estava viajando e me perdi. Nada mais que isso você acreditaria – disse com um sorriso bobo estampado em seu rosto, mas logo tratou de tentar recuperar a sua compostura. – Eu estou muito cansado, posso descansar aqui?
- Pode... depois você me conta mais sobre você. Assim penso se pode ou não ficar aqui em definitivo – disse e estendeu a mão – venha, te mostro um lugar para deitar – e eles foram juntos.

Caminharam entre uma multidão que os seguia com os olhos. Otto estava embaraçado, mas Áurea parecia não ligar para aquilo e seguia sem olhar para trás puxando-o pelo braço até chegarem a um pequeno cubículo. Diferente daquele em que Otto dormira na nave de Johnny, esse era de um cinza apodrecido que lembrava sua antiga casa.

- Não é nada demais, espero que não se importe – disse ela abrindo os braços e chamando Otto para entrar – você pode dormir aqui e quando acordar eu irei te interrogar. Não pense que está livre de suspeitas mocinho – abriu um sorriso ao terminar a frase e deixou seu admirador sozinho. Com o calor daquele sorriso, ele dormiria tendo os mais belos sonhos.

Otto estava de pé no meio da escuridão. Estava desnudo e lutava contra correntes que o prendiam na terra. Nada podia enxergar senão o vazio que o devorava, mas podia ouvir os incontáveis ruídos que perseguiam o seu ouvido como feras indomáveis corroídas pela insanidade. Gritavam, gemiam,

gargalhavam e por vezes, num pequeno murmúrio, poderia ouvi-las chorar. O cenário mudou: do vazio ensurdecedor acabou sendo transferido num piscar de olhos para uma terra esverdeada com infinitas árvores e campos floridos que o cercavam. No fundo, ouviu a voz de Johnny gritar algo como "Aproveite o Dia" e viu que as correntes já não mais o prendiam ao chão. Então correu.

Correu pelos campos floridos sem direção, correu até tropeçar e cair no chão, mas se levantou e continuou. Sorria, gargalhava, estava feliz, mas sentia que ainda lhe faltava algo para completar a sua felicidade. Um pequeno pedaço em seu coração estava incompleto. Incompleto até avistar uma estrela que brilhava áurea bem longe dali... E correu para alcançá-la.

Quanto mais se aproximava, mais distante a estrela ficava; ele seguia nesse labirinto sem descanso... tinha que alcançá-la, de alguma forma tinha que alcançá-la. Lutou, saltou, caiu e se levantou, mas a estrela continuava no topo do céu e ele, insignificante, colado ao chão. Teria que voar para alcançar o seu brilho dourado.

Se esforçou e alçou voo, os braços abertos jogavam-no para cima e ele levitava com a leveza de uma folha e se sentia como um feroz gavião. Sentia o calor estelar e de longe via o seu sorriso resplandecente iluminando o seu caminho. Os cabelos dourados caíam por cima dos ombros e sua pele clara brilhava em contraste com os penetrantes olhos escuros. Otto era tragado por ela.

Chegou tão próximo que podia sentir o seu perfume adocicado; estava perto de finalmente tocá-la, mas de repente o mundo abaixo dele ruiu e a linda Áurea desapareceu. Em seu lugar surgiu a figura acinzentada de Johnny e trovões seguiram antes que ele finalmente falasse enquanto Otto caía no abismo que fora criado abaixo dele.

– Seu idiota! Onde você foi parar? Você destruiu a minha máquina do tempo e some desse jeito?

Antes que Johnny pudesse terminar, todo aquele mundo voltou para a escuridão.

Otto saltou de seu colchão, suava frio e ofegava como se tivesse visto a própria Morte. Áurea, que cochilava em um outro colchão ao seu lado, assustou-se com o seu súbito despertar.
– Tudo bem contigo? – perguntou assustada. – Foi só um pesadelo...

– Sim... só – ainda estava atordoadado, mas lembrava-se perfeitamente do que sonhara. Considerou que Johnny, estivesse onde estivesse, estaria tentando se comunicar com ele, mas não

- conseguiria buscá-lo até consertar a suposta máquina do tempo destruída.
- Acha que podemos conversar agora? – ela havia deixado o seu colchão e agora dividia o mesmo com Otto. Sentou ao seu lado e o olhava intrigada tentando decifrar o misterioso homem que aparecera logo cedo na porta de seu esconderijo.
- Claro, podemos – e não disse mais nada, ficou encarando a parede visivelmente abalado, embora Áurea tivesse sido educada demais para não entrar nesse assunto.
- De onde você veio Otto? – a primeira pergunta, por mais simples que fosse, pegou-o desprevenido. De onde ele era? Não saberia responder, mas graças aos adesivos dados por Johnny, saberia montar uma resposta convincente que fosse o mais próximo daquela realidade. Hesitou por mais alguns segundos enquanto os olhos incisivos de Áurea o penetravam em busca de sua alma.
- Não muito longe daqui... – embora não tivesse a mínima ideia de onde estivessem – cresci num esconderijo similar a esse.
- Entendi... então ainda há mais rebeldes ao norte ou ao sul? – Áurea empolgou-se no colchão com a possibilidade de haver outros para lutarem ao seu lado.
- Pelo menos não de onde eu vim. Todos foram mortos e eu, por sorte, consegui escapar – não contava mentiras, embora omitisse o importante fato de ser um viajante do tempo. Não que a sua mais nova amiga fosse acreditar nele.
- Ah, que pena... – toda a sua empolgação se esvaiu com a afirmação de Otto – e o que você estava fazendo mais cedo escondido? Não pensou que eles pudessem te achar e te executar? – para o alívio de Otto, ela havia lhe poupado de perguntas mais pessoais e isso o fez acreditar que poderia ficar lá naquele esconderijo por tempo suficiente para que Johnny terminasse os reparos em sua máquina e viesse lhe buscar.
- Para onde eu teria ido? Tinha que estar lá para que você pudesse me achar – sorriu e recebeu como resposta um empurrão para o lado que o desequilibrou, mas que não evitou que pudesse revidar: empurrou Áurea para o lado e deixando-se levar pela brincadeira caiu ao seu lado. Ficaram os dois deitados ali, sentindo a vibração mútua que causavam como se nada pudesse estragar aquele momento de pequena felicidade. Começaram a rir e Otto tentava se sentar novamente, mas era impedido por Áurea que o puxava para baixo e até pulou em cima dele para impedi-lo de se levantar, o que, claro, causou divertimento entre eles.

Rafael então coçou a garganta. Estava parado na porta enquanto os dois jovens iam se

recompondo sem poder esconder o embaraço.

–Iremos começar a reunião em breve, esperamos por você lá Áurea – disse com uma cara carrancuda. Tinha as sobrancelhas grossas e uma barba cheia que o deixavam com uma cara assustadora, os cabelos desgrenhados não passavam dos ombros e os olhos azuis eram amargos e desconfiados.

–Claro, já estou indo – respondeu ela que, sem se importar com o seu colega na porta, virou-se para Otto – você vai também, pois pode nos informar algo de útil.

Otto viu Rafael na porta revirando os olhos e saindo do quarto deixando-os novamente a sós. Não respondeu. Simplesmente acenou positivamente com a cabeça e ela sorriu se levantando seguida por ele.

No caminho Otto viu um espelho e nele o seu reflexo. Viu que estava menos pálido do que se lembrava. Na verdade, se sentia bem diferente de quando estava em sua Gaia devastada. O cabelo estava limpo e cortado e a barba feita; considerou isso mais um feito da grande máquina do tempo de Johnny. Onde estaria Johnny? Uma parte dele o pedia urgentemente, mas outra queria simplesmente aproveitar aquele momento. Quando Áurea estava com ele.

Áurea o levou até uma enorme sala não muito longe do quarto em que eles descansaram. Havia uma enorme mesa redonda que preenchia quase todo o cômodo. Todos os humanos já estavam preparados esperando apenas a garota dos cabelos áureos chegar para que pudessem começar a reunião. Otto viu uma enorme quantidade de pessoas: viu homens brancos, negros e até asiáticos; viu mulheres de cabelos longos e lisos bem como algumas com cabelos encaracolados ou curtos. Cada pessoa lá dentro era singular e todas representavam o que havia de melhor naquele grande refúgio. Todos eles lutavam por um mundo melhor; nenhum deles aceitava o seu destino e tentavam loucamente fazer com que ele fosse modificado. Lutavam contra a tirania daqueles que queriam ditar a vida dos outros enquanto caminhavam livres em sua glória.

Otto sentou-se ao lado de Áurea e tentou prestar atenção no que diziam, mas logo acabou perdendo o foco, viajando por outras dimensões que ele ainda não conhecia. Eles poderiam usar os adesivos, pensou. Assim saberiam o que o outro pensa de maneira bem mais prática e monótona. Encostou sua cabeça na mão e apoiado na mesa, espiava todos lá presentes e via que muitos estavam como ele e sentiu-se menos incomodado consigo. Deixou o seu corpo no piloto automático e sumiu de lá.

Voltou para os campos floridos em que havia estado em seu sonho, mas estava escuro sem o brilho dourado da estrela que o conquistou da última vez. Era apenas Otto, sozinho, mas sabia que – de alguma forma – não estava lá por mera coincidência, simplesmente sentou-se no chão e esperou.

Meditou até que Johnny aparecesse em sua frente e já esperava uma recepção nada calorosa. Foi exatamente como ele previu: Johnny furioso no meio da mais pura paz. Como o sol que brilha feroz na escuridão.

–Eu não acredito que você voltou no passado Otto, não quero acreditar que tenha depositado toda a minha tola esperança num humano tão burro como todos os outros!

–Não foi a minha intenção, mas sinto que posso fazer algo por eles. Por nós – respondeu Otto não se ofendendo com as ofensas iniciais de seu mentor e aceitando-as de bom grado já que no fundo, ele a merecia.

–Você acha que pode fazer algo por eles? Você acha que eu já não mandei um trilhão de pessoas que sonhavam em fazer a diferença nesse mundo e que morreram entre a podridão? Você certamente não é o primeiro, mas provavelmente o último e sabe o que você está arriscando não é mesmo? Todo o projeto que eu construí com muito esforço jogado no lixo por absurdos cometidos pelo meu bichinho! – Otto sentiu Johnny bufar de raiva enquanto começava a andar em círculos com os punhos cerrados e os dentes rangendo. Otto não sabia quantos, mas Johnny parecia ter pelo menos 4 vintenas de dentes em sua enorme boca proporcional à sua cabeça.

–Acho que posso redimir os erros que você cometeu ao tentar ser um deus e falhar miseravelmente – não havia raiva em sua voz, mas sim um tom provocador para que Otto tentasse igualar Johnny nessa discussão e conseguisse a sua atenção. – Nada contra, mas eu voltei quantos anos no passado? Acredito que muitos e mesmo assim as pessoas já se escondiam no subsolo. Demorou muito para você perceber o que fazer conosco? – acidamente jogou as palavras para que Johnny tentasse pegá-las.

–Ótimo! Vá lá bancar o herói, mas deixa eu te contar um segredinho: todos aqueles que você conheceu no esconderijo irão morrer e se você continuar morrerá também e Animália, minha Animália morrerá. Você prefere viver numa fantasia de que pode salvar o mundo e viver feliz para sempre com aquela garota dos cabelos loiros? Vá em frente, mas você só estará provando como a humanidade é idiota! – ao dizer isso, Johnny se desmaterializou e sumiu dos olhos de Otto que permaneceu poucos segundos a mais naquele mundo até ser novamente transportado para a sala de reuniões humana.

Como se nada tivesse mudado, continuavam discutindo alguns assuntos desnecessários, mas naquele momento em especial a atenção de Otto havia sido capturada. Áurea falava. Sobre o abuso dos policiais, sobre tentar um golpe no coração do Estado e sobre o último de Gaia ter alguma informação relevante sobre outros esconderijos.

– Hmm, e qual seria essa informação? – perguntou Rafael.

– Ele veio de um outro esconderijo onde todos foram mortos e apenas ele sobreviveu

– respondeu Áurea da mesma forma seca que seu colega havia perguntado.

–E quem garante que ele de fato fugiu? E se estiver trabalhando para eles? Se estiver aqui como espião e se já souberem de nossa localização? – o comentário fez com que as suspeitas sobre Otto aumentassem rigorosamente. – Eu não acredito nele nem na forma como ele apareceu aqui. Não podemos deixá-lo como um convidado de honra sem ao menos o conhecermos! – Essa última frase foi seguida por rugidos de aprovação por parte daquele conselho.

–E o que você pretende fazer então? – Perguntou Áurea abatida. No fundo sabia qual era a intenção de Rafael e por isso se ressentia, mas se todos estivessem contra ela nada que fizesse poderia salvar Otto.

–Prendam e interroguem-no de maneira eficaz! Vamos descobrir se ele realmente se perdeu e parou aqui ou se foi mandado para seduzir membros de nossa equipe – e lançou um olhar venenoso até Áurea que procurou não rebatê-lo. – Acredito que não há nada de mal em tratá-lo como nos tratariam se fôssemos pegos. Você não é nosso hóspede! É nosso prisioneiro – ao dizer isso Rafael se levantou e todos os outros o acompanharam, ficando a sala toda de pé. Mas antes que fossem ordenados a fazer alguma coisa foram surpreendidos.

–Não deveriam perder o tempo precioso tentando arrancar fatos inexistentes de mim. Deveriam em contrapartida se prepararem para a guerra que eu sei que vocês terão que travar em breve. Se eu fosse um espião, certamente os seus inimigos já estariam aqui e mesmo que supostamente precisassem de mim, acredito que não seria para ser um agente infiltrado. – Otto parecia irreconhecível e os presentes não conseguiam esconder o próprio espanto. Áurea era a mais assustada. – Agora, se vocês quiserem desperdiçar o nosso tempo precioso vão em frente, mas de onde eu vim eu posso fazer coisas que vocês sequer sonhariam – isso talvez fosse um blefe; não dá para afirmar com certeza, pois era como se Otto estivesse possuído naquele momento... como se por um breve espaço no tempo ele fosse um deus.

Rafael, mesmo assim, ordenou que o prendessem, mas todos hesitaram e, cansado de

insistir, o líder daquela pequena revolta também cedeu para o olhar macabro e cortante de Otto e desistiu da ideia de tentar prendê-lo. Áurea estava amedrontada e tinha lágrimas deslizando pelo rosto; tremia quando Otto já aparentava estar normal e – ao tê-lo olhando fundo em sua alma – saiu correndo da sala. Sem se importar com o que os outros fossem falar, provavelmente aliviados por ele sair também, Otto foi atrás da estrela dourada.

Áurea correu até entrar em seu quarto e fechou a porta deixando Otto trancado do lado de fora. Bateu na porta e chamou por ela, mas não obteve resposta. Tentou mais algumas vezes e o resultado foi o mesmo. Desistindo de tentar conversar com ela, sentou-se apoiado na parede do quarto e esperou por qualquer coisa.

–Você assustou todos nós – disse uma voz que vinha das sombras. Era um homem escuro como a noite e pela sua feição já não parecia ser tão jovem podendo-se perceber que já estivesse próximo da meia-idade. Seus cabelos igualmente escuros com ralas mechas brancas, formavam um grande capacete. Otto gostou do cabelo e desejou que o seu liso pudesse ser tão legal quanto aquele e apontou para o quarto fechado onde Áurea estava trancada há um bom tempo.

–Não foi a minha intenção, mas vocês queriam me prender e torturar e é como se algo tivesse tomado o controle e me fizesse agir daquele jeito – chateado, Otto permaneceu com os joelhos apoiados no peito e a cabeça baixa olhando para o chão enquanto conversava com o homem que havia sentado ao seu lado – não queria que ela achasse que eu sou um espião ou algo pior.

–Ela ficará bem e talvez amanhã, após estar com a cabeça fria, possa te atender, mas quando isso acontecer é bom que seja sincero se sente algum afeto por ela. É tudo muito recente e a sua chegada serviu para chacoalhar as coisas por aqui; estava tudo tão chato e é legal ter uma novidade – sorriu, incitando Otto a rir com ele, mas recebeu em troca apenas um olhar desolado e assim desistiu de continuar com aquilo. – Vejo potencial em você garoto, talvez possa nos ajudar a ganhar esta guerra.

–Você pode me explicar como e por que está acontecendo essa guerra? – Otto, a bem da verdade, já havia visto no adesivo como tudo havia começado, mas sentiu que poderia se abrir com aquele homem e que isso talvez o aproximasse dele. – Cresci num esconderijo, escondido, até que todos onde eu morava foram assassinados e eu consegui fugir até parar aqui, mas como necessariamente tudo isso aconteceu?

–É uma longa história e acredito que você terá tempo para ouvi-la – riu e olhou de canto de rosto para a porta ainda trancada – o Brasil, localizado no continente americano, foi um dos últimos países a serem adicionados à história mundial... tudo o que sabemos antes de sua colonização portuguesa é incerta. Por isso, é como se nosso país tivesse apenas pouco mais de 500 anos, por

mais que sua história seja obviamente muito mais longa do que isso. Mas a história é escrita pelos vencedores e os primeiros homens que pisaram aqui foram dizimados – subitamente o homem parou de falar e começou a encarar a parede do outro lado do corredor.

–O que aconteceu? – perguntou Otto fingindo interesse por algo que ele já sabia. O interesse, na verdade, recaía no homem recém conhecido.

–Estou tentando me lembrar... faz um bom tempo que eu li sobre isso... já sou meio velho e vi coisas desastrosas demais que infelizmente tomam o controle de boa parte de minhas memórias, mas acho que deve ser assim com todo mundo... – sibilou alguma coisa antes de voltar para a sua história. – Continuando, desde o começo com a chegada dos portugueses, criou-se uma maldita hierarquia na qual os europeus, claro, ficaram no cume enquanto os nativos dessa terra serviam de escravos... – ele continuou falando, mas Otto novamente viajava. Conforme o homem falava, ele podia se vislumbrar nos períodos históricos que seu mais novo amigo descrevia e se sentia perto de tudo que acontecia.

Falou da chegada dos africanos e de como os negros, seus ancestrais, eram escravizados sem dó e nem piedade pelos fazendeiros pelo simples prazer de dominar outras pessoas da forma mais sanguinária possível já que era assim que a alma humana parecia se satisfazer. Por muito tempo a escravidão esteve presente em praticamente todo o mundo. Contou também que mesmo quando a escravidão foi abolida, as pessoas olhavam os negros de forma torta e por séculos adiante a discriminação continuaria assolando todo o povo descendente da Mãe África.

–Do que adianta ser livre se você não tiver oportunidades de construir a sua vida com dignidade? – disse enquanto alternava sua história com exemplos reais vivenciados por ele mesmo. – Se eu ganhasse dinheiro cada vez que eu fui discriminado desde criança, eu seria milionário e compraria essa merda de exército e enfiaria as armas de cada um nas bundas gordas deles – e não deixou de exaltar como naquele esconderijo, por pior que fossem as condições, conseguia ser feliz, pois todos lá eram especiais e respeitavam-se acima de tudo. O respeito é o sentimento inicial para se ter o restante.

Começou então a falar sobre a ditadura militar e ambos não pouparam calafrios, pois não havia se passado nem um século desde as notícias de ditadura militar e novamente ela voltava para assombrá-los. Não procurou entrar em detalhes, pois era algo que visivelmente o abalava e Otto o respeitou por também sentir o que poderia ter acontecido com o seu mais recente amigo. –Isso tudo é uma merda. Odeio o fato de existirem pessoas que acham que podem ditar a vida das outras e que é só ter dinheiro que elas sobem na escala e cagam em nós que estamos aqui

embaixo, literalmente embaixo – dando ênfase a essa última frase e soltando uma gargalhada, mostrando que apesar de tudo ainda possuía algum senso de humor. – Tudo que eu queria era viver em harmonia e as pessoas, é claro, confundem harmonia com igualdade, mas eu não quero ter os mesmos privilégios ou o mesmo saldo bancário que o desgraçado que comanda esse país. Eu só queria viver tranquilamente em um canto decente para chamar de meu, com as pessoas que amo e que não precisasse me esconder por defender o que penso, que as pessoas não morressem por motivos banais, que eu pudesse fazer algo que eu amo ao invés de depender de trabalho quase escravo e que os próximos filhos da Mãe África pudessem nascer e crescer num mundo onde ser negro não fosse um pecado.

–Acredito que talvez em alguma estrela distante exista um mundo assim – Otto buscou por um nome, mas percebeu que aquele cara que já conversava com ele por um bom tempo não havia se apresentado. Ficou procurando por um nome na mente, mas sabia que não estava lá.

–Eu sou Bernardo, falta de educação minha em falar tanto contigo e não me apresentar – respondeu o homem que se levantou e se espreguiçou. – Preciso ir agora, este lugar não é feito para os procrastinadores! Espero, Otto, que você consiga nos levar para a sua estrela harmoniosa.

Otto viu Bernardo sumindo por entre os corredores e percebeu que havia realmente gostado dele, uma estranha conexão que poderia unir dois seres de épocas distintas. Diferente do que ele sentia por Áurea, fora algum tipo de fraternidade que de cara o conquistou.

Sozinho no corredor, de costas para a porta ainda trancada de Áurea, Otto permaneceu esperando que realmente pudesse levar todos aqueles pobres seres à Animália se, claro, Johnny conseguisse vir buscá-lo e se quisesse vir, pois parecia muito irritado. Porém, Otto sabia que ele viria, precisava dele e não desistiria facilmente de seu projeto, mas enquanto ficasse na Antiga Gaia faria o possível para mudar o destino daquela terra amaldiçoada. Ele era o herói que aquela terra sofrida precisava... sabia que era, quem mais poderia ser?

Só ele tinha os olhos virados para além da realidade, só ele conseguia compreender cada nuance daquela época mesmo estando nela há tão pouco tempo, ele era um ser especial e era ainda mais por saber disso. Sabia do seu valor para todas aquelas pessoas e faria de tudo para não decepcioná-las, principalmente Áurea, que continuava trancada dentro de seu cubículo tentando se esconder de fantasmas de seu passado e de monstros de seu presente.

Memória Sete

Do You Wanna Start a War?

Otto adormeceu ao pé da porta, mas diferente das outras vezes não conseguiu ter contato com Johnny. Talvez o ser de outro mundo não quisesse ser contatado. Acordou não muito tempo depois com uma rala corrente de ar que passava pelo seu rosto; a porta à sua frente havia sido aberta. Levantou-se e pode ver Áurea em cujo rosto ainda havia resquícios de medo apesar de Otto sentir que isso já era um obstáculo ultrapassado.

–Me desculpa se eu te deixei com medo, nunca foi a minha intenção – tentou se desculpar, já invadindo o quarto antes que ela mudasse de ideia e se trancasse.

–Tudo bem, eu só – ela fez uma pausa e fugiu com os seus olhos para longe por um instante – me senti estranha.

–Eu também sou estranho aqui, acho que temos muito em comum.

– Seu idiota – Áurea riu e depois o empurrou para trás – vamos na cozinha, estou faminta.

Os dois caminharam até a cozinha que ficava na outra extremidade do subsolo, passaram pelo grande galpão que estava pulsando de pessoas, muitos não podiam ter um quarto como Áurea – que já era uma moradora antiga daquele esconderijo – e por isso dormiam por lá mesmo, amontoados em suas vergonhas.

Otto percebeu naquele momento o quão respeitada Áurea era lá dentro, pois enquanto passavam pelo meio dos foragidos mais comuns, todos paravam de fazer o que estavam fazendo e a cumprimentavam. Por mais que ela se sentisse desconfortável com todo aquele assédio, portava-se bem diante dele. Posteriormente, Otto soube por meio de Bernardo que Áurea era a melhor guerreira de todo aquele esconderijo, tendo sido ela quem participou do maior número de missões contra os militares e que acabou trazendo a grande maioria daquelas pessoas para a segurança e por isso todos a admiravam.

Chegaram até a cozinha e ele viu que não tinham um cardápio muito variado... Cansaram de procurar algo até que acharam algumas bananas que Áurea não hesitou em pegar para si e as dividiu com Otto.

- Estamos próximos de mais uma missão para coletar informações – dizia enquanto mastigava mostrando-se faminta. Otto, que havia vindo de um povo ainda mais selvagem não se importou com a falta de etiqueta. – Quer vir conosco?
- Vou para onde você for – respondeu rapidamente e acabou gerando um sorriso tímido no canto da boca de Áurea. Percebeu que a vida nessa época não era tão diferente da sua, quase um milênio depois, e se arrependeu apenas de não ter consigo o leite de Vênus feito por Jili que Johnny havia dado para o seu povo anos atrás.
- Bom garoto, espero que seja tão bom lutando quanto é falando.
- Eu estou vivo até hoje... – e ao falar isso, levou um tapa no rosto – por que você fez isso? – levou outro.
- Estou vendo... péssimo reflexo – e a garota saiu da cozinha deixando Otto ali com as duas bochechas avermelhadas – você não vem? – ele a seguiu, aproveitando cada momento que teria com ela.

Voltaram correndo até o quarto, estavam brincando e driblando a vida difícil que tinham. Havia poucas coisas naquele mundo que eram passíveis de felicidade. A amizade com certeza era uma delas e apesar do pouco tempo juntos a cumplicidade transbordava neles, pois era assim que os deuses queriam que fosse.

- Eu nunca havia comido banana – fez uma pausa como se para achar uma palavra adequada para ela, – é fantástica.
- Nunca? O que você comia em seu antigo esconderijo? – perguntou enquanto tirava a casca de mais uma e a entregava para o último de Gaia.
- O que conseguíamos encontrar. Às vezes nada – disse meio sem jeito, embora de fato quisesse esconder a existência do leite de Vênus.

Áurea decidiu por não continuar com aquele diálogo presumindo que Otto sentia-se desconfortável falando de seu passado. Em vez disso, sentou-se em seu colchão e gesticulou para que ele se sentasse a seu lado.

- Eu sonho com o dia em que eu possa andar na rua tranquilamente sem ser perseguida – tinha os olhos fixos nos de Otto – por qualquer um. Aqui as pessoas me respeitam, mas eu me esforcei muito para que isso acontecesse. Quero que as pessoas sejam respeitadas simplesmente por

serem pessoas!

Ela deitou a cabeça no ombro de Otto e lá permaneceu. Ele tentou buscar palavras para confortá-la, mas não encontrou. Focou seus cafunés nos lindos cabelos dourados dela, o que – de forma surpreendente – mostrou-se mais eficaz que qualquer coisa que ele falasse. O toque, a sensação de estar com alguém confortava as pobres almas humanas que eram naturalmente sós, que naturalmente buscavam por alguém. Ainda que não fosse necessário, estar com alguém era sempre muito melhor do que estar sozinho.

–Acredito que em um novo mundo tudo isso que você deseja possa ser realidade – disse O Último de Gaia, quebrando o silêncio entre eles. – Este mundo não durará para sempre e me atrevo a dizer que estamos próximos do fim – seu rosto espelhava o sombrio de sua alma, usava de seu conhecimento para dar as más notícias a Áurea que, por mais esperançosa que fosse, sabia que a chance de tudo acabar repentinamente crescia todos os dias.

–Você acredita em Deus? – ela perguntou permanecendo encostada nele, com sua mão pousada em sua coxa. De modo instintivo, ele entrelaçou os seus dedos com os dela.

–Sei que ele não é como todos esperam que ele seja – respondeu sinceramente – as pessoas esperam demais de alguém que está distante delas, esquecem de olhar ao redor e procurar por alguém que possa ser o deus daquela ocasião, muitas vezes podendo ser ela mesma... nós não precisamos de uma força espiritual, apenas de nossa humanidade.

–Não tive uma criação religiosa, mas quando fiquei mais velha, as pessoas ao meu redor viviam dizendo para não desrespeitar Deus nem profanar o seu nome – levantou a cabeça, mas sem desprender suas mãos das de Otto – e você fala que uma pessoa pecadora poderia ser deus!? Quanta ousadia de sua parte! – riu provocativamente e Otto aceitou a brincadeira.

–Acredite, Deus não se importaria. Um grande problema de todos nós é nos colocarmos acima dos irmãos terráqueos, animais em geral, e se rebaixarem para uma figura folclórica, fruto de nossa imaginação alimentada por falsos profetas.

- Uau! Minha avó certamente diria que você iria para o inferno! Não que você já não esteja em um, mas a lenda diz que há um pior – fez uma pausa como se buscasse lembranças de sua mãe, – eu acho que é isso pelo pouco que minha mãe falou dela. – Áurea virou-se para o lado e percebeu quão próximo seu rosto estava do de Otto. Entreolharam-se, mas nenhum outro movimento foi arriscado.

–Lugares tristes escondem as maiores felicidades – disse e foi o primeiro a se mover, bem lentamente. Seu rosto foi para a frente e suavemente Áurea o seguiu até que seus lábios

estivessem colados. As mãos passeavam mutuamente pelos corpos, conhecendo cada ponto do parceiro e alisando a pureza do ser. Suas línguas se digladiavam enquanto os corações entravam em erupção parecendo explodir para fora do peito. Afinal, era amor.

Separaram-se e Otto sorriu. Seus dentes brancos – graças ao leite venusiano – brilhavam como um reflexo perfeito de sua alma. Não disseram mais nada e nem precisavam, pois a partir daquele momento estavam conectados por um elo bem mais forte. Deitaram-se abraçados e adormeceram nos braços um do outro.

Acordaram juntos e nada foi feito no restante daquela noite a não ser sentirem o calor um do outro e estavam felizes com aquilo; num mundo condenado era praticamente extinta a possibilidade de sentir a leveza do ser com outro alguém. Os humanos sempre precisaram de tão pouco e por tantos milênios almejavam tanto, alcançaram coisas inimagináveis, mas perderam muito do essencial: a verdadeira compaixão com o próximo e a alegria por simplesmente estar perto de alguém amado, sem palavras, sem ações. Apenas respirando o mesmo ar.

Infelizmente, a vergonha é um terrível defeito humano e pode nos salvar de cometer algum ato de loucura, mas atrapalha em momentos que deveriam ser doces e sutis. Ambos ao acordarem, rapidamente se desentrelaçaram como se a noite anterior tivesse sido um erro, um pecado, algo não planejado, por mais que seus corações não cansassem de avisar o que queriam. Passaram o resto da manhã distantes, talvez tentando assimilar aquele novo mundo que abria as portas para eles. Uma pena, pois no fim da vida o que mais se pede são momentos como aqueles dos quais agora eles sentiam vergonha.

Foram para o grande salão, pois em meio à multidão seria mais fácil de esconder o embarço; depois foram junto de Bernardo para mais uma daquelas reuniões chatas. Essa, sem a presença de desafetos. Fora Bernardo, Áurea e o próprio Otto, nenhum dos presentes havia estado na reunião anterior, pois essa era uma exclusiva do Esquadrão Robin Hood e tinham como representantes os dois amigos do filho de Eleanor.

Planejaram como seria o próximo roubo que começaria assim que o sol se desligasse daquele mundo. Marcaram o local e o que cada um faria: Otto ficaria com Áurea, e Bernardo com Nataly, a melhor amiga de Áurea. Como Otto não sabia nada de seus procedimentos, tinham receio de que ele pudesse fazer algo de errado. Por isso o deixariam bem próximo para que nada fosse comprometido.

Nesta missão em especial eles seriam mais ousados. Roubariam uma base militar instalada na região; já haviam roubado mercados, mas desta vez estavam dispostos a desafiar aqueles que os oprimiam como ratos de esgoto. Além da comida, Bernardo estava disposto a encontrar o local onde as munições e armas reservas ficavam guardadas, pois tirando-as dos militares enfraqueceria o seu poder bélico e fortaleceria automaticamente todos eles que viviam escondidos. Segundo ele, viviam em uma guerra e precisavam de armas que pudessem se equiparar à dos militares.

Saíram com a chegada do crepúsculo, quando a lua pairava cheia no céu. Otto, ao vê-la, se lembrou de seu passado não tão distante e fez uma pequena oração para as almas perdidas que viveram consigo, independentemente de onde elas estivessem. Percebeu também que naquela era a Grande Mãe vivia solitária.

Nenhum outro integrante da comitiva reparou no céu.

Não era um grupo grande, apenas vinte e cinco pessoas e um quinto delas usando mochilas enormes nas costas; a cada viela um ficava para trás em pontos estratégicos, prontos para qualquer imprevisto. Se comunicavam através de celulares adaptados para que não fossem rastreados.

O acampamento militar não ficava distante do esconderijo rebelde – apenas alguns quarteirões e lá estavam eles na parte traseira: não havia cerca, pois era provisório e isso já havia sido averiguado, estavam preparados para o pior porque assim era a guerra.

Quinze chegaram até lá e sete seguiram adiante; os outros guardaram a saída. Entre os sete que adentraram, estavam Bernardo, Áurea e Otto que esbanjava tranquilidade mesmo sendo sua primeira missão com o grupo de desertores. Áurea notou isso e expôs sua opinião com um sorriso cintilante; a estrela que faltava naquele céu imensamente vazio.

Ficaram na espreita ao ouvirem passos; era um dos guardas que por azar, encontrava-se extremamente mal localizado e acabou sendo imobilizado por Bernardo assim que apareceu próximo a uma pilha de entulho onde o pequeno grupo estava escondido e, antes que pudesse gritar por socorro, Áurea já havia tampado sua boca com algo que ela tirou da mochila. O guarda foi despidido e deixado amarrado junto com os rebeldes.

–Otto, você é, entre nós, o que tem o perfil mais próximo de um militar... acha que consegue se passar por um? – perguntou Bernardo enquanto recolhia o uniforme do militar imobilizado e já

esboçando um sorriso ao ver uma pistola junto aos pertences.

–Que perfil? – retrucou Otto.

–Não faça perguntas idiotas, você é alto e branquelo, é o sonho de consumo dos grandes generais. Escuta aqui, tudo que você precisa fazer é ir em frente e nos avisar se há perigo ou não. Também seria útil conseguir encontrar com precisão a despensa – explicou de forma detalhada para que não houvesse dúvidas. Assim que terminou, Bernardo esticou as mãos com o uniforme amarrotado para que Otto pegasse. Este hesitou, mas ao espiar Áurea olhando-o apreensiva, acabou aceitando a proposta e rapidamente se vestiu como o homem amarrado no canto que por sorte, possuía um biotipo parecido com o dele.

Ele se vestiu rapidamente e seguiu adiante com o plano. Voltou por onde o guarda apreendido havia vindo e após alguns minutos voltou para onde o seu grupo esperava e confirmou o que Bernardo imaginava: os militares não suspeitavam de ameaça alguma e deixaram apenas um guarda por turno, o que provou que eles teriam agora um bom tempo para concluir a tarefa.

Otto foi seguido por Bernardo, Áurea e mais uma dupla de irmãos – Carlos e Rebeca – que eram extremamente parecidos, com cabelos pretos e pele clara, sendo Carlos um pouco mais alto. Deram uma volta silenciosa por entre as cabanas onde todo um exército dormia. Eram criaturas de esgoto, eram sorrateiros e abusavam de sua condição.

Chegaram por fim em duas cabanas enormes, as maiores de todo acampamento. Uma era do general do grupo e a outra onde estavam armazenados todo os mantimentos. Precisariam adivinhar qual delas era a desejada.

–Eu consigo sentir o cheiro de comida de longe, confiem em mim – sussurrou Áurea, que seguiu até a cabana à esquerda, puxou a cortina que lhe servia de porta e, para o seu próprio alívio, viu pilhas de grãos e freezers, onde estava armazenada a grande maioria dos alimentos que podiam se estragar com o tempo. No esconderijo rebelde também havia muito desses freezers, mas diferentes daqueles que viam agora, eram todos velhos e enferrujados quase vazios, embora ainda funcionassem e era isso o que de fato importava.

–Aqui tem muita comida, não conseguiremos levar tudo – constatou Bernardo que havia entrado na tenda seguido por todos os outros – o que podemos fazer com o que sobrar?

–Foque em levar os grãos e os congelados; o que sobrar, a gente deixa para estragar

- ordenou Áurea que já havia começado a pegar pacotes de grãos, colocando-os em sua bolsa
- vamos, não pensem muito sobre isso!
- Será que o que conseguiremos levar será o suficiente? – perguntou Otto que havia se juntado a Áurea na coleta de alimentos.
- Provavelmente não – respondeu de forma sincera – mas será algo bem-vindo e é o máximo que podemos fazer; não podemos chegar aqui com centenas de pessoas para saquear, seríamos dizimados se optássemos por isso, precisamos enfraquecer os nossos inimigos aos poucos e essa é a maneira mais segura, além de nos beneficiar.
- Mas não curará a fome – retrucou o rapaz que sabia demais, mas que possuía uma inocência com os assuntos mundanos – a comida não será suficiente para todos.
- Nunca foi – quem respondeu desta vez foi Bernardo que se juntava à dupla, estava com a bolsa cheia e dela havia tirado mais três sacolas que poderiam ser enchidas com mais mantimentos – a fome não é uma doença Otto, a fome não é uma punição divina, também não é culpa de ninguém. Ela é simplesmente a fome. A maioria dos rebeldes comem animais que por centenas de anos foram usados e abusados por nós humanos... há algum orgulho nisso? Eu preferiria viver com o meu estômago sendo esmagado ao ter que fazer do meu corpo a sepultura de outros animais, eu sou capaz de evitá-los, mas que escolha aquela multidão que vive no subterrâneo possui? Acostumamos a viver com pouco; não sei quantos viviam contigo e o quanto de comida vocês tinham, mas com grandes números a fome sempre nos alcança e não há muito que podemos fazer quanto a isso.

Ficaram em silêncio. Otto até tentou pensar em algo para falar, embora nada que ele pudesse contra-argumentar seria justo; não tinha essa vivência da fome, tudo havia sido belamente arquitetado por Johnny para que Otto não sofresse com isso. Embora a outra parte do plano do extraterrestre tivesse falhado, pelo menos a fome ele havia conseguido derrotar. Continuaram a encher as suas bolsas até que gemessem de dor pelo peso que colocavam nas costas e assim que se esforçaram ao máximo para esvaziar o depósito inimigo e tudo que podiam levar havia sido colocado nas bolsas, saíram e desligaram os freezers com os alimentos que sobravam para que apodrecessem. Bernardo se esforçou para chegar à parede em que o fio estava conectado e o desligou.

Voltaram até onde os outros do grupo esperavam. Bernardo, que estava com duas sacolas além de sua bolsa, entregou-as para os que estavam com mãos vazias, passou a bolsa para um

terceiro e puxou Otto para um canto.

–Preciso de sua ajuda, venha comigo pegar o que pudermos de armas e munições – Áurea se aproximou deles e percebendo que ela havia ouvido a proposta, Bernardo se antecedeu – não se preocupe, devolverei o seu namorado inteiro.

–Ele não é meu namorado! – chiou enquanto seu rosto e o de Otto se ruborizavam. – O que vocês vão fazer? Já conseguimos quantidade suficiente de alimentos. Podemos voltar para casa.

–Ele e eu ainda temos um assunto para tratar. Precisamos enfraquecê-los e nos fortificar. Iremos encontrar as munições guardadas e tomá-las.

–E se vocês forem pegos?

–Vocês terão que continuar a guerra sem nós, mas não se preocupe... não seremos pegos! Otto, dê essa bolsa para alguém que esteja de mãos vazias e venha comigo – Otto não disse nada, apenas obedeceu a Bernardo e entregou a bolsa para um dos refugiados que estava como guarda naquela noite. Áurea o puxou para um canto antes que ele pudesse voltar até o líder daquela expedição.

–É muito perigoso, não quero que você se arrisque assim pelas loucuras de Bernardo

– disse com uma voz trêmula – não é necessário.

–Eu ficarei bem e voltaremos para o esconderijo não muito tempo depois de vocês. Agora é melhor vocês irem – respondeu; puxou-a contra o peito e por poucos segundos a eternidade esteve em Gaia. Soltaram-se do abraço e seguiram por direções opostas. Áurea para a segurança e Otto para onde o perigo reinava absoluto.

Diferente dos alimentos que ficavam guardados em uma tenda, acharam as armas guardadas em uma pequena sala de tijolos, provavelmente pelo fato daquelas pessoas valorizarem mais as armas que podiam matar do que a comida que poderia prolongar a vida: quanto mais mortes, mais vantajoso seria para eles.

A porta estava trancada, mas rapidamente Bernardo tirou algo de seu bolso e o colocou dentro da fechadura, girou um pouco para o lado direito e mais um pouco para o esquerdo até que tanto ele quanto Otto pudessem ouvir um pequeno estalo. A porta havia sido destrancada. Entraram e viram como uma pequena sala pode guardar tanta destruição!

Paredes cheias, armários transbordando e caixas enormes no chão. Tudo estava

abarroado de armas ou munições. Havia naquela pequena toca mais poder bélico do que os olhos de Bernardo poderiam processar e embora sabendo que encontraria muito daquilo, não havia se preparado para o caso de suas expectativas se excederem. Entrou em pânico.

–Não dá, não conseguiremos levar nem metade... não há como enfraquecê-los – agachou e ficou com as mãos sobre a cabeça como se tentasse se esconder das armas que pareciam apontadas para ele – precisamos sair daqui.

–Não levaremos nada? – perguntou Otto que ainda não havia percebido a armadilha em que eles haviam entrado – podemos levar duas caixas.

–Não será o suficiente, eles continuarão um milhão de vezes mais fortes do que nós, perdemos essa guerra – colocou-se de pé novamente e encostou a sua mão no ombro de seu companheiro – teremos sorte se sairmos daqui. Deveria ter ouvido a Áurea, pode colocar tudo na minha conta.

Antes que Otto pudesse dizer alguma coisa foi interrompido por uma sonora sirene em todo o acampamento, supondo que tivessem descoberto que a dispensa havia sido saqueada.

–Não se preocupe – disse Bernardo recobrando a razão, – todos já devem estar a uma distância considerável daqui – deu um giro completo procurando por alguma saída alternativa e não encontrou nenhuma – terá que se preocupar conosco. Você acredita em Deus? Talvez fosse um momento oportuno para Ele ajudar alguém – foi até as caixas e puxou dois revólveres, deu o primeiro para Otto e em seguida entregou-lhe as balas e para a sua surpresa, o novato manuseava a arma de forma mais satisfatória que ele próprio. Estavam armados e prontos para a batalha. – Se tivermos sorte, eles nem virão checar aqui e depois de um tempo poderemos sair correndo sem que eles nos percebam – sussurrava perto de Otto tentando manter a calma, mas a verdade era que Bernardo estava morrendo de medo. Porém, o medo pode ser algo benéfico, pode ser a injeção de vontade que faltava para se fazer algo e naquele momento tudo que aqueles dois homens precisavam era de muito medo, do tipo que pudesse guiá-los para fora intactos, pois se tivessem excesso de confiança poderiam achar que derrotariam todo aquele acampamento sozinhos e isso nem nas mais bravas histórias de heróis seria possível.

–E se não tivermos sorte?

–Então atire muito naquela porta quando ela abrir e esteja preparado para morrer, mas não antes de levar uma vintena de homens – disse e então tentou puxar um dos armários para o meio da sala, de maneira com que o ruído não traísse as suas posições. Otto percebendo qual era a intenção de Bernardo ajudou, cada um levantando um dos lados com cuidado para que nenhum barulho fugisse. Fizeram o mesmo com mais três armários servindo de obstáculo caso algum soldado decidisse entrar lá.

Esperaram. Esperaram muito. Quando pensaram que estavam seguros e que logo poderiam ir embora dali, ouviram alguns passos do lado de fora e os corpos enrijeceram conforme o coração disparava em seus peitos. Viram a porta ser aberta e logo Bernardo atirou sem que o homem que caiu morto tivesse tempo de saber o que o havia matado. Por sorte ele estava sozinho, mas não demoraria muito para que viessem socorrê-lo por conta do estrondo ouvido. Otto, seguindo o seu instinto, correu até o cadáver e tirou de sua mão uma chave que ele julgou ser do depósito. Jogando o cadáver para o lado, trancou a porta com a chave e agora sem a preocupação de não fazer barulho arrastou um outro armário para bloquear a porta.

– E agora? – perguntou o Último de Gaia para Bernardo.

–Esperamos... acho que não há muito o que fazer a não ser que você enxergue alguma outra saída daqui – respondeu e junto a Otto, tentou procurar um pequeno vão que fosse, mas não encontrou. A única saída estava bloqueada e não demoraria muito para estar apinhada de soldados que haviam acordado e estavam furiosos por terem a noite de sono interrompida por ratos de esgoto que tentavam roubar seu acampamento.

Não demorou para que batessem na porta que trancada, resistiu até que comesçassem a forçá-la mais e mais. Era um casebre velho e a porta já antiga não pôde resistir muito mais do que alguns empurrões dos fortes militares. O primeiro obstáculo foi vencido, mas um dos armários bloqueava a passagem logo em seguida. Empurraram-no para trás e com este erro grotesco sucumbiram para os atiradores que aguardavam nas sombras e sem piedade, mandava-os para o outro mundo.

A dupla rebelde conseguiu surpreender ao menos 5 dos soldados ainda sonolentos; os

outros hesitaram em se sacrificar de maneira tão débil. Estavam presos, mas isso naquele momento era uma larga vantagem para eles. Podiam ficar ali dentro esperando na escuridão e não seriam incomodados pelos homens que com medo, deixavam a confiança subir. Não arriscariam derrubar o pequeno casebre, pois era o lar de suas armas que se mostraram muito valiosas para serem sacrificadas junto aos dois seres imundos do subsolo.

–Estamos seguros aqui por incrível que pareça – Bernardo foi quem quebrou o silêncio na completa escuridão. Otto apenas conseguia ver os traços do amigo que parecia empolgado pela oportunidade de matar tantos inimigos. A guerra não compensa a ninguém, mas a adrenalina de estar em uma não pode ser parada até que tudo esteja enfim acabado e aquela noite seria muito longa. Afinal, assim é a guerra.

–Eles podem explodir tudo não podem? – Otto perguntou, mas Bernardo logo desconsiderou o temor do amigo.

–Eles provavelmente pensaram nisso, mas tudo isso aqui é muito caro para eles e por isso nos deixarão quietos até que pensem em algo mais efetivo para nos tirar daqui.

–E quando eles descobrirem, o que nós faremos?

– Vamos para o tal de Inferno, mas não de mãos vazias.

Pacientemente esperaram o próximo passo inimigo. Nada podiam fazer senão isso, mas Otto começou a procurar nas caixas algo que pudesse ajudá-los. Seria uma tremenda besteira eles ficarem ali com tanta coisa a seu favor e não as usarem para si. Com a porta aberta podia ver que o acampamento do lado de fora estava completamente iluminado e havia um pelotão pronto para caçar.

–O que você está procurando? – perguntou Bernardo sem tirar os olhos da porta semiaberta.

–Algo que possa nos salvar. Eles não ficarão esperando para sempre, temos que agir também – disse. Em seguida, enfiou a mão mais algumas vezes dentro da caixa até tirá-la novamente e revelar um pequeno cilindro que, mesmo com a pouca iluminação, revelava ser uma granada – acho que isso pode nos ajudar.

–Certo, mas o que necessariamente iremos fazer depois que você jogar isso lá fora? – Bernardo deu de ombros para o achado de Otto, ainda não via como aquilo poderia ajudá-los e francamente nem o próprio Otto sabia – além do que você pode acabar errando e isso estourar

aqui dentro... essa é uma péssima ideia.

–Tem razão, mas você tem uma melhor?

– Não.

–Então fica quieto – disse com rispidez, mas rapidamente relaxou a expressão soltando algumas gargalhadas e provocando-as em Bernardo – confie em mim. Não podemos ficar apenas esperando até que eles pensem em algo para nos tirar daqui e acredito que isso já tenha passado pela mente deles.

Otto separou mais algumas granadas e Bernardo o ajudou procurando em outras caixas. Havia bombas de efeito moral, bombas de fumaça e mais algumas que Otto suspeitava que fariam um grande estrago. Otto se agachou e engatinhou até ficar próximo ao vão da porta para que os soldados não o vissem e quando chegou lá, soltou o lacre de uma granada e jogou. O primeiro estouro foi ouvido. Antes que pudessem esboçar alguma reação, os homens que montavam guarda do lado de fora foram surpreendidos por uma bomba de gás que rapidamente tomou conta do lugar formando uma espessa névoa naquela madrugada.

–É a nossa oportunidade – disse o Último de Gaia e então saiu com ferocidade nos olhos; tinha deixado o revólver de lado e portava uma das metralhadoras que encontrou enquanto tateava as paredes. Otto tinha um senso de direção invejável e é como se a névoa nem estivesse ali: ele conseguia detectar seus adversários pelo medo que exalavam e não perdoava ninguém. Bernardo vinha junto a ele uivando com a loucura da batalha.

Como dois rebeldes poderiam matar tantos homens? Não possuíam poderes, nem experiência, mas por um breve relance no tempo foram imortais. Lutavam como deuses e matavam como homens. Otto se esgueirava pelas paredes enquanto aproveitava a névoa que ele mesmo criara. Bernardo nem se preocupava em se esconder; tomado por seu instinto predador, atacava os soldados que corriam para se proteger em estado de pânico, pois jamais esperavam um ataque de rebeldes que estavam teoricamente presos. O ser humano sempre será o bicho mais imprevisível.

Infelizmente, por mais que tivessem matado dezenas de homens, ainda havia mais e conforme a névoa se dissipava o cansaço surgia e a loucura da batalha se esvaía, a dupla de atacantes percebia que eles estavam condenados, mas morreriam como heróis. Mesmo que ninguém fosse dar muita importância para um sacrifício que não precisava ter acontecido.

Aproveitaram a pouca névoa que ainda restava e correram até um dos muitos becos que rodeavam aquele local. Os soldados, já conseguindo ver as sombras de seus alvos, correram atrás e um ousou atirar. Acertou a perna de Bernardo que tropeçou, mas correu mesmo debilitado pois a loucura da batalha o havia abraçado novamente e ele não se entregaria ali. Otto ouviu o barulho do tiro, mas estava tão desesperado em fugir que não percebeu que seu amigo tinha sido atingido logo atrás.

Foi perceber depois de algum tempo quando olhou para trás e viu que Bernardo ia se distanciando. Então ele parou e correu para ajudar o amigo que mancava, mas foi recebido por um grito que dispensava a sua ajuda. Otto viu que os soldados vinham todos atrás e com lágrimas nos olhos voltou a correr abandonando Bernardo para a morte. Deu mais uma olhada e viu Bernardo tirando uma granada do bolso e se explodindo junto a uma dezena de militares que os perseguiam.

Não parou de correr um segundo sequer; lembrou quando estivera correndo de Edpo, mas havia sido pego e que se não fosse pela intervenção divina de Johnny provavelmente teria sido morto. Infelizmente, Otto sabia que seu amigo interestelar não apareceria ali, embora no fundo ainda guardasse um pouco de esperança. Os humanos sempre guardam um pouco de esperança.

Chegou ao esconderijo e os guardas o recepcionaram, desceram e logo chamaram Áurea que provavelmente estava muito preocupada por aquela missão suicida em que os dois haviam entrado.

– E Bernardo? – Áurea perguntou, mas no fundo já sabia a resposta e por isso já ensaiava um choro. Quando viu que Otto não conteve as lágrimas, acabou desabando com ele e abraçados ficaram chorando em memória do amigo que havia partido daquele mundo.

Memória Oito

Dead as Yesterday

Otto descansou no quarto de Áurea, mas ao acordar já havia sido convocado pelo conselho. No caminho Rafael, que presidiria a reunião pediu que ele contasse tudo o que havia acontecido e porque haviam desobedecido as ordens de voltar em segurança. Por mais que Bernardo fosse um dos líderes, ele pôs a sua vida e a de Otto em risco, embora a dele já tivesse sido riscada e a de Otto só importasse para Áurea. Otto contou resumidamente, pois sabia que no conselho seria interrogado e todos os detalhes viriam à tona.

Chegaram juntos e todos os olhos estavam fixos nele, praticamente nenhum mostrando compaixão. Julgavam-no e até mesmo ouviam-se sussurros de que ele teria matado Bernardo antes de voltar para a segurança do acampamento. Era a oportunidade perfeita para que Otto fosse despejado e muitos ali, enciumados pela sua rápida ascensão e a conquista do coração de Áurea, desejavam isso.

Otto sentou-se na mesa redonda, enquanto que, no assento em frente a ele, Rafael sequer piscava enquanto o encarava, permanecendo quieto por longo tempo antes que começasse aquela reunião.

–Otto, você estava no grupo da missão de ontem à noite que parcialmente foi um sucesso. Seria um sucesso completo se vocês não tivessem desobedecido as ordens de voltar para o esconderijo... – Rafael fez uma pausa enquanto sorria de canto e olhava para Áurea que havia se sentado próximo a Otto - como acha que poderemos fazer para com que você pague por sua desobediência e, o pior, pela morte de uma pessoa querida para nós?

–Foi ideia de Bernardo! – gritou Áurea que, enfurecida, se levantou e bateu com as mãos na mesa provocando um estrondo e assustando aqueles que estavam ao seu lado – eu conheci Bernardo melhor do que ninguém aqui; eu fui uma das primeiras a entrar neste esconderijo e muitos dos que começaram já não estão mais entre nós. Eu sabia das motivações de Bernardo e eu tentei impedir, não tente fazer um falso julgamento enquanto eu estiver presente.

–Com licença, não deixe suas emoções falarem por si. Estamos no meio de um julgamento aqui e eu peço por um pouco de seriedade.

–Você é ridículo.

- Mais uma dessas e você será expulsa desta sala – Áurea, por fim, se sentou enquanto Rafael, sem ao menos disfarçar o riso disse – pode começar a contar a sua história, Otto.
- Bernardo pediu para que eu fosse com ele até onde as armas estavam guardadas. Eu fui, mas os soldados acordaram e ficamos presos lá até que nos descobrissem. Conseguimos matar muitos deles, mas enquanto fugíamos Bernardo levou um tiro na perna. Quando percebi, ele estava muito atrás e eu teria voltado para ajudá-lo, mas ele estava com uma granada na mão e antes que eu pudesse pensar em algo ele a disparou e matou uma grande quantidade dos que nos seguiam com esse sacrifício – Otto tinha se levantando e falava olhando nos olhos de cada um dos presentes. Sabia que Bernardo era alguém querido para a maioria e que sua falta seria sentida, mas não poderiam culpá-lo pela sua morte. – Assim foi a maneira como um dos poucos que me acolheu aqui lutou e morreu; o que vocês querem saber agora?
- Provavelmente você foi seguido! Certamente há uma tropa bem próximo daqui querendo vingança pela sua insolência – Rafael parecia não estar abalado pelo relato sobre a morte de seu ex-companheiro e continuava atacando Otto da maneira que conseguia.
- Ouça, Rafael, se eles tivessem visto por onde eu entrei, certamente já estaríamos todos mortos! Quer me incriminar de mais alguma forma? – respondeu Otto abruptamente.
- Se ele quer fazer parte de nós, deveríamos saber ao menos o mínimo de alguém tão peculiar – sugeriu uma das pessoas que se sentavam à volta daquela grande mesa.
- Tem razão! E agora, com todos aqui reunidos, esse seria o momento perfeito.

Áurea tentou protestar, mas foi silenciada por um gesto de Otto que se levantava novamente e encarava todas aquelas pessoas que o evitavam em um contato direto. Quando ele passava os olhos, um por um buscava fugir olhando para o chão, mesa ou teto.

–Vocês querem saber quem eu sou? – Otto começou a andar em volta da mesa continuando a encarar todos que ficavam do outro lado – eu sou a criação de Deus mais primorosa. Não se enganem, não sou como vocês. Eu conheço o meu propósito e posso ajudá-los, por mais que, no fundo, todos vocês saibam que morrerão, certo? – perguntou e esperou por uma resposta. Olhares gélidos foi tudo que conseguiu – eu sou o tal Messias cuja vinda está sendo aguardada há gerações e hoje só poderei ser aquele que reza nas valas nas quais os seus corpos serão jogados – deu ênfase levantando o tom de voz em suas últimas palavras e sentiu todos os presentes estremecerem. – Vocês foram agraciados com o Apocalipse, mas eu posso ser a ponte para uma

nova vida, venham comigo e viverão a eternidade!

Irreconhecível aos olhos de Áurea, Otto se colocava imponente dentro daquela pequena sala amontoadada de gente; falou de maneira tão cheia de paixão que a maioria não prestou atenção nos absurdos ditos; simplesmente acreditaram, como quando crianças acreditavam em contos de fadas. Não julgo os céticos, mas é muito triste viver sem acreditar no impossível. Por isso as crianças sempre serão mais felizes e, gradativamente, enquanto crescem, perdem a cor. Deixam de acreditar.

–Ó, Messias! Salve-nos! – gritou Rafael, que agora acompanhava Otto ao ficar igualmente de pé.
– Você acha que nós somos idiotas? Acha que pode nos contar qualquer besteira? Só de tentar nos fazer acreditar nessa sua história fajuta deveria ser morto! – gritou e esperava que seus aliados esbravejassem com ele, mas todos estavam em silêncio ainda digerindo as palavras que Otto havia jogado pelo ar.

Quando percebeu que não obteria apoio, calou-se e voltou a se sentar com os olhos arregalados. O medo de Otto ter persuadido todo o restante das pessoas influentes daquele local tornava a vida de Rafael muito mais complicada e ele sabia disso. No fundo, acreditava que poderia viver por mais um bom tempo e gostaria de viver bem, mas com esse novo rival seria praticamente impossível.

–No fundo, acredito que todos aqui saibam que estamos condenados e, por isso gostaria de saber com que fundamento você se auto intitula o nosso Messias. As pessoas possuem uma fé muito frágil, Otto, não abuse delas – quem falava agora era Serena, com olhos negros profundos e a cabeça raspada para não esconder nenhuma de suas cicatrizes, sendo a mais notável a que ia de sua bochecha até abaixo do queixo. Ela não falava sobre elas; na verdade não falava sobre praticamente nada, sua presença perturbava os mais medrosos e instigava os curiosos. Usando sempre uma regata branca suja para mostrar toda a arte em seu corpo. Com ambos os braços tatuados em cima da mesa ela devolvia o frio olhar de Otto com desprezo.

–Posso mostrar para cada um de vocês que o que eu falo é verdade. Fechem os olhos, esvaziem a mente e aguardem – Otto não sabia o que estava tentando, mas algo bem no fundo de seu peito lhe dizia que era isso que deveria ser feito.

–Quer puxar uma oração para o seu pai, Messias? – Rafael voltou a provocar Otto, para ver se conseguiria recuperar a sua moral recentemente perdida.

– Só cale a sua boca e faça o que eu estou te pedindo. Todos vocês! Sanarei todas as suas dúvidas, mostrarei a história do mundo se unindo à minha e agora se unindo à de vocês

terminou de falar e esperou. Uma a uma as pessoas foram cedendo aos caprichos de Otto e quando Serena, a última a permanecer com os olhos abertos, finalmente cedeu ao Último de Gaia, foi a vez de ele fechar os seus olhos e começar a meditar.

Passaram-se alguns minutos e o silêncio reinava absoluto, mas aos poucos as pessoas começaram a ficar irritadas com a ineficácia do pedido até então inútil. Porém, quando o silêncio ia sendo derrotado pelos zumbidos de raiva, todos naquela sala foram transportados para um novo mundo. Não um mundo físico, mas um totalmente desconhecido para os descrentes.

Abriram os olhos por conta do susto e o espanto foi ainda maior. Sentiam-se verdadeiramente leves, em um enorme campo florido com um céu com cores diversas, radiantes, que ululavam de um lado para o outro, hipnotizando aqueles que caíam no chão em êxtase por aquela festa no céu.

Otto não estava junto aos presentes. Ele era todos eles.

De repente o cenário começou a mudar e, pareciam estar dentro de um buraco negro que os engolia rapidamente. Áurea era um dos presentes, mas sua feição não traía nenhum sentimento. Estava paralisada, sua presença estava desfocada, pela euforia que tomava conta de todos. Sem reação, permanecia caindo, mas sem uma única queixa.

Num piscar de olhos, o que para os sobreviventes pareceu uma eternidade, foram despejados do vórtice e agora o cenário atual era de um cinza pálido; a paisagem parecia doente e essa dor era passada para cada um dos presentes, que a sentiam bem no fundo do peito. Otto começou a falar.

Ele não estava em nenhum lugar e ao mesmo tempo estava em todos os lugares.

Sua voz rugia como um trovão, mas adormecia nos ouvidos como um choro de uma criança que se escondia debaixo do travesseiro. De início, era um som irreconhecível, uma dor causada pela lembrança de uma ferida ainda aberta na alma.

– Agora, vocês verão o que eu vi, sentirão o que eu senti e compreenderão o que eu compreendi. Agora, vocês são deuses – a voz soava na mente de cada um dos presentes, na de Áurea, Serena e até na de Rafael – a vida é apenas uma nuvem que passa no céu se transformando, se unindo com as outras e por fim, sumindo.

Com a frase ressoada, em um novo relance o ambiente voltou a se transformar. Foi tudo

que poderia ser, imagens de povos tão antigos quanto o próprio mundo e a sua evolução ao mesmo tempo em que ocorria a degradação em uma escala duas vezes maior. Viram o que o adesivo de Johnny permitiu Otto ver e numa velocidade ainda mais rápida, mas que não poderia atordoá-los, já que ali eram almas livres de suas indefesas prisões carnavais.

Com a história universal recontada mais uma vez, foi a vez de verem a vida de Otto, muito à frente do tempo em que viviam, num mundo devastado pela maldição humana. Conheceram Berenge e Eleanor e se impressionaram com a chegada de Johnny. Tudo em uma questão de segundos. Otto cresceu e viveu até ser resgatado e tudo que a ele foi dito, a eles foi repetido.

Em um baque, todos os humanos voltaram para os seus corpos e foram recebidos com uma enxaqueca aguda que, aos poucos foi diminuindo e a consciência de cada um foi sendo recuperada. Com o primeiro lampejo de alma religado ao corpo, Áurea gritou e correu até onde Otto agora jazia caído desacordado. Pelo esforço concebido, por algo nunca antes visto, a alma cobra do corpo o que ele não pode pagar.

O restante ainda estava desacreditado do que presenciaram, não sentiam mudanças corporais, mas tudo o que foi visto foi gravado em suas mentes e a memória recentemente adicionada causava choro, muito choro... sentiam uma dor que não era a deles e isso era ainda pior. A sua própria dor pode ser combatida, mas a dor de uma outra pessoa não poderia ser resistida por alguém que não fosse o dono.

Demoraram para perceber Áurea de joelhos com Otto em seu colo, mas agora não tinham dúvidas de quem ele era, de que era o Messias que veio do futuro para mudar o presente. Ao menos, era isso que haviam deduzido. Infelizmente, ele estava lá por engano e enganado pela própria sorte não poderia fazer mais do que chorar por um fim inevitável.

Tentaram socorrê-lo, mas a euforia só atrapalhava as medidas que precisavam ser tomadas, até que com a ajuda de Serena, Áurea levantou e puxou para longe da multidão o corpo ainda desacordado de Otto. Levaram-no até o quarto e o deitaram no colchão.

– O que foi aquilo? – perguntou Serena, que andava em círculos apreensiva – as visões, a voz dele na minha mente, você também passou por isso, né?

Áurea demorou para responder, encarava a parede com um olhar cansado, passava a mão sobre os braços, para se proteger de algo que ela não conhecia, para ganhar tempo e assimilar tudo que havia sentido. Nada é mais complicado que uma mente confusa e naquele instante Áurea era um turbilhão. Otto não mentiu, afinal, brincou com a frágil fé daquelas pessoas, mas

confirmou de maneira assustadora cada palavra dita.

Um viajante no tempo... como explicar para uma sociedade cética que isso, de alguma forma, fosse seria possível? Quantos nomes não permaneceram vivos por milênios, para serem esquecidos apenas quando a sociedade desfaleceu? O grande problema foi que, com o passar dos anos, ficava cada vez mais difícil viver e ao mesmo tempo crer no impossível, ou se assim fosse, era mais fácil crer em um impossível personificado em falsos ídolos do que crer em si próprio como um ser capaz de fazer a diferença. Viajar no tempo é uma simples questão de interpretação. Leia livros seculares e o conhecimento daquele escritor será passado para você; recupere os seus passos e tudo que você sentiu voltará com a nostalgia. O grande problema é que a experiência daquele grupo foi literal, o que impossibilitou absolutamente tudo: a sociedade já estava morta há séculos antes de Otto aparecer no fatídico ano de 2030. Áurea sabia disso e percebia que Otto era de fato o tal Messias, porque foi assim que há muito tempo lhe disseram.

Memória Nove

Sprouts of Time

Áurea nasceu em tempos difíceis e, como todos os outros, era conservadora demais sem ter nada para ser conservado. A lei primordial era a do livre-arbítrio, que poderia ir ao inferno, já que ninguém parecia ligar muito para ela. Controlavam a vida alheia e se orgulhavam disso, já que, por milênios, os mais poderosos sempre ditaram as regras e, não seria no crepúsculo da vida que isso seria exceção.

Os outros animais jamais resistiram ao avanço da humanidade. Nada pode ser feito e foram corrompidos um a um, espécies inteiras sumiram do mapa enquanto outras foram condenadas à prisão perpétua; linhagens inteiras em cativeiro por nenhum motivo convincente. Alguns de fácil criação viravam alimento; outros, brinquedos. Outros diriam o termo “companheiro”, mas algo comprado não pode ser companheiro de ninguém: é brinquedo, enfeite ou empregado.

Esse foi o mundo em que Áurea nasceu e cresceu, rodeada por uma toxicidade imensurável – tanto no sentido literal quanto no figurado – possuía uma enorme coleção de traumas e medos, mas era feliz o suficiente por sua família não fazer parte disso.

Era filha de duas mães, Paola e Ingrid, uma cis e a outra transgênero; vivia em duas casas caindo aos pedaços, mas preferia imensamente o pequeno apartamento que nunca pareceu assustador.

Sua primeira mãe, Paola, era uma bela jovem branca dos seios fartos e um corpo que acompanhava sua beleza extravagante. Concebeu-a aos dezesseis anos, por acreditar em pessoas que não valiam nada; foi seduzida por falsas promessas e condenada por sua ingenuidade. O homem por quem ela se apaixonara negou tudo que anteriormente havia dito e, por fim, fugiu assim que teve certeza de sua gravidez.

A garota buscou apoio em sua família, mas era uma família muito religiosa e não aceitou a filha tão jovem sendo mãe e a culpa foi dada unicamente a ela. Tudo que ela podia crer e todos em que ela poderia confiar haviam se dissolvido como uma chuva de verão.

Não possuía outro parente próximo e as amigas da escola viraram as costas assim que ela suspirou por alguma ajuda. Estava sozinha no mundo, ela e uma criança que ela nem sabia se queria. Considerou abortar, mas tinha medo de morrer mais do que qualquer outra coisa; descartou a possibilidade por sua inviabilidade tanto econômica quanto ao seu bem-estar: teria essa criança se não morresse antes.

Sem apoio nenhum, vagou pelo mundo sozinha com uma mochila nas costas e o pouco dinheiro que conseguiu juntar ao longo dos anos em um dos bolsos. Não voltou à escola, pois compreendia que todos sabiam de sua gravidez e não estava disposta a ser ridicularizada pelos colegas. Passou as primeiras noites em uma das praças de sua cidade, escondida para que ninguém a encontrasse, assim poderia tentar ter um pouco de paz. Falhou. Nessas primeiras noites não conseguiu fugir de seus pesadelos, fosse dormindo ou acordada, mas por sorte ou alguma proteção divina, não teve nenhum imprevisto muito perigoso e isso era motivo de muito alívio.

No final do quinto dia, esgotada de dormir pelas praças da cidade, escondida como um rato doente, procurou qualquer ajuda que lhe pudesse ser oferecida; foi até um dos bairros onde a aglomeração das casas noturnas era predominante. Não sabia de quantas semanas estava grávida, mas lá alguma ajuda ela conseguiria, fosse por compaixão ou por interesse.

Foi atendida logo pelo dono de uma das casas, que notou sua sujeira, mas de certa forma compreendeu o que ela precisava e lhe abriu as portas, lhe deu roupas novas e a oportunidade de um banho, que ela urgentemente necessitava. Subiu rapidamente para o andar de cima do sobrado, entrou no banheiro e certificou-se de que ele estava trancado; sentindo-se segura tirou a roupa e entrou debaixo do chuveiro.

Percebeu como o recorrente poderia destruir sensações incrivelmente fantásticas como o banho... um simples banho, que não tirava apenas a sujeira encravada em seu corpo, mas purificava completamente a sua essência.

Sentia a água caindo sobre o seu corpo nu e o vapor que a abraçava e revigorava sua energia. Estava completamente entregue e, assim, completamente vulnerável, começou a chorar. Chorou pelos pais que a abandonaram, chorou pelos amigos que não existiam, chorou

pelo cretino que a engravidou e fugiu, pensou que, se ao menos ele tivesse ficado e a apoiado, ela não estaria naquele momento no banheiro de um bordel. Finalizou com um choro breve e sem lágrimas para o ser que poderia vir a existir. Seria melhor se ela o perdesse antes que ele fosse invocado nesse mundo, refletiu.

Distraída em seus devaneios, não percebeu a porta do banheiro sendo destrancada. Era o dono do bar, cujo nome era Eduardo e, não devia ter mais de quarenta anos. Tinha o cabelo grisalho bem cortado e a barba por fazer. Era alto e musculoso, mas nesse momento todo o seu tamanho não lhe traiu e ele entrou no pequeno banheiro sorrateiramente, trancou a porta e começou a tirar a sua roupa.

Paola só foi perceber uma segunda presença quando ouviu a porta do box se abrindo atrás dela. Gritou com o susto, mas gritava em vão, pois nada nem ninguém que por acaso a ouvisse prestaria socorro. Estava encurralada.

–Isso! Grita que assim é mais gostoso! Grita bem alto! – disse o cafetão, que entrou debaixo do chuveiro e prendeu Paola contra a parede. Ela fechou os olhos e começou a gritar cada vez mais desesperada.

Ele a beijava e a mordida no pescoço, apertava o braço e a barriga. Ela tentou empurrá-lo para longe, mas recebeu um tapa na cara que a deixou um pouco atordoada, não o suficiente para que ela não sentisse o resto.

–É bom você cooperar, senão eu te mato, ok? E ninguém vai sentir a sua falta – ele ameaçou e ela, completamente abatida, acatou balançando a cabeça positivamente. – Agora vira de costas! Vira! – ela se virou tremendo.

Ele pegou o seu cabelo e a envergou como um arco. Ela gemeu de dor e sentiu a satisfação do seu agressor conforme ele apalpava seus seios, sentia a respiração ofegante dele em seu pescoço e tinha a certeza de que preferia a morte.

Não demorou para ele penetrá-la.

Faziam um movimento ritmado, mas ela permanecia sólida, não queria acompanhar essa dança, mas era levada como uma boneca sem vida. Porém, havia muita vida sendo jorrada dela nesse fatídico e doloroso dia. O pênis do estuprador era como uma faca. Uma faca bem afiada que fatiava a sua já condenada alma.

Não havia piedade nele, que a segurava pelo pescoço praticamente enforcando-a, batia o seu corpo no dela como uma marreta, distribuindo tapas ardidados por todo o belo corpo branco que não hesitava em corar. Mordeu o ombro dela de maneira tão canibalesca que, ao soltá-la, o sangue escapou; uma maneira física de mostrar como Paola estava por dentro, despedaçada em mil ou mais partes.

Ele gozou dentro dela. Plantou a sua semente maldita nela e miseravelmente ria orgulhoso de seu feito. Era genuinamente um canalha, um dos milhões de desgraçados que assolavam essa terra. Mais uma vez, Paola confiou nas pessoas erradas; obviamente não era sua culpa, mas seria ela que a pagaria de qualquer forma.

– Hoje você tá de folga – ele fez uma pausa, saiu do box e pegou uma toalha – mas amanhã você já tá na boate trabalhando – ela não respondeu, havia sentado debaixo do chuveiro e a água que continuava jorrando se misturava com as suas lágrimas. O seu carrasco deixou o banheiro e ela permaneceu lá por mais um bom tempo, abraçando suas pernas e tremendo, como se estivesse congelando, embora a água fosse tépida.

Paola permaneceu no banheiro por muito tempo, teria ficado por ainda mais, se não fosse ameaçada por Eduardo que, ao sair de lá, gritou que ela já havia gastado demais sem trabalhar; seria bom para ela sair o quanto antes para não ter que virar a sua puta.

Ela então se esgueirou do banheiro para o quarto mais próximo, colocou a roupa que havia sido posta sobre a cama e nela ficou sentada. Já havia escurecido quando ela saiu do banho prolongado e conseguia ouvir a música alta no andar de baixo. Não era essa a vida que ela tanto sonhou.

Acabou adormecendo. Estava exausta e há um tempo considerável não possuía uma boa e confortável cama; não demorou para que o colchão macio a conquistasse, mas foi longe de ser um sono tranquilo, pesadelos a atormentaram a noite inteira, até que ela finalmente despertasse buscando refúgio na realidade.

Era quatro horas da manhã e a música continuava ruidosa. Paola não queria ficar nem mais um segundo naquele lugar grotesco. Pegou a sua bolsa e colocou tudo que podia do quarto dentro dela, abriu a porta e ficou com a chave, pensando que ela poderia ser útil em algo.

No corredor havia uma mulher de joelhos que chupava o pau de um homem, que – de olhos fechados e, se regozijando de prazer, acabou não percebendo que Paola passava por eles. Havia um bêbado dormindo encostado na parede oposta; Paola hesitou, mas acabou roubando sua carteira; não havia muito dinheiro, o que tinha provavelmente o próprio dono já havia dado um fim, mas o que sobrou seria o suficiente para alguns dias.

A boate não estava cheia, mas também não estava vazia; o fluxo de amantes, bêbados e observadores se agrupava nos cantos do local, enfumaçado e cheirando a bebida, onde as mesas ficavam localizadas. Paola não enxergou Eduardo e sentiu um grande alívio por isso. Saiu pela porta da frente... um dos seguranças estranhou, mas deixou que ela saísse sem pormenores.

Caminhava a passos largos sem direção e, se certificava a todo momento de não estar sendo seguida; porém isso não a confortava nem um pouco.

Apertava a chave do quarto em sua mão direita, ao ponto de deixá-la marcada, de alguma maneira isso a relaxava o pouco que fosse e lhe daria tranquilidade o suficiente até que o Sol acordasse e fosse com ela caminhar.

Passou por algumas quadras até perceber que estava sendo seguida; não tinha de fato visto e estava com muito medo para olhar para trás naquele momento, por isso tudo que tinha era essa sensação agonizante que maltratava a sua mente. Não demorou muito para que os seus temores se provassem verdadeiros. Se ela não se arriscava a usar de seus olhos, os ouvidos não a traíam e denunciavam um carro vindo vagarosamente. Diferente do automóvel, o coração de Paola acelerou.

O carro chegou ao seu lado e, ela desviou o olhar, não poderia se sentir pior. Viu que Eduardo dirigia, estava visivelmente embriagado e, sorria como se quisesse conquistar a confiança de um animal arisco, o que o deixava ainda mais amedrontador.

–Paola, não tem motivo de sair assim agora, você pode pegar um resfriado – ela não respondeu e, ao invés disso, permaneceu caminhando com a postura enrijecida – não pensei que você fosse ficar chateada, pensei que tivesse até gostado, não tem mulher nesse país que resista a minha pegada – novamente ela não respondeu, mas a sua feição passou de assustada para irritada, franziu a testa, rangeu os dentes e cerrou ainda mais os punhos.

– Seu nojento – ela resmungou, quase inaudível para ele que a acompanhava lado a lado.

–O quê? Olha, tô tentando ser legal contigo, mas se tu não cooperar, te levarei à força de volta – ela novamente não respondeu, preferindo aumentar a velocidade de sua passada, como se isso lhe desse muita vantagem para fugir. No fundo, sabia do seu destino.

Eduardo parou o carro e saiu na mesma hora, avançou como um cachorro enlouquecido para cima de Paola que até tentou, mas não conseguiu escapar da investida, tropeçando em um monte de lixo, o que fez com que ela caísse e que o seu agressor caísse sobre ela.

Em cima dela, colocou uma das mãos na boca para que ela não gritasse; devia ser 5 da manhã e a escuridão continuava, mas ia se enfraquecendo, e a rua estava vazia se não fosse por eles.

Paola tentou acertá-lo com socos e pontapés, mas nada era efetivo. Não conseguia sobrepor o peso dele e aos poucos acabou aceitando que estava derrotada e parou de lutar. Isso fez com que Eduardo sorrisse malignamente e abaixasse a sua guarda. Então, ela usou a chave que ainda estava em sua mão como uma espada afiada e tentou enfiá-la três vezes: as duas primeiras raspam a bochecha do alvo; na terceira, acabou acertando em cheio no olho esquerdo do homem, que se levantou e começou a se contorcer de dor, mas se esforçou ao máximo para calar a sua agonia.

Paola se levantou em seguida e saiu correndo. Eduardo com a mão no olho tentando estocar o sangue que jorrava tentou persegui-la, mas agora tinha uma outra coisa para se preocupar, embora o ódio suprisse qualquer necessidade e fizesse com que ele esquecesse o ferimento para disparar contra a vítima.

Lambuzou-a com o seu profano sangue, e torturou-a com os seus aterrorizantes grunhidos, havia sido dominada novamente... os anjos da guarda não trabalhavam para os humanos plebeus.

Os acontecimentos que vieram a seguir foram rápidos demais e até o fim da sua vida, Paola teria os momentos gravados em sua mente; porém somente alguns breves instantes preservados em suas fúnebres lembranças de seu antigo ser.

Viu a cabeça de Eduardo envergando para trás, e uma mulher lhe batendo e o jogando para longe dela. Paola não viu se continuaram a briga, nem nada, estava psicologicamente exausta, com uma parte de sua alma morta sem previsões para um renascimento. Um desmaio para simbolizar essa sua morte em um momento chave de sua história.

Quando despertou, estava em um pequeno apartamento escuro, apesar de algumas luzes invadirem discretamente a janela semiaberta. Dormia em uma cama de casal velha, um colchão surrado e duro. Percebia na parede algumas rachaduras grotescas, um guarda-roupa de uma madeira escura e uma TV antiga sobre uma cômoda que tinha como pés alguns tijolos gastos.

Saiu do quarto. As pernas ainda tremiam apesar de sentir a curiosa sensação de segurança nesse local ainda desconhecido. Ouviu um cantarolar no cômodo ao lado e, foi até lá apesar do medo que a acompanhava há muito tempo. Estava na cozinha e reconheceu a pessoa que a tinha salvo de Eduardo. Na ocasião, ela vestia um pequeno vestido cor de noite e estava descalça, com os saltos em sua mão. Já nesse momento ela vestia um tipo de pijama que valorizava as suas curvas. Paola sentia pelo cheiro que ela deveria estar cozinhando algo.

–Oh, bela adormecida – a mulher se virou para a sua convidada; eram perceptíveis os traços ainda masculinizados em seu rosto, Paola sabia o que ela era, mas não se importou pois, ela via além de traços. Enxergava a essência humana que cada um conservava da maneira que desejasse e Paola tinha aprendido com os últimos acontecimentos em sua vida que nada seria mais importante que uma essência maravilhosa acima de um ego impuro, rostos modelos e sorrisos enganadores. – Pensei que você fosse dormir para sempre, querida! Agora, só um momento que o jantar já vai sair!

–Muito obrigada por tudo; eu me chamo Paola – disse com a sua voz abatida dadas as circunstâncias a que havia sido exposta.

–Ah, meu amor, não fale dessa maneira. O pior já passou, você pode ficar aqui comigo até se estabilizar de alguma forma. Não terá luxo, mas prometo segurança desse mundo machista nojento – conforme a moça falava, a insegurança dentro de Paola se esvaía, sentia-se tranquila novamente, como não se sentia desde criança – aliás, eu me chamo Ingrid.

As duas conversaram por ainda mais tempo, até que a noite surgiu e Ingrid teve que sair em busca de seu sustento. Fora a sua única alternativa e buscava sobreviver dessa maneira. Paola contou a sua vida até o dia em que elas se conheceram, falou sobre os seus pais conservadores, do ex-namorado cretino que apenas brincou com o corpo e sentimentos dela, do filho que ela esperava do maldito e do estupro que havia sido vitimada na noite anterior.

Ingrid buscou apenas ouvir, mas a sua indignação era superior à sua vontade de permanecer apenas como ouvinte, xingava e extravasava a sua raiva como se tivessem sido feitos para ela todos os fardos que Paola estava carregando.

–Temos dores diferentes, mas no fim tudo é dor. Eu sinto a sua e você sentirá a minha – disse ela para Paola quando essa terminou a sua história.

E então começou a contar a sua própria história, de como havia nascido num recipiente errado, um defeito de fábrica, já que nunca quis ser da maneira que a designaram.

–Livre arbítrio, você já ouviu isso dos seus pais, não é? Eu nunca tive isso, nem o pouco que fosse, nasci completamente o oposto do meu verdadeiro eu e, minha mãe sempre soube e sempre me compreendeu. Tentou me ajudar de todas as maneiras possíveis, mas nós éramos pobres e nada nem ninguém dava uma resposta que me convencesse... eu sabia que era diferente, porque eu me via diferente de como as pessoas olhavam para mim – fez uma pausa, Paola pôde ver algumas lágrimas correrem pelo seu rosto, – que sorte que eu ainda não passei maquiagem – riu da própria tristeza antes de continuar com a sua história. – Minha mãe era muito virtuosa, sabe? Diferente do meu pai, que tinha o mundo fechado em suas verdades. Ele sempre me odiou, mas mamãe sempre me protegeu, até um dia que ela me levou em um centro espírita; o médium disse algo sobre eu ser uma mulher presa em um corpo de homem e naquele momento foi a primeira vez que eu ouvi algo que dentro de mim eu suspeitava, pois era a verdade. Minha mãe chorou, mas não por mim, nem por ela, chorou pelo preconceito que sabia que viria quadruplicado.

Passou um carro com um som absurdamente alto que cortou a fala de Ingrid.

–Desgraça de idiota... enfim, eu tinha 15 anos quando fomos nesse centro e, até então eu simplesmente me considerava um menino que gostava de outros meninos, por mais que eu não gostasse necessariamente deles, o meu jeito sempre afeminado refletia isso para o meu pai e os outros idiotas que conviviam comigo – teve mais uma pausa, como se tentasse esconder a dor que essa lembrança lhe trazia – Foi quando eu e minha mãe começamos a estudar melhor o que eu tinha, foi quando comecei a me ver como uma mulher trans. Minha mãe sempre me auxiliou com o meu tratamento porque, quando comecei a me transacionar, tomava hormônios, já tentava me vestir da maneira que eu queria e não o que me rotulavam e até o meu cabelo, que já era grande, eu deixei crescer ainda mais, o que para um menino era algo inaceitável.

Ingrid levantou a blusa e se virou de costas; na parte inferior esquerda havia uma cicatriz

de aproximadamente 15 centímetros. Vestiu-se novamente para explicar que aquilo fora feito pelo seu pai, em uma das várias tentativas de matá-lo, principalmente quando bêbado.

–Sempre fui uma aluna exemplar, mas quando começaram as mudanças no meu corpo acabei sendo excluída de qualquer roda de amigos; os professores me olhavam com nojo e assim a escola foi o primeiro lugar que eu abandonei. Tentei estudar sozinha com a minha mãe em casa e talvez até tivesse conseguido, mas na última tentativa do meu pai de me matar, ele acabou matando a minha mãe e assim, a única coisa que eu tinha de importante nessa vida foi tirada de mim. Fugi de casa, morei na rua e comecei a me prostituir. Isso foi quando eu tinha a sua idade, hoje tenho 25 e para uma mulher trans eu posso dizer que já vivi muito e senti cada gostinho do inferno aqui mesmo nessa terra.

No final, Paola perguntou se ela teria que se prostituir também. Disse que estava com muito medo e, não queria ser apenas um objeto... seu sonho sempre foi ser arquiteta, mas que chances ela teria agora? Com as esperanças esgotadas, tentava se conformar com a sua nova realidade.

Ingrid, por sua vez, exaltou que o dinheiro que ela conseguiria ganhar seria o suficiente para ambas viverem uma vida humilde e que tentariam de alguma forma sustentar de maneira decente a criança que viria, e que ela não precisaria, a não ser em último caso, apelar para a pior escolha de vida possível.

–Eu tenho uma tremenda raiva daqueles que acham que a gente entra nesse ramo por opção. Claro! Eu escolhi, assim que nasci, sofrer o preconceito o resto da minha vida! – disse ela ironicamente. Só um idiota como noventa por cento dessa nação é pensaria assim! Agora surgem essas tais acompanhantes de luxo, tirando clientes ricos da gente! Porque, é claro, é muito fácil vender o seu corpo por três mil reais a hora. Se eu ganhasse isso por mês, eu seria puta de respeito, mas eu não ganho e nem sou, oferecem uma mixaria e eu tenho que aceitar, porque eu não tenho escolha, não sei se conseguirei comer no dia seguinte, não nem sei nem se chegarei a dormir, porque podem me matar facilmente antes disso.

Foi aí que Ingrid percebeu que poderia se atrasar e encerrou a conversa para terminar de se arrumar. Paola ficou sentada no sofá mofado enquanto a outra falava e tentava visualizar o que se passava na TV, até que acabou desistindo e a desligando. Ingrid saiu assim que lá fora ficou completamente escuro e isso se repetiria todas as próximas noites que viriam.

Paola tentou superar o seu trauma, mas isso era um trabalho muito árduo para uma ferida

ainda tão recente. Não conseguiu cicatrizá-la e assim permaneceu os seis meses seguintes protegida dentro daquele apartamento velho. Não conseguia dormir sozinha, sua mente vagava todas as noites por medos irreversíveis e só conseguia dormir quando Ingrid enfim chegava, sã e salva.

Ingrid sentia muito por isso, era compadecida por Paola e se martirizava por não encontrar uma solução para os demônios internos que a amaldiçoavam, mesmo que para ela isso fosse impossível. Algo que nem o tempo poderia curar, não seriam pessoas que daria uma solução, mas os deuses sabem como ela se esforçou.

Em uma noite atípica, já extremamente próximo ao nascimento da criança, que – com cada vez mais frequência – avisava sua mãe de que ela estava pronta para florescer, Ingrid demorou para chegar, a manhã já havia chegado e o relógio já marcava sete horas e a apreensão de Paola fazia com que ela tremesse e esperasse pelo pior daquela que nesse tempo mostrou-se ser a única pessoa verdadeira consigo. A sua única amiga, aquela que fazia jus ao significado de um sentimento deturpado, o amor.

Não aguentou mais tamanha tortura e mesmo com uma barriga do tamanho do mundo, abandonou o velho kitnet e desceu as escadas até o térreo, o que a fez ter um lampejo de Eduardo. Suas pernas bambearam e por pouco ela retornou à segurança do apartamento, se remoendo contra os seus traumas. Mas o que sentia por Ingrid foi muito mais forte e fez com que ela continuasse. Saiu na rua e, não tinha a mínima ideia de onde sua companheira poderia estar, mas seguiu a sua intuição. Procurou-a, pois sabia que um dia fora ela a procurada.

Não sabia bem o que uma grávida em seu nono mês de gestação poderia fazer; provavelmente nada estava em seu alcance, mas não foi nisso que ela pensou. Queria resgatar Ingrid, sentia no fundo de sua alma que ela estava em perigo, jamais se atrasava, pois não gostava de andar nas ruas movimentadas despertadas após um longo sono. Algo havia lhe impedido e Paola, ainda com as cicatrizes de seu passado desastroso, já imaginava o pior.

Sabia de todo o preconceito que abraçava a sociedade, de toda a amargura que estava enraizada nos homens e nas mulheres; mesmo após tanto tempo, a sociedade mais atual jamais se distanciou da mais antiga, todos com avanços magníficos, uma destreza para diferentes assuntos, mas com um espírito burro, ignorante e isso não era específico de um grupo de pessoas... era inato a toda humanidade. Rousseau uma vez disse que “o ser humano nascia bom e que a sociedade o corrompia” e o que seria a sociedade se não um monte desses seres terríveis,

corrompidos, reunidos em bando?

Schopenhauer disse que “a Terra é triste por natureza e que provavelmente foi criada pelo diabo e não por um deus”... uma teoria bastante plausível, se você parar para pensar em tantos milênios de pura guerra e ódio, o amor sempre tentando ser o protagonista, mas no fim tornando-se apenas um personagem secundário, irrelevante, aparecendo hora ou outra na história. O ódio prevalece em qualquer instância e não foi diferente naquela manhã.

Paola corria como podia, corria por duas pessoas e até, por três, corria contra uma sociedade preconceituosa por natureza, machista, transfóbica, homofóbica e todos os outros milhões de rótulos que, querendo ou não, existiam e machucavam diariamente. Existia apenas uma coisa que conseguia coexistir entre seus semelhantes e essa coisa se chamava preconceito. De resto, nada conseguia sobreviver tempo o suficiente para contar uma história.

Percebeu que começava a garoar naquele instante. A chuva tornou-se ilustre presença em sua jornada, o corpo gelava conforme o toque ácido dos pingos chegava à sua pele. Os pingos, que não hesitavam em fugir do céu como se tivessem brigado com os deuses e fossem pobres almas tentando voltar para o lar que idealizaram desde o início.

De repente, numa esquina a duzentos metros dela, viu Ingrid praticamente rastejando no chão molhado e ninguém, além dela parecia prestar atenção. Apesar da tímida chuva, as ruas ensaiavam um espetáculo protagonizado por dezenas de formigas operárias e Ingrid passava por eles completamente invisível.

Foi esse o impulso necessário que fez com que Paola disparasse, na medida do possível, até a sua companheira que, a cada passo dado, revelava diferentes hematomas em seu corpo, o sangue jorrava como a chuva e a vida permanecia pendurada por um fio roído prestes a arrebentar.

Foi socorrida por uma Paola desesperada ao ver como Ingrid se encontrava dilacerada, com um braço mais roxo que o outro e um rosto tão inchado que ela parecia nem ao menos ter olhos para enxergar toda a sua desprezível miséria. Ao estar lá, abraçada com Ingrid, Paola tomava da sua invisibilidade.

– Malditos, vocês não têm coração? Desgraçados! – Paola começou a chorar, soluçava e gritava quando conseguia, tentava de alguma forma destruir esse véu que as separava do resto das pessoas que iam de um lado para o outro – tem uma mulher aqui que precisa de ajuda... não há ninguém que consegue ver isso? – ganhava em troca alguns olhares de canto e nada mais,

nada que fizesse o preconceito ser vencido.

E no meio de seus berros, sentiu uma, não, sentiu diversas punhaladas vindas direto do seu útero. Por sorte já estava ajoelhada, e assim evitou uma dura queda causada pela dor repentina que a assaltara.

A sua bolsa havia estourado e agora havia duas mulheres cheias de dor estiradas na calçada: uma delas, abençoada por Deus com um filho, um presente que toda mulher ficaria feliz em receber, indiferente às circunstâncias. A ambulância não tardou em chegar ao local.

Ajudaram prontamente e de forma heroica a donzela em perigo e por inestimável insistência dela, a abençoada, levaram também a pobre e desgraçada para o hospital para que pudesse, na medida do possível, encontrar uma solução para os seus ferimentos.

Chegando lá, Paola foi atendida rapidamente por se tratar de uma emergência. Ela não pôde acompanhar os fatos que finalizam esse capítulo e, por extrema vergonha de Ingrid, jamais saberia da verdadeira história do que aconteceu naquele dia. Era uma mulher orgulhosa e por mais humilde que fosse em reconhecer o peso da sua cruz, foi deixado nela uma cicatriz ainda mais profunda e mais dolorosa que todas espalhadas em seu corpo.

O hospital, lotado como sempre, fervilhava em completo silêncio, numa tensão sobre-humana que poderia a qualquer momento explodir. Caras fechadas e, inquietas olhando de um lado para o outro, os pés batiam no chão e as cadeiras rangiam conforme o movimento humano acontecia. Não havia nenhum lugar vago para Ingrid e ninguém que poderia lhe dar um assento estava disposto a isso.

Era perceptível que a sua presença causava um enorme desconforto na sala de espera, cochichos sobre ela nos cantos da sala, olhares tortos sempre que ela estava em foco e por mais que os seus olhos inchados não a permitissem ver com clareza, sabia que estava sendo repugnada em silêncio e por mais forte que fosse, naquele dia se sentia frágil e completamente exposta, pronta para ser abatida.

O sinal tocou, a mãe com o seu filho no colo se levantou e se dirigiu até a sala do pediatra, a primeira do corredor. Ingrid, percebendo essa vaga movimentação foi, vagarosamente, se rastejando até o local que acabara ficando livre, movendo-se com extrema dificuldade e não havia uma viva alma que não estivesse com os olhos colados nela, como se ela estivesse pronta para cometer alguma loucura.

Ingrid provavelmente não percebeu os espectadores, pois estava muito debilitada para isso, só que já estava acostumada a ser, aos olhos dos outros a atração de um show de horrores quando saía nos dias quentes de verão, assim como nas frias manhãs de inverno. Não culpava os leigos, já que isso era uma opinião condicionada por toda a sua infância, mas sentia mais pena dos que esbravejavam contra ela do que sentia de si mesma, era algo cotidiano e a dor contínua acabou anestesiando os seus sentimentos. Infelizmente, naquele dia, toda a sua barragem havia sido invadida pela lama alheia.

Sentou-se como quem morre e obrigada a ouvir tudo aquilo que ela já sabia que era mentira, mas que, mesmo assim, a machucava como facadas rasgam a frágil carne. No exato momento em que Ingrid esperava pelo mínimo de paz possível, uma mulher em torno dos quarenta anos que estava até então sentada no assento ao lado se levantou como se tentasse fugir de um monstro, de um pesadelo encarnado.

– Nojento! Aberração! Volta para o canto escuro e que o Diabo te guarde! – gritou e teria feito mais, se não tivesse sido segurada por um casal que não estava muito distante do alvoroço e pôde contê-la sem que fugisse completamente do controle.

Um deles, alto e loiro como o sol com os cabelos encaracolados, puxou a senhora para longe e ao meio dos seus gritos para que “esse veadinho a soltasse” ele a levou até o balcão da recepção do hospital, longe o suficiente de qualquer confusão. O guarda, uma mera ilustração naquele grande desenho, finalmente interveio, recolhendo a podridão exposta naquele ambiente.

A segunda metade do casal, tão alto quanto o outro já descrito, tinha a pele bela e escura como a noite e um cabelo volumoso cujo nome do corte já o descrevia: poderoso!

– Transtornos acontecem frequentemente conosco, né? Me desculpe por ter que passar por isso, mas a nossa sociedade evolui de forma lenta e ineficaz, pessoas como aquela continuarão existindo por mais uma ou duas gerações, mas espero que em seu interior as feridas não sejam tão dolorosas como as que estão expostas – disse, sentando-se no lugar que era então da senhora retirada, Ingrid não conseguia falar e chorava, passara por aquilo milhões de vezes, mas nada parecia mudar... a dor continuava a mesma não importando o tempo e a força dos xingamentos.

– Às vezes eu acho que a melhor saída é a morte – disse ela, depois de um tempo tentando formular a sua frase. Já não soluçava mais, embora as lágrimas ainda continuassem escorrendo pelo seu rosto manchado pelo ódio.

– Talvez, mas se ainda estamos aqui é por algum motivo. Aliás, eu me chamo Bernardo e você? –

Bernardo se levantou e estendeu a mão para Ingrid, que hesitou antes que a agarrasse e voltasse a ficar de pé.

–Ingrid – respondeu, tendo dificuldades para ficar novamente de pé.

–Daniel falou ali na recepção e estava pronto para armar o maior barraco, mas aparentemente conseguiu que você recebesse prioridade; não poderemos te acompanhar no exame, mas te esperamos aqui para termos novas notícias.

Depois disso, duas enfermeiras apareceram e com o auxílio de Bernardo colocaram Ingrid em uma maca e a levaram para o interior do hospital. Deitada, o foco de sua história estava embaçado pelas lágrimas que continuavam a cair, mas essas últimas contrapondo às primeiras, eram de alegria, por saber que alguém ainda se importava com ela.

O resto é história.

Ingrid foi bem atendida e, se ignorarmos coisa ali e acolá, não chegou a sofrer ferimentos graves e, por isso, tomando remédios e seguindo todo o protocolo após algumas semanas de recuperação estava quase nova, com uma escoriação mais evidente que a outra e vida seguiu. Não foi a primeira vez que foi atacada e não esperava que fosse a última.

Paola deu à luz sem muitas dificuldades, a não ser aquelas inerentes ao se parir um bebê, que nasceu saudável, uma coisinha branca que chorava infeliz por ter sido trazida para esse mundo. Logicamente não foi isso que foi passado para os médicos e para a mais nova mamãe, que instantaneamente foi cativada pela sua filha, Áurea.

Já Bernardo e Daniel, solidificaram a sua amizade com Ingrid e Paola e viraram visita frequente em seu pequeno apartamento. Às vezes tudo parece que ficará bem para sempre.

Memória Dez

Welcome to the Black Parade

Áurea cresceu com certa tranquilidade e bem-estar. Crianças exigem muito pouco se privadas da visão daquilo que não podem ter e, talvez, se em seu íntimo desejasse algo, fazem de tudo para não revelar e assim acabar por não machucar a impotência das mães que não podiam encher-lhe de presentes como prova de amor. No entanto, o carinho e o cuidado eram prova mais que suficiente de afeto.

Sua mãe, Paola, conseguiu um emprego em uma pequena loja próximo de onde moravam, conciliando o tempo com Ingrid nos cuidados com a recém-nascida até o momento em que ela, aos poucos, conquistava a sua independência dos cuidados meticulosos. Ingrid ainda possuía o mesmo trabalho grotesco e sofrível, mesmo incentivada por sua companheira a tentar mudar sua perspectiva de vida; ela simplesmente não se sentia à vontade no mundo real e preferia o seu mundo conhecido e obscuro, onde tudo era sigiloso. Contudo, não sofreu outra agressão; ao menos nenhuma que deixasse marcas maiores que aquelas revisitadas no capítulo anterior e gravadas na mente de sua vítima até o fim da sua vida.

Nunca foi um trabalho que lhe desse orgulho, mas como isso seria possível no fim das contas? Era o que tornava possível o seu sustento e com um bebê em casa, esse sustento seria mais do que necessário. Somos forçados diariamente a fazer algo que não desejamos, porém, seu corpo tornou-se um templo sagrado profanado pelas mãos humanas.

O tempo passa depressa quando se tem uma criança em casa, acelerando cada segundo e tornando-o mais valioso. Depois, placidamente, deixa que os momentos sejam entregues ao passado.

Áurea compreendia tudo que ocorria à sua volta. Era uma garota esperta. Na escola mostrava um novo dom a cada ano que se passava e esse orgulho era a única coisa que fazia que, tanto Ingrid quanto Paola dormissem tranquilas com o sentimento de estarem no caminho certo para que a amada criança desse casal incomum não crescesse diante das dificuldades desse mundo caótico.

Ingrid não era chegada na leitura e com o tempo havia se esquecido de como seguir, mas

por ficar em casa de dia, acabava passando um tempo maior com Áurea, que chegava da escola e era recepcionada com o almoço pronto pela sua segunda mãe. Depois disso, a criança incentivava a mãe a ler junto a ela e assim passavam a tarde... liam até dois livros por tarde. Livros curtos como um amanhecer e da mesma forma prazerosos.

À tarde, quando Paola chegava, era recepcionada de forma calorosa. Cansada do trabalho, mas revigorada pela presença de seu bem mais precioso. No início, não gostava daquele ser que crescia em si, mas aos poucos foi quebrando a resistência e criando um laço que só as mães sabem como criar. Áurea, com os cabelos loiros e os olhos azuis, era a coisa mais linda existente nesse mundo e em outros ainda desconhecidos e Paola a amava, amava porque tinha que amar e fazia isso de bom grado, pois a confortava tê-la por perto.

Às vezes, tudo o que precisamos é uma pessoa para quem nossa atenção seja reservada.

Foi no décimo aniversário de Áurea que ocorreu na cidade mais uma edição da parada do orgulho LGBT, para evidenciar aquelas pessoas; para que, um dia, elas pudessem ser à luz do dia tudo o que podiam e queriam ser. Ingrid e Paola foram convidadas por Bernardo e Daniel e acharam que seria um dia divertido para se passar um aniversário. Por isso Áurea as acompanharia nesse festival, que servia tanto como uma linda festa quanto um protesto para a massa que diariamente oprimia aqueles que iriam desfilar.

A garotinha parecia empolgada com a oportunidade, pois, não costumava ir para muitos lugares além da escola e o passeio era praticamente inédito com ambas as mães, o que fazia o seu coração palpitar com velocidade e as pernas refletirem sua ansiedade: não conseguia parar quieta e ia do quarto para a sala, dando voltas atrás de voltas dentro de casa enquanto aguardava as mães ficarem prontas, o que a aborrecia pela demora, mas aumentava mais as suas expectativas.

Enquanto aguardava, foi tomada pela surpresa de seus autoproclamados tios que vieram buscá-las, Bernardo trajava uma bermuda cor mostarda e o cabelo afro estava domado em tranças; usava uma camiseta com uma fauna incontável de animais e os dizeres “Que o meu corpo não seja o túmulo de outros animais” afinal, esse era um dia de festa tanto quanto era um dia de protesto.

Daniel usava roupas inteiramente coloridas, o que alegrou Áurea que queria vestir-se da mesma maneira. Estava com os cabelos loiros pintados de rosa e – para surpresa da sobrinha de coração – acabou tirando uma lata de sua bolsa da mesma tinta que usara e rendeu boas gargalhadas enquanto utilizava o spray na cabeça da sobrinha. Com os cabelos inteiramente

rosados, Áurea voltou a entrar no quarto onde as mães se trocavam e foi contar que os tios as esperavam, e que iam se atrasar, mesmo não sabendo o horário exato em que deveriam estar no evento.

Saíram então. Primeiro Paola, mais bonita do que nunca, com os cabelos lisos, mas cacheados na ponta e uma maquiagem leve no rosto, usando blusa branca e calça jeans, simplicidade que realçava a sua espontânea beleza. Seguindo-a, Ingrid, em um vestido azul curto e destruidor, com uma maquiagem pesada, contendo todo o seu esforço nessa arte. Dois contrastes de uma beleza que juntas se tornavam únicas. Por fim, veio Áurea com os cabelos loiro-rosados esvoaçando conforme corria.

São Paulo era uma cidade grande, dona de cada singularidade possível no mundo, cultivando numa pluralidade invejável. Alguns gostavam de ressaltar a violência e todas as personagens – com salva e grata exceção de Áurea – viveram-na na própria pele, mas havia muito amor nessa cidade.

O quinteto saiu pelas ruas ensolaradas com uma felicidade sincera que exalava em gargalhadas das brincadeiras que Daniel e Bernardo adoravam puxar. Ingrid conseguia se soltar com eles; Áurea amava os tios, mas Paola era gélida. Apesar de, naquele momento, ter sido tocada pela alegria, ela ainda era fechada em seu mundo, cheio de traumas e rejeições.

Amava incondicionalmente a sua filha, a sua companheira e seus queridos amigos que deram um apoio sobre-humano tanto para ela quanto para Ingrid, mas mesmo assim, conforme todos entravam no carro guiado por Daniel e riam, esboçando todos os arco-íris possíveis após uma brutal tempestade, Paola ainda estava nebulosa. O que fez com que Áurea puxasse a roupa da mãe, ganhando a sua atenção, e apenas com um olhar puro de sua doce filha Paola entendeu que era para sorrir. Apesar de todas as injustiças que corriam pelo mundo, apesar de toda a desgraça que havia acometido sua vida, quem seria ela se não sorrisse nesse belo momento em sua vida? Raro, precioso e humano.

Foram se divertindo durante todo o trajeto até onde ocorria aquele festival, que remontava à felicidade dos grandes festivais pagãos que pregavam a grande liberdade do ser. Os antigos festivais, realizados em um mundo vasto de possibilidades, esmagados por uma tirania escondida sobre falsos profetas eram reavivados com festas como aquela à qual nosso quinteto se dirigia.

Depois de algum tempo, talvez uns trinta minutos que, pelas ruas de São Paulo mais

pareciam uma eternidade, chegaram no centro das festividades e viram os becos cheios de pessoas em diferentes cores e aspectos, todos muito felizes, como a ocasião pedia. Daniel estacionou o carro não muito longe e assim os casais e Áurea correram para aproveitar o dia.

Passaram uma tarde agradável, dançaram, cantaram e se maravilharam com a arte daqueles que passavam, mas quando se está no topo do mundo, a única saída é cair no abismo.

Ouviram tiros. Gente correndo alvoraçada e sem direção. Choro. Morte.

A música parara. Só se ouviam gritos de socorro e as pessoas correndo, tentando uma vã salvação para as já condenadas almas.

Demorou para que Paola entendesse o que estava começando. Sua reação instintiva foi pegar Áurea no colo, mas ela já era grande e pesada demais para que a mãe conseguisse fazer qualquer coisa com ela em mãos. Daniel falou para correrem de volta ao carro, mas era naquela mesma direção que as pessoas começaram a correr e então se sentiram encurralados. Correram sem saber para qual direção seguir, apenas buscando uma proteção, por mais ilusória que fosse.

Mais sons de tiros e o caos reinava naquela que deveria ter sido uma confraternização de amor, mas que acabou virando o encontro do ódio múltiplo, a verdadeira e odiosa natureza humana.

Ingrid estava de salto, mas logo os deixou no chão para que pudesse correr acompanhando os amigos. Daniel e Bernardo abriam frente, mas não sabiam bem para onde. Estavam tomados pelo súbito pânico, não raciocinavam com clareza e buscavam uma resposta imediata para o problema, embora talvez morressem sem tê-la. Estavam apavorados e corriam chorando, rumo à morte certa.

Não sabiam o que estava acontecendo. A verdade é que ninguém, depois de anos soube de fato a resposta, mas é como se esse dia nunca tivesse existido... mais uma mancha na história tentando ser encoberta, mas nada escapa dos olhos daquele que tudo vê.

Os atacantes formavam um numeroso grupo, que escondia os rostos sob máscaras, possuíam um armamento pesado conseguido sabe-se lá como e que haviam arquitetado esse plano batizado de “o extermínio gay”, como se matar seres humanos fosse acabar com algo além da fé na humanidade.

Agiam de forma covarde, surpreendendo todos os presentes, atiravam para todos os

lados... independentemente de quem fosse, se estava lá era para ser morto. Mas faziam isso tomando distância, pois não queriam ser infectados por aquilo que eles consideravam uma doença, embora os doentes fossem eles por não aceitarem o amor alheio.

Foi a maior chacina do século e a maior da história do Brasil, o país continental construído com diferentes tribos, fortificado com as diferenças que deveriam ter feito do país um lugar igualitário, mas onde só havia desigualdade pela falta de harmonia depois muitos anos de opressão.

Alguns se consideravam donos de tudo, mesmo que não possuíssem nada senão eles próprios e já estivessem corrompidos dos pés às cabeças. Assassinaram a sangue frio centenas de pessoas, não valendo a pena fazer aqui qualquer descrição das cenas cruéis, já tenebrosas o suficiente apenas em pensamento.

Enquanto o massacre continuava, o grupo de amigos tentava fugir, mas não é possível fugir sempre das coisas. Seria necessário encará-las, mas como? Impossível. O primeiro atingido foi Daniel, por um *sniper* homofóbico de algum lugar muito distante de onde fora atingido. A vontade de Bernardo foi de se deitar com o amado, mas foi puxado por Ingrid, que, no mesmo momento, acabou sendo atingida na perna e, embora fosse guerreira, retardou o passo pelo ferimento grave demais. Era um massacre inevitável, absurda era a imagem de tantos corpos caídos, por nenhum motivo, simplesmente pela gana do ódio, a vontade de matar o diferente, a loucura extasiada de idiotas.

Acontecimentos sucedidos com uma surpreendente rapidez, que aos olhos dos protagonistas soavam como a eternidade encarnada. A vida se esvaindo aos poucos, sugada pela maldade alheia.

Entrando na mente de uma criança de dez anos no meio de todos aqueles acontecimentos sangüinários, o que poderíamos encontrar? Áurea estava devastada, corria por instinto, mas estava perdida; era como se estivesse presa no pior de seus pesadelos e não tivesse as mães para acordá-la, pois elas também estavam presas na mesma situação. Tinha as pernas curtas e, seria um alvo fácil, mas será que nem uma criança seria perdoada?

Bernardo a pegou no colo, pois era o único que aguentaria o seu peso. Ele chorava e Áurea o acompanhava, abraçada ao seu pescoço. Viu Ingrid ficando para trás, sendo puxada por Paola, que não queria abandoná-la. Ambas foram surpreendidas por um dos insanos atiradores que

surgiu logo à frente deles. Tentaram dar meia-volta, mas sabiam que nada adiantaria. Estavam cercadas.

Ingrid não conseguia correr mais, por mais que se esforçasse. O ferimento na perna fez com que ela parasse na zona de perigo, caindo no chão.

–Me deixe morrer! Não vale a pena! – gritou para Paola que havia parado junto a ela e ainda tentava puxá-la.

–Eu não posso! Você não me deixou morrer quando eu estava nessa situação! – exclamou Paola em resposta.

–Querida, acho que ambas morreremos hoje... espero que poupem Áurea, ela ainda está com Bernardo? – Ingrid disse e levantou os olhos, para olhar o amigo desaparecendo no horizonte, sua imagem se tornando menor conforme ele ia se distanciando e conforme a luz de seus olhos ia anoitecendo.

–Está... espero que ele consiga protegê-la – respondeu Paola, agora de joelhos e chorando entre soluços.

–Ela que irá protegê-lo, é uma garota especial e, terá um futuro brilhante. Talvez seja ela a mudar a perspectiva em que vivemos.

–Talvez seja ela... – Paola segurou a mão esquerda de Ingrid e a beijou – eu te amo.

–Eu também te amo – elas se abraçaram e assim morreram, colocando um ponto final em suas trágicas histórias.

Áurea viu as mães ficarem para trás. Chorou, esperneou e forçou a própria queda. Com os pés no chão correu entre tropeços na direção delas, ouviu mais estouros e viu os dois corpos caindo para o lado. Bernardo correu em sua direção, mas antes que a puxasse novamente para o colo, ela havia mergulhado nos cadáveres sem vida de suas mães.

O seu mundo desabava e deixava uma cicatriz permanente. Bernardo sentia a mesma dor, a perda de um amor e amizades sinceras. Seu coração estava tão dolorido quanto o de Áurea.

Áurea abraçava os corpos ensanguentados de Paola e Ingrid. Não há palavras suficientes

para expressar tamanha perda, não existe conforto, há apenas um vazio revirando e destruindo de dentro para fora engolindo qualquer sentimento ou vontade de viver. Bernardo se juntou e deitou ao lado das amigas, pensando no corpo de Daniel, que dificilmente veria novamente. Com os olhos marejados permaneceu jogado no chão. A sua vontade era de correr contra os atiradores e se encontrar com a Morte, mas também sabia que era o único sobrevivente do grupo e que Áurea ainda era uma criança que precisaria de todo o suporte possível para, de alguma forma, seguir sua vida.

Se aconchegou perto da garota e permaneceu assim, buscando não fazer mais nenhum movimento muito brusco que pudesse chamar atenção indesejada. Camuflou-se no mar de corpos que a avenida foi se tornando para fugir da morte, em busca de continuar a batalhar não por ele, mas por Áurea.

A polícia chegou tarde demais, o massacre havia se completado e os autores da chacina se mataram em seguida. Mesmo para psicopatas seria difícil viver com o peso de tantas mortes.

A Parada de Sangue, como ficou conhecida, foi repercutida no mundo inteiro, com mensagens de paz em todos os cantos do mundo... mas paz para quem? Gaia havia abandonado os filhos, deixando a Terra um lar abandonado, uma crise humanitária afetou incontáveis países no mundo e no Brasil não foi diferente.

Depois de pouco tempo, o morticínio do orgulho LGBT foi apagada da história, quando um novo regime totalitário foi instaurado no Brasil, deixando a vaga impressão de que aquilo havia sido apoiado por líderes ocultos que posteriormente assumiram os lugares privilegiados da nação.

Bernardo e Áurea conseguiram fugir, ou os deixaram fugir, mas sozinhos naquele mundo foi difícil continuar após suas perdas significativas; um rombo no coração de cada um que fazia o vento passar e deixá-los com frio sem que nada pudesse aquecê-los.

Memória Onze

Faded

Se antes Áurea crescia como uma criança fantástica, após a fatídica Parada de Sangue tudo mudou. Tornou-se revoltada, com todas as razões do mundo, triste e cabisbaixa. Crescia uma linda flor, que rapidamente desbotou por todos os acontecimentos que a acometeram.

Bernardo, por mais que tentasse, não conseguia animá-la e mesmo ele não conseguia apagar da memória os traumatizantes acontecimentos daquele dia. Conhecia Daniel há muitos anos e em todos os acontecimentos importantes em sua vida ele estava presente, sendo muitas vezes o protagonista e era inexplicavelmente doloroso não o ter ao seu lado no dia a dia.

Tentou se apegar à religião, mas jamais se encaixaria em nenhuma igreja. Não possuía a paciência necessária para isso. Todavia, descobriu a Umbanda. Uma ponte do Kardecismo até o candomblé africano. Sendo uma religião inclusiva, em que as entidades homenageadas eram as minorias, na qual as giras eram exaltadas de maneira feliz e envolvente, Bernardo conseguia apagar, pelo menos nas noites em que ia ao terreiro, a dor que trucidava qualquer outro sentimento que não fosse a tristeza.

Incentivava Áurea a acompanhá-lo, mas era em vão, pois ela se negava preferindo ficar trancada no seu quarto. Ia para a escola, mas se um dia fora uma aluna prodigiosa, tornara-se uma problemática; para a escola e os professores não importava de fato tudo que os seus alunos passaram ou passavam e sim o que eles tinham que fazer em sala, como se tivessem cabeça para pensar nisso.

Aos 13 anos incentivada por uma colega que se aproximara dela na escola, Áurea se cortou pela primeira vez. Não queria chamar a atenção de Bernardo nem de ninguém, mas a tal colega havia lhe contado o quão prazeroso era e que aquilo a ajudaria a esquecer de seus problemas. Dito e feito! Era uma sensação nova para a jovem garota dos cabelos dourados, uma sensação perigosamente excitante.

Na primeira vez estava com muito medo, mas foi tomada por uma sensação que ela ainda desconhecia; fazia pequenos cortes no braço, evitando chegar perto dos pulsos, por um medo ainda maior da morte, mesmo querendo ter uma relação próxima. Havia um alívio com cada

corde, como se a dor física conseguisse camuflar a sua dor psicológica e espiritual.

Só que o erro foi cair em uma rotina, um vício sobre o qual ela foi perdendo o controle e Áurea, no auge de sua loucura, trancada dentro do banheiro, tentou o suicídio. Riscou os pulsos e encostou a cabeça na parede até deslizar para o chão, onde permaneceu.

Bernardo, que já suspeitava dos atos da afilhada, tentou ficar monitorando e, ao perceber que ela passava um tempo considerável no banheiro diariamente, decidiu agir. Bateu na porta e não houve respostas; não estava trancada, pois ele fora esperto o suficiente para não deixar a chave na porta evitando assim que Áurea se trancasse e o pior pudesse acontecer. Abriu a porta e encontrou a garota caída no chão, ainda consciente, mas delirante. Ficou desesperado e pegou-a no colo; levou-a para a sala e correu atrás de gaze e esparadrapo para estancar os ferimentos. Viu nos braços e coxas todas as cicatrizes deixadas pelos cortes recentes e se repreendeu por não ter feito nada antes.

Com o sangramento paralisado, Bernardo correu com Áurea para o hospital. Sempre fora Daniel o motorista... além disso Bernardo evitava a todo custo passar próximo daquele lugar marcado pela chacina, da qual não haviam sido encontrados culpados. Como não encontrar uma grande parte corrupta da sociedade? Mas ele voltou. Não conteve uma lágrima sequer e voltou para casa ainda mais destruído do que tinha ido. Voltou a pé, não tendo forças para ver ou falar com ninguém. Tinha que resolver aquilo sozinho, pois não havia nenhuma pessoa que o pudesse ajudar, e ele precisava demonstrar força, para que – ao menos assim – Áurea pudesse se inspirar nele.

Voltou depois de algumas semanas e finalmente resgatou o carro, que ainda tinha o cheiro de Daniel... no porta-luvas, todos os CDs favoritos de Daniel... tudo lembrava ele, pois aquele carro era a última coisa que sobrara. Havia doado as roupas não muito tempo depois de sua morte... por mais que valesse a pena guardar recordações, haviam mais pessoas que iriam precisar daquelas roupas e seria menos doloroso se elas não estivessem em sua casa para que ele as visse diariamente guardadas, já que o dono não voltaria para vesti-las.

Deixou então o carro abandonado na garagem e nunca mais o usou, até o momento em que precisou levar Áurea para o hospital. Por sorte, vez ou outra ele se pegava dentro do carro para relembrar os encontros românticos que viveram; ligava o motor para que o seu barulho lembrasse de quando Daniel o tirava da garagem e passava horas dentro do carro, esquecendo toda a vida ao seu redor.

Não era hábil no volante, mas a situação pedia o melhor motorista possível. E os orixás sabem que Bernardo tentou.

Manobrou como pôde, suou frio enquanto Áurea permanecia estagnada na ponte entre a vida e a morte. Se ela morresse ali, Bernardo teria falhado não só com ela, mas com suas mães, que teriam morrido em vão. Enxugou as lágrimas, segurou firme no volante e correu para o hospital.

Recordou-se de como conhecera as mães daquela garotinha que buscou pela morte. Estava fazendo exames de rotina com o seu marido e viu Ingrid; não pôde deixar de notá-la: uma pessoa gravemente ferida aguardando na sala de espera e não sendo atendida com emergência era absurdamente ridículo, ainda mais ridícula tinha sido a reação da senhora que estava ao lado, repugnando-os com tamanha maldade e preconceito. Daniel sempre fora o mais esquentado do casal e se não fosse por Bernardo teria cometido alguma loucura contra a velha preconceituosa; assim, foi persuadido a passar a sua raiva para o atendimento, buscando – de alguma forma – conseguir prioridade para a moça ferida.

Agora, após tanto tempo, voltava para o mesmo hospital com um número ainda maior de feridas em sua alma, que lhe garantiam a experiência de que nada adiantava, pois sofredores todos eram, foram ou serão, e superar nunca foi mais do que a obrigação dessas pessoas.

Lotado como sempre!

Bernardo não conseguiu achar tempo para estacionar o carro e deixou quase que na porta do hospital, lembrando-se apenas de trancá-lo, antes de sair correndo com Áurea no colo e, agora desacordada.

Logo ao entrar no edifício mobilizou os funcionários para que Áurea fosse prioridade naquele dado momento. A menina foi brevemente colocada em uma maca e levada pelo corredor principal até o pronto-socorro. Bernardo ia acompanhá-la, mas acabou puxado por um segurança que apontou para o carro estacionado de maneira imprudente, Bernardo sorriu sem graça e sem que o guarda pudesse dizer qualquer coisa ele atendeu o pedido desejado.

Após deixar o carro devidamente estacionado, Bernardo voltou para o hospital e quando procurou informações sobre o quarto em que Áurea havia sido internada, acabou sendo barrado por burocracias. Havia com ele os documentos da menina, mas nada garantia que ele fosse o responsável pela criança.

Gritou, esperneou, mas a atendente não abriu mão. Bernardo só poderia entrar no quarto quando ela estivesse liberada para visitas. Segundo uma breve atualização de uma das enfermeiras, em estado grave, Áurea demoraria para poder ver alguém.

Bernardo então esperou, viu pessoas chegando e indo embora aliviadas, por não terem que ficar mais dentro daquele lugar aterrorizante e ele, com os olhos marejados, ficava impassível, no aguardo da mais simples informação que fosse. Passou a noite lá, mas não dormiu. Cochilava devido ao extremo cansaço, mas sempre que isso ocorria via em sua mente Paola e Ingrid repreendendo-o por ter sido um pai terrível e rapidamente despertava, preferindo a insônia ao pesadelo.

Foi na manhã seguinte que a enfermeira foi até Bernardo, que sentado no canto da sala de espera com a cabeça encostada na parede, e não percebeu a sua aproximação. Com um susto, o rapaz recuperou a postura, esboçando um sorriso cortês para a moça ao seu lado.

–E então? – Bernardo perguntou, ansioso por qualquer informação que fosse a respeito de Áurea – como ela está?

–Ela está estável, não corre mais risco de morte – a enfermeira fez uma pausa, como se buscasse as informações em seu íntimo – só que ainda não está liberada para visitas o médico passou a noite e uma boa parte da madrugada com ela, as feridas em seu corpo se fecharão, mas o que ela precisa vai além do que nós podemos fazer aqui – dizendo isso, entregou uma folha de papel e nela estava escrita alguma coisa numa grafia muito ruim que, de primeira, Bernardo não pôde identificar.

–O que é isso? – perguntou, pegando o papel e o revirando, tentando interpretá-lo – isso é uma verdadeira porcaria de letra de médico, hein!?

–É a minha letra, senhor; me desculpe! Eu também fiquei a madrugada inteira acordada e estou indo para casa somente agora, mas esse é o nome da minha irmã, Melissa Paulini. É uma excelente psicóloga e tenho certeza de que ela pode ajudá-los – ao terminar de falar, pegou de volta o papel, amassando-o e o colocando dentro do bolso – me empresta o seu celular, salvarei o número nele – Bernardo hesitou, fosse pelo sono ou pela estranha bondade e bom humor para alguém que não dormiu a noite toda, mas entregou o celular para que ela salvasse o contato.

Ela demorou um pouco, como se analisasse algo no celular do moço desconhecido, por fim o entregando novamente em suas mãos.

–É um homem bonito, você tem sorte! Formam um lindo casal! – a moça disse e deixou uma incógnita no sonolento Bernardo, que somente após algum tempo percebeu que a foto do

celular ainda era uma antiga, com Daniel, e duas lágrimas, uma de cada olho, escorreram em seu rosto cansado. – Desculpe, foi algo que eu disse?

–Não, muito obrigado pela lembrança... há um bom tempo eu havia me esquecido dessa foto... mesmo a vendo constantemente, me esqueci o quão importante ela é e quão bom foi o dia em que a tirei – a foto foi tirada no aniversário de Bernardo. Tanto ele quanto o seu namorado não possuíam família em São Paulo e então haviam passado o dia juntos no Ibirapuera... fizeram um pequeno e simples piquenique aproveitando um pouco da natureza artificial e ilusória da selva de pedras. Foi um dia a ser lembrado por anos, ainda no primeiro ano de namoro, e há mais de uma década... era possível ficar tanto tempo com uma pessoa sem enjoar? Sem perder a paixão fervorosa que possuíam no início do relacionamento? Para Bernardo e Daniel era, viveram juntos e passaram pelas mais diversas dificuldades, mas eram momentos como aquele piquenique no Ibirapuera que faziam absolutamente tudo valer a pena.

–Desculpe se eu disse algo de errado, é que eu acabei reparando na foto e vocês pareciam tão... felizes – a enfermeira tentava se desculpar, notando que havia tocado em um assunto delicado que não deveria em hipótese alguma ser revirado.

–Tudo bem, não precisa ficar assim, é algo para ser superado. Você nem me imagina a falta que ele faz – Bernardo se levantou, se espreguiçando e expulsando o sono e a tristeza apegados em seu ser – preciso comer alguma coisa, veremos se eu consigo encontrar algo por aqui!

–Eu posso te acompanhar. Tenho que ir pra casa descansar, mas uma pausa para comer sempre é bem-vinda – prontamente a enfermeira havia se convidado e Bernardo não tinha como negar a sua companhia, por mais tranquilizante que fosse remendar a dor com a solidão, uma boa conversa poderia ser a chuva de que uma terra árida precisava.

–Tudo bem, acho que você pode me mostrar algumas coisas aqui perto. Conheço muito pouco dessa região – Bernardo tentou esboçar um sorriso, como se fosse possível esconder toda a sua tristeza com alguns gestos que só funcionavam na espontaneidade.

–Sei de boas lanchonetes em que podemos comer algum salgado com café – respondeu alegremente, como se não tivesse passado uma madrugada inteira acordada.

–Acho que precisaremos rever nossas rotas, é que eu sou vegano... talvez uma boa fruta seja o suficiente – respondeu meio embaraçado, algo inesperado para ele, que no passado costumava

militar a sua causa justa e sincera com tanto fervor, mas que havia perdido a gana após a morte de Daniel, que sempre lhe dera muito suporte. Embora ainda mantivesse a mesma rotina vegana, era algo de que ele não pretendia abrir mão e ainda incentivava Áurea a seguir o mesmo caminho: talvez fosse a única coisa certa que ele julgava ter feito para ela.

–Ah sim... me desculpe, acho que deve ter alguma feira por perto a essa hora... venha!

–Bernardo estava exausto, mas fez um último esforço para acompanhar o que aparentava ser uma nova amiga, o que há um bom tempo não fazia parte do seu cotidiano.

Os dois saíram do hospital. A enfermeira seguiu na frente, como uma verdadeira guia para um homem que há anos não ficava tanto tempo longe de casa. Perto dali, havia uma feira, com diversas pessoas indo e vindo; a moça olhou para trás para ver se Bernardo ainda a seguia e abriu um sorriso, apontando com a cabeça para a feira próxima, fazendo com que ele também esboçasse um singelo gesto de felicidade.

Chegaram à concentração de gente e o corpo de Bernardo preencheu-se de calafrios e memórias ruins; da última vez em que esteve em um fluxo de pessoas tão grande, havia ocorrido um massacre gerando um trauma irreparável para todos que conseguiram sobreviver àquele dia ou aos que, mesmo de longe, ficaram comovidos com a trágica história. O fato é que, apesar da inegável tragédia, havia pessoas que concordavam com a chacina e, que todo o sofrimento causado fosse algum tipo de punição. Uma punição para inocentes.

O que mais machucou Bernardo não foi ver o seu amado ser morto nem ver as melhores amigas serem mortas, porque sabia que estariam em um lugar melhor; o grande problema foi a repercussão que o atentado havia tomado, tamanha a falta de compaixão naqueles dias sombrios... prenderam todas as marionetes que estragaram as suas vidas para sempre, mas do que adiantaria essa ilusória justiça se o preconceito havia sido disseminado com sucesso? Tantas mortes diárias em vão... o ódio, a maior de todas as mortes, ao invés de ser extinguido proliferou como as chamas de uma fogueira, queimando todos que estivessem em sua proximidade.

O ódio venceu, pois foi o ódio que manteve a sociedade viva em uma paixão ardente pela destruição por milhares de anos.

Preso em seus pensamentos conflitantes, Bernardo foi novamente puxado à realidade pela nova amiga de quem ele nem sequer sabia o nome. Ela o puxou de seu transe e o levou até uma barraca de frutas frescas do lado. Bernardo aproveitou para fazer as compras da semana e levou o máximo de frutas que conseguiria carregar com as duas mãos. Passou também na barraca de cereais com o mesmo intuito. Todavia, mantinha o pensamento longe, em seu passado doloroso.

Com as compras feitas, se afastaram da multidão e foram até uma praça onde se sentaram, olhando um para o outro; naquele momento Bernardo percebeu como a enfermeira era linda, pois sabia admirar uma beleza tão natural como a daquela garota, algo que era independente de sua orientação sexual. Os olhos castanhos, acompanhando a pele morena e os cabelos cacheados, que antes estavam presos por causa do hospital, agora estavam soltos, numa rebeldia bela como as ondas que batem nas rochas e se esticam até a areia da praia. Era realmente uma linda mulher, no auge de seus vinte anos e sabia cativar as pessoas ao redor e Bernardo experimentava, pela primeira vez em muitos anos, um conforto que há tempos não sentia e por um breve momento a tempestade em sua vida cessou e um arco-íris se formou pelo céu de sua mente.

–Mas me conta, há quanto tempo você é vegano? – foi ela quem quebrou o silêncio, interessada nas histórias que o novo amigo poderia lhe contar.

–Acho que não antes de me apresentar... Bernardo e você? – disse ele enquanto pegava uma das maçãs de dentro de uma das infinitas sacolas que ele deixou descansando em seus pés.

– Nataly, prazer – esticou o braço e Bernardo retribuiu o movimento para cumprimentá-la – não isso, a maçã!

– Ah sim, tudo bem... – disse, constrangido, enquanto entregava a maçã para ela.

– Estou brincando! – gargalhou, esticando novamente o braço direito e olhando maliciosamente para o homem em sua frente, esperando que ele repetisse o mesmo movimento e assim ele o fez.

– Pronto! Agora devidamente apresentados, pode começar já a sua história.

– Como quiser, senhorita... – fez uma pausa, como se buscasse em sua memória o ponto inicial de sua trajetória: era vegano há tanto tempo que não conseguia nem mais se recordar com clareza quando havia tomado essa decisão, mas os motivos de sua mudança ainda permaneciam vivos, algo que jamais deveria ser esquecido – sou há mais tempo que eu possa lembrar, já mal lembro o ano em que estamos...

– Segundo o meu celular estamos em 2026 – respondeu Nataly prontamente.

– Então são 16 anos que eu decidi me tornar vegano. Parece uma decisão complicada, mas a realidade é que, complicado mesmo, era me encarar no espelho todos os dias e enxergar nada mais que um abutre, um túmulo ambulante que por anos financiou, mesmo que de forma indireta, uma indústria corrupta e sanguinária. Quando eu percebi que na Biologia, o reino animal consistia de todos nós, percebi que como um ser capaz de raciocinar além dos meus instintos naturais, eu deveria ajudar esse mundo de alguma forma, uma vida mais saudável para mim, liberdade para os animais enjaulados e quem sabe um planeta com uma maior durabilidade – terminou o breve discurso, com lágrimas nos olhos.

Pela primeira vez, em um bom tempo, as lágrimas não eram pelas pessoas que haviam partido, mas pelas lembranças dos seus primeiros anos em uma eterna luta por animais. Sempre fora muito ativo, mas após tanto tempo, acabara se distanciando de suas origens, mas Bernardo sempre foi um guerreiro, que estava com a chama apagada e que não podia ficar por muito tempo dessa forma.

– Parece complicado para mim, 16 anos é quase minha idade! – parecia entusiasmada com a

oportunidade de conversar com Bernardo, e seguia cada palavra dele com um olhar muito atento – eu me sinto envergonhada! Sou enfermeira porque desejo fazer a diferença na vida das pessoas, mas todos os dias há carne em meu prato.

–Troque a palavra carne por cadáver e as coisas ficam ainda mais bizarras – respondeu Bernardo fazendo uma careta enquanto mordida uma outra maçã, já que a primeira havia sido entregue para Nataly – a verdade assusta, mas esse é o intuito.

–É... grotesco como a verdade pode nos abrir para novos horizontes ao mesmo tempo em que nos soca bem firme no estômago – Nataly fez uma careta e colocou as mãos na barriga, como se quisesse mostrar que tinha levado um soco, – mas nunca é tarde para se levantar e voltar para a briga, contra o oponente certo dessa vez, não é?

–Você tem razão... – Bernardo ia continuar a falar, mas nesse turbilhão de sentimentos que o invadiam tão de repente, um inesperado e há muito tempo adormecido batia em seu peito: o orgulho – você já pensava há um tempo em lutar pela nossa causa? – falou como o militante que há décadas ele tinha deixado de ser.

–Sim, mas sempre faltou coragem para dar o último passo e, estranhamente hoje eu levei um empurrãozinho para continuar – sorriu e segurou a mão de Bernardo como se fossem amigos há uma eternidade e não como se até alguns minutos atrás não soubessem nem o nome um do outro, o que tornava o momento ainda mais especial... era o início de um novo ciclo, uma nova amizade que se iniciava.

Estranho! – pensou Bernardo. – Eu sempre escolho minhas amizades na sala de espera do hospital!

Passaram o resto da manhã conversando, falando sobre a variedade de comidas sem nada de origem animal, sobre o abolicionismo e até saindo do tema vegano partindo para assuntos políticos e amorosos, sendo inevitável Daniel não ser mencionado novamente. Dessa vez, Bernardo falou dele com uma maturidade de alguém que compreendia a sua perda e a deixava, enfim descansar.

Terminaram a conversa quando Nataly se despediu, para ter o seu merecido descanso e Bernardo voltou para o hospital na esperança de ter novas e melhores notícias sobre a sua

querida sobrinha.

A sala de espera já estava cheia, com um mal humor que exalava de todos os cantos do salão, sinais de uma noite mal aproveitada, condenando-os a passarem horas preciosas de suas vidas confinados naquele lugar macabro... a espera maltrata qualquer vivente, seja no hospital ou em qualquer outro lugar.

Bernardo foi direto para o balcão, torcendo internamente para que tivesse alguma boa notícia, mas a balconista fitou-o grosseiramente. Se fosse Daniel certamente armaria a maior confusão, mas Bernardo sempre fora o mais calmo dos dois e não foi dessa vez que perdeu a paciência, procurando não julgar de forma equivocada a mulher de meia-idade que o atendia. Ela folheou alguns cadernos até que parasse e pegasse uma caneta para anotar alguma coisa, terminou fechando o caderno e voltando o olhar para o homem à sua frente, suspirou e começou a falar:

–Ela já está acordada, embora esteja muito fraca... o médico lhe deu dez minutos para vê-la e depois gostaria de conversar a sós contigo. Pode seguir o corredor e tome isto – entregou a Bernardo um crachá, um meio rústico de dizer aos guardas que não estava infringindo nenhuma lei e avançava em paz pelos corredores pálidos do hospital.

O médico que cuidara de Áurea estava na porta do quarto, aguardando Bernardo.

–A garota está em estado estável, mas isso não garante a sua segurança para os dias que virão, por isso preciso falar um pouco contigo antes... não é a minha área, portanto não quero que me dê muitos detalhes, mas preciso saber se Áurea possui traumas muitos pesados, sendo esses os prováveis motivos de sua mutilação – o médico guardava olheiras em seu rosto, mas mantinha a sua seriedade falando com Bernardo que o escutava, já sabendo onde ele queria chegar.

–Sim, ela possui... – Bernardo fez uma pausa, ganhando forças dentro de si para tocar num assunto sempre muito doloroso para ser tocado – viu as mães serem assassinadas a sangue frio.

–Mães? – perguntou, curioso, o médico.

–Sim, mães, mas uma longa história... – Bernardo deu de ombros, não estando disposto para

contar a história de Ingrid e Paola, as mães de Áurea, e o médico rapidamente entendeu o recado, não prosseguindo com o assunto.

–Nataly disse que te daria o número da irmã, que é psicóloga, certo? Conheço o trabalho dela tanto quanto a conheço pessoalmente e posso lhe garantir que vocês estarão em boas mãos, sugiro que marque com urgência uma consulta... – Bernardo apenas assentiu com a cabeça e o médico abriu a porta que estava atrás dele – pode entrar, ela ainda está fraca devido aos remédios, mas já está bem. Aproveite.

O rapaz agradeceu com o olhar e entrou no quarto. Para ele, era impressionante como os quartos de hospitais possuíam o mesmo cheiro que o de um velório, por mais que as pobres faxineiras os limpassem. Era o cheiro característico de pessoas atravessando a ponte para a outra vida que estava impregnado em todos os cantos para assombrar todos que lá ficassem. Bernardo já possuía familiaridade com isso e por esse motivo não temia mais nada.

Áurea estava dormindo, coberta com um lençol e os braços enfaixados sobre ele. Parecia um anjo. E talvez fosse, louca para fugir do pesadelo que era viver em circunstâncias desumanas, fadada a carregar a perda de tudo que lhe era precioso ainda tão jovem, quando não conseguia ver maldade no mundo. Mesmo depois de três anos tudo que ela podia enxergar era a mesma maldade que ela acreditou que fosse uma simples lenda urbana, mas que percebeu que era a essência de todas as pessoas, naturalmente más, necessitando apenas de um pequeno impulso para cometer as mais desvairadas loucuras.

Bernardo se sentou na poltrona ao seu lado e, ficou admirando a garotinha que ele havia visto crescer, treze longos anos se passaram desde que ele conheceu suas mães... havia um pouco de Paola em seus traços, mas mãe e filha nunca foram parecidas. Ainda quando viva, Paola era triste demais graças aos seus traumas e Áurea havia herdado uma felicidade que Ingrid injetava não apenas nela, mas também em sua mãe que, mesmo respondendo com sorrisos, tinha a essência tão triste quanto o seu passado.

Já fisicamente, Bernardo presumiu que Áurea era tudo que o pai dela deveria ser. Por sorte havia crescido bem longe dele para que não fosse infectada com a sua maldade e mesmo crescendo longe de qualquer mal, a vida não perdoa ao proporcionar para cada ser que respira

uma overdose de ódio e raiva que nesse mundo há. Nascemos para ser recipientes desse ódio, vivemos para espalhá-lo e morremos por conta de seu veneno, que nos mata um pouco todos os dias de manhã conforme abrimos os olhos e nos levantamos.

Respirava com uma tranquilidade invejável, um sono quase tão profundo quanto ela tentara. Áurea não acordou enquanto Bernardo esteve no quarto a refletir sobre as suas vidas. Num determinado momento, uma das enfermeiras tentou tirá-lo do quarto, alegando ser normas do hospital, mas acabou com a tentativa vetada pelo médico, que desrespeitando o hospital permitiu que Bernardo passasse a noite no quarto junto a Áurea. Mesmo não tendo um documento que comprovasse a tão aclamada paternidade, Bernardo conseguia exalar o sentimento que conseguia uni-lo a Áurea. Por mais desgastado e frouxo que esse laço pudesse ser, ainda era um laço.

Fatigado pelas horas acordado Bernardo não resistiu à poltrona, o mais aconchegante que ele havia conquistado nesse curto período de tempo, e acabou adormecendo, com a sua mão firme e acolhedora em cima da cama, com a frágil mão de Áurea na sua, fria como uma chuva noturna, acompanhando a chuva que seguia imponente do lado de fora. Ventos uivavam conforme batiam na janela e árvores que sobreviveram por centenas de anos ao avanço humano se contorciam como podiam, suas raízes profundas no asfalto urbano não pareciam o suficiente para mantê-las de pé. Até mesmo os colossais prédios cinzentos não pareciam fixos sobre os seus pés conforme os ventos uivantes passavam por eles, castigando-os, punindo-os, como se tivessem culpa dos homens que carregavam dentro de cada um daqueles enormes e imponentes prédios.

Áurea estava à parte disso; não vivia no mesmo mundo em que a chuva varria as ruas. Sonhava. Vivia em uma realidade que só ali, em seu profundo sono, podia ser alcançada.

Memória Doze

Disillusion's Reel

Áurea estava perdida. Seria uma bonita paisagem, se não fosse tão assustadora. Era um grande campo aberto, como se não existisse algo assim no mundo em que ela vivia. Para descrevê-lo... seriam necessários os mais talentosos poetas, ou apenas uma pessoa. Fernando. Era verde, um verde que lembrava a vida, uma vida que ela sempre quis ter e que acabou virando pasto. Mas não o verde que ela enxergava naquele momento, era um verde que passava tranquilidade e espalhado por ele era possível identificar incontáveis flores que brotavam, uma beleza que a fazia lembrar das mães, que floresceram, mas antes que ela pudesse implorar para mantê-las no jardim, foram tomadas por algum ser que passava por lá.

Olhou para trás e enxergou uma árvore colossal, de alguma forma, sabia o que ela era. Piscou e ao reabrir os olhos, milésimos depois, todo o cenário havia se modificado, com exceção da árvore que permanecia no mesmo lugar. Ela era o cenário. As suas raízes correram para todos os cantos e geraram vida por todo o campo verde, que fora transformado num pântano. Áurea estava com água até os joelhos, uma água verde esmeralda que imitava a folhagem que estava logo acima. E contrariando qualquer possível pensamento. Áurea sentia-se segura naquele local. A Rainha da Primavera estava lá para proteger, a Natureza sendo a sua deusa encarnada.

Começou a ouvir vozes, mas era complicado dizer se estavam apenas dentro da sua cabeça ou se chegavam do meio das árvores que agora cercavam a menina dos cabelos dourados. Era como se já conhecesse a voz que agora ouvia, embora curiosamente nunca a tinha ouvido.

Dizia algumas poucas coisas indecifráveis, sussurrava palavras vazias, sem sentimento em um local de puro sentimento. Uma tremenda heresia com a Natureza ali presente.

Pela primeira vez Áurea começou a andar pelo local em que estava, tentava seguir a voz, mas conforme andava, a voz ganhava um tom maior, uma importância maior em todo aquele cenário mágico. Conforme se aproximava, a menina tinha certeza de conhecer a voz, como se ela sempre estivesse presente

em sua vida. Era masculina, mas falava em uma língua desconhecida, que parecia fazer sentido, mas é como se apenas fossem palavras jogadas aleatoriamente em um monólogo.

A garota chegou até uma enorme rocha, do mesmo lugar de onde ela julgou ter começado a sua caminhada. Da grande árvore que era floresta, todos os caminhos levavam ao mesmo fim. Havia um homem sentado em uma das raízes, meditava, vestia um tecido laranja, tinha a cabeça raspada e era peculiar. Sua pele era de um branco acinzentado e a sua cabeça maior que o comum, mas ainda sim parecia um ser humano.

Áurea parou à sua frente e decidindo não o incomodar, tomou aquele momento para analisá-lo. Era realmente muito estranho, mas familiar, como se ele fosse todo mundo e todo mundo surgisse dele. Possuía marcas em seu corpo, começando por pontos vermelhos que partiam da sua testa e desciam enfeitando o nariz... tinha desenhos traçados nas mãos, que partiam delas e pousavam em seu colo adormecido, era possível ver uma árvore à mostra bem no meio de seu peito.

–Que bom que está aqui, garota, estava esperando por você – a voz ventava nos ouvidos de Áurea que sabia que era do homem que meditava ali com ela – não tenha medo, você é a escolhida para guiar os humanos a um futuro melhor – o homem abriu os grandes olhos que se mostraram pretos e a sua pele mudou de cor, conquistando um tom mais esverdeado, como o pântano que o envolvia num grande abraço.

–Quem é você? Onde estamos? – foi a única coisa que Áurea conseguiu dizer no meio de tantas coisas que ela gostaria de perguntar.

–Eu sou tudo que sou, porque se fosse outra coisa não seria eu – Áurea fez uma careta, julgando estar presa em um sonho louco e sem sentido – e você, eu, nós... – disse o homem abrindo os braços – estamos no coração de Animália, que vive dentro de você.

–De mim? – perguntou a garota apontando para o seu peito – que sonho mais doido.

–Os sonhos mais doidos são aqueles que nos revelam os caminhos para seguirmos e esse... Áurea, é o nosso caminho! – o ser se levantou, adquirindo um tom de pele mais próximo do vermelho. – Você está aqui, porque tem que estar, porque sem você nada disso será possível! Preciso de você como preciso de outra pessoa, que virá um dia ao seu encontro e você o reconhecerá no mesmo instante, pois sabe quem ele é.

*–Não acho que sei... – Áurea olhou mais uma vez ao seu redor, como se fosse conseguir alguma resposta, mas apenas mais dúvidas haviam sido plantadas em sua cabeça
– e mesmo que eu soubesse, como poderia ajudar?*

–Hoje, provavelmente em nada, mas ele não virá hoje, tem esse tempo indeterminado para esperá-lo, mas tenho que te alertar de uma coisa: é melhor acordar e fugir com o seu amigo, pois irão separá-los se ficarem por mais tempo no hospital – disse o ser, voltando para o seu tom original mais acinzentado – aliás, eu me chamo Jomo, mas você pode me chamar de Johnny se assim preferir...

–Hospital? Amigo? – Áurea perguntou, mas num novo piscar de olhos todo o pântano ao seu redor se desfez, Johnny sumiu e ela se viu dentro de uma sala de hospital.

Áurea acordou num pulo, ofegante, no meio da madrugada e acabou acordando Bernardo que segurava a sua mão.

–O que aconteceu? Teve um pesadelo? Você está bem? – Bernardo a metralhou com perguntas, não valorizando o fato de que ela, por pouco, não tivesse morrido e que ainda estava fraca para ser pressionada dessa forma. – Me desculpe, eu estava tão preocupado contigo, me desculpe por ter sido um pai terrível nesse tempo, mas por favor me dê uma segunda chance para mostrar que podemos alcançar a felicidade novamente.

–Eu estou bem, mas precisamos sair daqui. Não devemos ficar por mais tempo aqui – Áurea começou a falar, não passando em nada a tranquilidade que ela planejava ter passado... falava rápido e de maneira complicada, assustada, tal qual sua alma. Curiosamente, ela se lembrava de toda a sua conversa anterior com Johnny e não sabia responder se havia sido um sonho ou se de fato tudo aquilo tinha sido real. Só sabia que não poderia subestimar a ligação que agora ela tinha com aquele ser estranho.

–Como assim? Você ainda está fraca, precisa de cuidados médicos, não podemos ir embora ainda – Bernardo poderia ser a pessoa mais bondosa do mundo, mas mesmo com todos os baques que levou da vida, ainda era uma pessoa muito ingênua apesar de seus longos anos nessa estrada traiçoeira. Uma inocência que falava mais alto dentro de si, a sua eterna criança que se recusava ver maldade no mundo, por mais que só houvesse isso.

–De alguma forma, eu sou especial, talvez eles saibam disso, talvez não, mas o fato é que você não é meu pai, não temos nenhuma relação e nem um mísero papel que comprove o nosso laço. Irão usar isso como principal desculpa para que logo que eu receba alta, seja mandada direto para um orfanato – Áurea fez uma pausa para respirar, tomou fôlego e segurou ainda mais forte as mãos de Bernardo – e de você podem inventar qualquer coisa terrível para livrarem-se da sua presença. Somos sobreviventes da chacina que foi armada por pessoas terríveis, estamos vivos e não podemos deixar que nos prendam...

A consistência dos argumentos bateu em cheio no peito de Bernardo.

–Sei que você tem razão, mas como sairemos daqui? E se o que você falou faz sentido e eu sei que faz, eles não deixarão que nós vivamos tranquilamente mesmo que consigamos escapar daqui. O que nós podemos fazer? – perguntou Bernardo, como se a adulta de 30 primaveras fosse Áurea e não ele – eu só não quero perder o que me restou... você.

–Eu também não quero e por isso precisamos sair daqui, agora! – Áurea se levantou num salto, tirando tudo que estava nela. Procurou as suas roupas e as encontrou no criado mudo logo ao lado da cama. Tirou a roupa do hospital e colocou a sua rapidamente – pronto! Estou pronta!

Bernardo assentiu com a cabeça e abriu a porta do quarto para averiguar o corredor. Era madrugada e o silêncio era ainda pior do que de dia; agora realmente não havia um ruído sequer, um sinal de vida que demonstrasse compaixão, apenas a respiração pesada de quem estava próximo da morte. Ocasão que Bernardo agradecia, um momento perfeito para uma fuga.

Fraca como ainda estava, Áurea não conseguiria correr, por isso Bernardo repetiu a mesma coisa que fez três anos antes, quando a pegou no colo para fugir dos atiradores e semeadores de ódio.

–Bê, e se você pegasse a roupa de algum enfermeiro ou médico... talvez fosse um bom disfarce – disse Áurea no colo de seu amigo, olhando de forma perspicaz para o mesmo, como se tivesse solucionado o maior de seus problemas – aí é só falar que você está me levando para tomar um ar lá fora, porque a natureza ajuda em nossa recuperação – abriu um sorriso, esperando pela resposta.

–Primeiro, como eu encontraria algum uniforme? E segundo, gostaria que você soubesse que está caindo o mundo lá fora, essa desculpa certamente não daria certo para nós

–respondeu levemente irritado pelas brincadeiras de criança em um momento muito complicado como aquele. Ao virar para o corredor central, deram de cara com uma enfermeira, por sorte, uma enfermeira bem conhecida.

–Bernardo! O que você está fazendo indo para esse lado? – perguntou a moça assustada.

–Não é isso que você está pensando... estava levando ela para tomar café... – tentou se explicar, mostrando toda a sua ineficácia com a arte de dar desculpas rápidas em momentos indelicados.

–Não é isso, o saguão está cheio de policiais! Vocês têm sorte de ainda não terem vindo para os corredores. Eu sei o que está acontecendo e eu não sei quem vocês são, mas me parecem pessoas mais bondosas que os policiais do saguão... por isso não posso deixar que sejam pegos tentando

fugir, ajudarei vocês com uma saída especial. Me sigam! – Nataly saiu para o lado contrário que Bernardo planejava seguir e ele, sem escolhas, simplesmente seguiu a sua mais recente amiga.

–Nós podemos confiar nela? – perguntou Áurea bem baixinho para o seu padrinho. – Ela me parece meio doida.

–Acho que podemos e sim, também acho ela um pouco doida – respondeu rindo.

–Ei, não fiquem muito para trás! Precisamos ser rápidos, venham logo – gritou a enfermeira logo à frente de maneira nada discreta, fazendo com que o seu amigo vegano acelerasse o passo para alcançá-la.

Havia uma saída de emergência que Nataly buscava como a salvação para o problema deles e mesmo sem saber muito bem porquê estava envolvida nessa história, se sentia essencial para que, de alguma forma, um final feliz pudesse ser escrito.

Chegaram sem muitas dificuldades até a saída. Era pouco mais de três horas da manhã e não fosse pela chuva caindo do lado de fora, nem a respiração das poucas pessoas no prédio poderia ser ouvida. As gotas ácidas da chuva batiam no chão como um tambor envolvente, uma música que só a mais talentosa das mães poderia compor para ninar os filhos que tinham uma cama para dormir, e afogar de maneira cruel e sanguinária aqueles que não tinham. A Mãe-Natureza cria e mata, não é culpa dela se os seus filhos se recusaram a amparar os seus irmãos.

–Espera, para onde iremos? – perguntou Áurea, pedindo para que Bernardo a deixasse no chão e, fazendo um sinal com os olhos de que não precisava mais ficar no colo. – E como iremos?

–Podemos voltar pra casa com o meu carro – sugeriu Bernardo dando de ombros.

–Não adianta! Eles já estão de posse do seu carro. Peço desculpa pelos meus ex-chefes se ele possuía valor sentimental para você... – interveio Nataly, não podendo esconder a pena ao ver a face devastada do amigo com a notícia – muita coisa aconteceu enquanto vocês dormiam. Estranho isso, né? Vocês eram só pessoas normais e do nada se tornaram procurados sabe-se lá pelo quê – Nataly começou a jogar luz para Bernardo, que, não havia compreendido a grandeza da encrenca em que estavam metidos.

–Não faz o menor sentido... nós somos normais, não temos nada de ameaçador que possa danificar a paz do país – choramingou Bernardo, inconformado em saber das novidades. Não é como se ele fosse um fora da lei, ele só cuidava de uma criança sem a autorização legal do

Estado, mas quem se importaria com os dois?

- O pior é que faz – Áurea fez uma pausa como se recolhesse o jogo de palavras adequado para usar naquela situação – nós somos sobreviventes da Parada de Sangue e eles, de todas as formas, tentam mascarar aquele dia, tentam fazer com que a grande massa o esqueça e adivinhem? Deu muito certo, porque ativistas de outros estados conseguiram recolher provas contra as pessoas que estavam por trás de tudo, mas nenhuma foi presa senão os peões que foram usados e que se mataram antes de serem julgados. Nós somos a prova de que eles parcialmente falharam.
- Áurea, você está assustadoramente inteligente, não está parecendo uma garotinha de treze anos. Sei de todo o seu potencial, mas o que é isso? – Bernardo estava desesperado, não sabia o que fazer, não compreendia os mais recentes acontecimentos e estava perdido em seus devaneios. *O que Daniel faria se ele estivesse em meu lugar?*

- Isso é loucura, mas de certa forma faz sentido e eu, ajudando vocês a fugir, também serei considerada cúmplice... parece que hoje nós viramos rebeldes – Nataly parecia mais empolgada do que assustada e isso irritou Bernardo, que acabou sendo acalmado pela pequena mão de Áurea segurando a sua.
- Sua amiga tem razão! Somos rebeldes! Talvez eu tenha um amigo que possa nos ajudar, mas antes precisamos estar em um lugar seguro – respondeu Áurea, tranquila, como nunca antes alguém imaginou que ela fosse estar depois dos traumas presenciados.
- Vamos para a minha casa, com o meu carro. Bernardo, você dirige enquanto eu trato de renovar os curativos de nossa pequena e poderosíssima gênio – dando uma ênfase em suas últimas palavras, Nataly levantou o braço bem alto e em seguida abriu a porta, deixando que a chuva invadisse o recinto – ainda bem que em casa tem cobertor e muito paracetamol. Provavelmente iremos precisar.

Bernardo pegou novamente Áurea no colo e junto de Nataly saíram correndo no meio da chuva e por mais difícil que fosse, a enfermeira conseguiu guiar o amigo para o seu carro, apertou consecutivas vezes o alarme para que as luzes os guiassem dentro daquela tempestade fazendo com que, após alguns minutos, conseguissem alcançá-lo. Entraram desesperados e aos poucos foram recuperando o fôlego.

- Meu pai vai me matar por causa disso, mas acho que consigo sobreviver – Nataly riu e

- conseguiu tirar mais alguns raros sorrisos de Áurea e Bernardo – não temos mais tempo a perder. Dirija, Bernardo!
- Eu não sei se sou um bom piloto de fuga, ainda mais na chuva... – parecia constrangido e quando Áurea o encarou deu de ombros, como se desse o recado de que ele não era como Daniel. – Você não pode dirigir o seu próprio carro? Eu nem sei onde você mora pra começar a conversa!
- Tem razão né? Acha que ao menos consegue trocar os curativos da sua filha? Parece que só eu tenho que fazer as coisas por aqui! – Nataly pulou para o banco da frente e rapidamente deu a partida no carro que roncou como um leão após ser acordado. Nota: nunca acorde um leão ou qualquer tipo felino, por menor que seja ele.
- Parece que temos alguém irritada por aqui – Áurea falou enquanto Nataly manobrava para sair do estacionamento.

- Desculpa, é que eu odeio homem frouxo – respondeu ela logo em seguida soltando algumas gargalhadas – brincadeirinha, mas sério, Bernardo, você precisa ser mais... rebelde! É o que nós somos agora. Quebrando as regras. Fugindo dos tiranos. UHUL! – Nataly gritou e apertou a buzina sucessivas vezes, fazendo com que Bernardo agarrasse o banco à sua frente e o fizesse suar frio.
- Ela é definitivamente louca, completamente instável – sussurrou para Áurea que não conseguia parar de rir ao seu lado.

Assim surgiram os primeiros rebeldes, liderados por Bernardo, Nataly e uma criança promissora que guardava um mundo inteiro dentro do seu coração. Não demorou muito para que a casa de Nataly virasse um alvo e por isso o trio começou a se esconder de todas as formas, não mantendo moradia fixa até que se instalaram no grande galpão subterrâneo. A irmandade rebelde cresceu e muitas pessoas passaram a morar com eles, pessoas que tiveram os sonhos destruídos, pessoas que buscavam vingança ou aquelas com um senso de justiça maior que a própria justiça existente.

Áurea cresceu sabendo do papel grandioso que ela teria e, uma vez ou outra ainda conseguia conversar com a voz dentro dela, que a guiava e a resguardava espiritualmente,

esperando pelo Último de Gaia, que havia sido prometido para ela e, que os guiaria na construção de um novo mundo, mais belo e mais sincero que o atual.

PARTE III

O GÊNESIS DE ANIMÁLIA

Memória Treze

Eyes of Christ

Áurea tinha certeza que Otto era o prometido, sua aura emanava da mesma forma que a do monge estranho que ela encontrou em seu sonho – foi mesmo um sonho? – estava com medo, pois sabia que se ele estava lá, era porque o fim do mundo havia começado e tudo parecia ainda pior sem Bernardo ao seu lado.

Nataly buscava por explicações sobre o pesadelo coletivo presenciado por todos os rebeldes, estava assustada como todos e, por ter uma intimidade maior, foi ao encontro de Áurea para que, de algum modo, se existisse algum, explicasse o que havia ocorrido e quem era o cara bizarro que há pouco tempo havia entrado para o grupo. Ela entrou rapidamente e, sem bater na porta.

–Eu não sei como você conheceu esse cara – Nataly começou – mas ousou dizer que não foi só a mim que ele me pareceu um tanto... bizarro; além disso, Bernardo morreu enquanto estava com ele. Quem garante que não foi um homicídio por parte do esquisito? – indagou, finalizando o seu pronunciamento.

–Besteira! Eu confio nele assim como Bernardo confiava e ele sempre soube escolher bem os seus amigos – Áurea defendia a sua causa com furor, pesava em sua mente a perda de Bernardo, mas tinha certeza de que a morte do amigo não havia sido obra de Otto.

–Bem, Bernardo nunca gostou muito de mim, nem me considerava uma colega de refúgio, mas eu nunca me considereei uma pessoa ruim – interveio Serena na conversa.

–Mas o seu caso é diferente – Áurea buscou remendar sua fala anterior – você sempre foi muito fechada com todos, não é que ele não gostasse de você, só não tinha intimidade o suficiente contigo para formar uma opinião. Bernardo não tinha o “Não” em seu dicionário, ele gostava de todos, à sua maneira.

–Ele não gostava de Rafael – acrescentou Serena.

- Acho que ninguém deve gostar! Já é bem difícil apenas aturá-lo! – brincou Nataly, provocando o riso das outras duas garotas.
- E nem por isso montamos suspeitas sobre ele! Não há motivos para fazermos o mesmo com Otto. Confiem em mim – concluiu Áurea.
- Além disso, ele me pareceu bastante claro com as suas intenções nessa espécie de sonho que tivemos – continuou Serena defendendo o Último de Gaia – ele está certo, todos nós sabemos que está, então não há motivos de resistência! Teremos uma única chance e Otto precisará estar conosco quando ela ocorrer – finalizou.
- Vocês duas têm razão. Mas, será que há chance para nós nessa guerra? Ela sempre me pareceu perdida e, não acho que algum garoto com uma psique elevada possa nos ajudar; não escolhi esse lado pensando em sair vencedora, simplesmente escolhi para defender o justo até o fim dos meus dias, mas também não acho que nascerá uma sociedade ideal após essa. Francamente, espero que não exista absolutamente nada... há tempos em que a única coisa que necessitamos é fechar os olhos e encarar a escuridão.

Tanto Serena quanto Áurea ficaram quietas, pois não havia resposta para Nataly. No final, a vida é inegavelmente derrotada pela morte e não há justiça nenhuma nisso. Não existe tempo certo para morrer, não existe modo menos doloroso para se desprender... a morte é sentida por aqueles que ficam e só aqueles que sentem a dor de ter um ente arrancado de seu convívio podem confirmar a ferida que jamais cicatrizará. O problema não é morrer, é viver.

O trio rebelde passou o resto da tarde desconversando, tentando relaxar diante da inevitável presença do fim do mundo. Estavam ansiosas e, com mãos trêmulas, tentavam enganar a mente com distrações baratas, mas bem no fundo de seus corações sabiam que logo estariam na linha de frente da guerra, essa que não tinha apenas um foco ou ideal, era compartilhada com o mundo inteiro, desavenças antigas e outras nem tão antigas postas na mesa, a bandeira da paz jogada no lixo e todos aguardando pelo seu início. Como no final de algum campeonato importante, os torcedores não conseguiam dormir de ansiedade, demoraria para cair a ficha do que o mundo estava proporcionando.

Otto ainda dormia. Perdido em seu mundo de sonhos horripilantes, mantido refém de insanos devaneios que castigavam a sua memória e torturavam a sua presença terrena. Todos estavam próximos da morte em tempos sombrios como aquele, mas ninguém estava mais do que o Último de Gaia: ele era o mensageiro do caos, o anjo que tocara a sétima trombeta para

anunciar o fim do mundo.

Porém, nesse dia, mesmo estando em um profundo sono, ele não sonhou. Foi jogado em uma solitária escuridão e trancafiado até que estivesse recuperado. Estava em uma inimaginável paz, tranquilo, flutuando no vácuo de sua própria existência.

Com amabilidade, Áurea repousou a cabeça de Otto em seu colo. Estavam sozinhos. Serena e Nataly tinham saído para tentar acalmar os rebeldes e divulgar opiniões a favor do louco dotado de superpoderes, como Otto acabou ficando conhecido pela maioria das pessoas no abrigo.

Áurea cantarolava uma música que Ingrid lhe cantava quando ela era pequena, não sabia o seu nome, também não sabia se estava no ritmo certo, não que isso importasse. Cantarolava e afagava os cabelos pretos de Otto com a ponta de seus dedos e secretamente, discretamente o amava.

Ingênuo quem pensa que o amor amadurece; pelo contrário, ele desbota a partir do momento em que desabrocha e nenhum fruto obtido dele pode reverter a tragédia pré-determinada. O amor morre e, se tiver sorte, seus restos jogados no chão podem gerar uma nova paixão, mas ninguém pode garantir que será idêntica à anterior. O amor é como uma ampulheta e, espertos são aqueles que sabem aproveitar o tempo que não volta nem espera, só atropela.

Como uma criança que desperta no colo de sua mãe, Otto foi abrindo os olhos, mas antes que eles estivessem completamente abertos, o sorriso em seu rosto resplandeceu, rapidamente, sendo recompensado com um singelo beijo, repleto de sentimento.

–Achei que estava fugindo de mim em algum mundo estranho que você é capaz de imaginar – Áurea sussurrou próxima do seu rosto, enquanto o acariciava das bochechas até as orelhas – você me deve uma boa resposta para cada pergunta que eu te fizer agora.

–Acho que você pode me deixar respirar um pouco, né? – brincou Otto, rindo. Apesar disso, não foi acompanhado. Áurea empurrou a sua cabeça para fora do seu colo e não abriu o semblante, deixando seu companheiro completamente desconfortável com a situação. – Tudo bem, eu entendi... te contarei tudo que eu sei, mas não sei se você acreditará.

- Se vou ou não acreditar isso no momento não importa, quero que simplesmente conte a sua história – ordenou direta, mostrando-se extremamente impassível com qualquer brincadeira por parte de seu companheiro.
- Tudo bem... você é quem manda aqui – abriu um sorrisinho, que logo se extinguiu pela careta que Áurea fez para que ele começasse a sua história.

Quando Otto, porém, reabriu a boca para contar a sua história, novamente desmaiou. Áurea deixou todo de lado seu perfil durão, demonstrando a mesma preocupação que mostrara outrora.

O campo florido era novamente o cenário, Otto despertava entre as inúmeras árvores que o rodeava, atordoado, pois era sempre complicada essa sua transição de planos, sabia que não estava mais na Terra, ou se estava, era em algum lugar escondido, intocado pelas destrutivas mãos humanas.

- Com os dois pés firmes no chão, olhou ao seu redor e foi capaz de enxergar um outro ser meditando não muito longe dali. Se aproximando, percebeu que era Johnny quem estava lá.*
- Foi você que me trouxe até aqui? – Otto gritou na direção dele, que por sua vez nem chegou a abrir os olhos. – Por quê?
 - O fim do mundo se aproxima, Animália vive dentro de você e por isso preciso te proteger – foi abrindo os olhos assim que terminou de falar. Apesar de tocar em um tema pesado, o seu semblante era da mais completa paz – espero que você não pense em fazer escolhas em um momento delicado como esse, a humanidade se extinguirá, deixe-os adormecerem, Gaia estará infértil e nenhum dos seus filhos nascerá novamente, a não ser que algum outro intervenha e consiga barrar, como eu fiz com os meus experimentos, seus ex-companheiros. O que considero algo improvável.
 - Como você pode tratar com tanta frieza as pessoas com as quais me relacionei? Você conhece todas, não? Trouxe todas para esse mesmo lugar, usando o meu corpo como um parasita que se esconde no hospedeiro... você, com certeza, poderia impedir essa guerra, mas não quer, pensa apenas na desgraça do novo mundo que você tanto sonha criar – enfurecido, Otto foi para cima de Johnny que o bloqueou com a força da sua mente, paralisando-o antes que alcançasse o seu corpo.
 - Você sabe que lugar é este? Aqui, é Animália, que vive conforme o seu coração pulsa; ela é toda a sua alma... entende o motivo de toda a sua importância? Se ficar, provavelmente morrerá e destruirá a nossa possibilidade de construir um mundo melhor, você tem os olhos de Cristo e alma de Gaia, não desperdice artefatos tão importantes, não é hora pra se importar com o próximo – Johnny fez uma pausa, talvez

para conferir se Otto o interromperia. Como viu que ele permanecia mudo, continuou. – Eles tiveram milênios para se importar uns com os outros, agora é tarde demais. Você é um deus, se porte como um!

–Sendo um deus, sinto no meu dever de fazer algo por todas as pessoas que sofrem e que têm os lares ameaçados com essa guerra prestes a estourar – Otto continuava defendendo a sua causa, para o furor de Johnny que, pela primeira vez, perdeu o controle.

–Escuta aqui, eu não te criei pra você bancar o herói de uma causa perdida, será que você não percebe? Não tem o domínio de nem metade de seus poderes, não os conhece nem de perto, tudo que eu precisava de você é o mundo que eu tanto almejo, qual o seu problema em entender isso? Acha que Áurea desperdiçaria essa oportunidade que eu estou te dando? – ao ter o nome da amada citado, Otto enlouqueceu e tentou novamente partir para cima de Johnny que continuou bloqueando os seus movimentos com o poder da mente. Embora Otto fosse igualmente poderoso e, principalmente estando dentro de sua própria alma, conseguiu transformar o ambiente conforme a raiva o preenchia: os céus escureceram e toda a vegetação morreu, deixando aquele campo que se assemelhava aos Eliseos, mais parecendo o Hades em toda a sua desgraça.

Forçando a sua mente, que era todo o ambiente, conseguiu avançar contra o Primeiro Humano e acertá-lo com um soco em cheio em seu rosto, jogando o seu corpo contra o gramado que se desfazia em cinzas. Teria acertado ainda outros golpes, mas o Último de Gaia buscou se controlar, mantendo a calma e conforme respirava mais aliviado, saciado pelo soco dado, aquele mundo voltava ao normal.

–Eu sei que Áurea concordaria comigo nessa decisão, não preciso que você plante intrigas entre nós – replicou Otto para Johnny, que ia se levantando cuspiendo sangue e com um olhar cerrado, peculiar vindo de alguém que sempre mostrou um semblante sereno.

–Se confia tanto nela, porque hesita em contar a sua história? Sabe que ela acreditaria, pois é isso que os humanos fazem, acreditam nas coisas mais surreais possíveis... acha que ela não iria te ajudar? – foi a vez de Johnny jogar Otto contra o chão, indagando as dúvidas que ele tinha e tentava esconder. – Deixa eu te contar um segredinho: Áurea sabe da nossa missão e internamente em seus sonhos eu lhe contei, em inúmeras noites que eu estive lá alimentando as esperanças dela em sua vinda... ela sabe que nasceu para morrer e fará isso com o maior prazer, enquanto você banca o herói, ela é quem te salvará.

Otto sentiu o baque e em um piscar de olhos estava novamente no quarto com Áurea, que

o encarava assustada, já que não era a primeira vez e provavelmente não seria a última que ele daria um susto nela.

–Qual o seu problema? Não me assuste mais assim! – disse, enquanto se levantava e se espreguiçava. – Você cansa completamente a minha beleza.

–Me desculpe, mas tenho certos problemas internos – respondeu ele sem graça.

–Ah, se você não me dissesse eu jamais teria percebido – retrucou, rindo, conforme andava em círculos ao redor dele – agora conte a sua história... já me fez esperar tempo demais.

–Eu não sou uma pessoa comum – iniciou Otto o seu discurso, após quase um minuto encarando o chão, piscando apenas pela força do hábito e respirando porque era necessário, mas naquele minuto que passou, toda a sua história passou novamente pela sua mente e percebeu como ela não fazia sentido algum para ser contada. Talvez nenhuma vida tivesse sentido, afinal, por isso todas as pessoas acordam todos os dias. Para encontrar aquilo que sabem que não existe – tenho uma história confusa...

–Tudo bem, Otto, não demore pra dizer coisas que já estão estampadas na sua cara. Estou aqui para saber a verdade sobre você, sendo ela confusa ou não – Áurea estava sem paciência. Diferente da preocupação anterior, quando Otto desmaiou, ela o tratava naquele momento com extrema frieza. Estavam em um interrogatório e a frieza era parte das formalidades.

–Talvez melhor que contar, seja te mostrar... – ao dizer isso, o viajante pegou o braço da jovem e o esticou até que ele tocasse no lado esquerdo do seu peito. Otto respirou fundo e em segundos tanto ele quanto Áurea foram transportados para o Paraíso Interno de Animália, na profunda alma do Último de Gaia. O primeiro poder fora desvendado.

Áurea instantaneamente reconheceu o lugar como, sendo aquele que, mais cedo Otto havia levado todos os rebeldes, mas chocada percebeu que era o mesmo lugar onde seu sonho começara naquela noite no hospital.

A moça queria falar, mas não conseguia. Sabia desde o começo que Otto era o escolhido que havia sido profetizado desde sua infância; mas seu espírito racional não queria admitir a loucura que o seu sonho representava.

O rapaz também não ousou falar e consequentemente interromper o turbilhão de dúvidas e memórias que invadiam a ambos. Aquele era um lugar sagrado, de mudança, e sabia que juntos eles poderiam sonhar um final diferente... eles tinham poder suficiente para formarem um novo

mundo, sem precisar destruir o antigo.

Otto foi forçando a sua mente a passar o seu filme a céu aberto. Usou de suas vantagens como anfitrião, inexperiente, mas esforçado. Toda a sua história, até o que veio antes dele, passou a ser mostrado em todos os cantos daquele mundo em que eles estavam, penetrando fundo na doce alma de Áurea que acompanhava tudo boquiaberta.

A primeira reação obviamente foi o choque, estranho seria se não fosse, mas com o tempo ela foi compreendendo e aceitando o que via, aceitando que tudo era real da maneira que tinha que ser, o mais estranho e inacreditável possível. A história que vocês já conhecem.

Áurea passou a conhecer também, com certa relutância, porque, diferente de você que chegou até aqui, queria acreditar com maior fervor já que sabia de seu destino, mas em um mundo de mentira é sempre difícil acreditar o que é ou não verdade.

A paisagem se normalizou... era o fim da história. Otto caiu sentado por conta de seu tremendo esforço para fazer aquilo acontecer e, esperou um tempo para que Áurea digerisse melhor os fatos.

–Então... acho que é isso – disse por fim alguma coisa e esperou pela resposta que não veio de imediato – não tenho certeza se era isso que você desejava ver, mas me esforcei o máximo para não omitir nada.

–Não... tudo bem, acho que era isso mesmo. Só é meio estranho de acreditar assim de imediato, mas eu me acostumo. – Visivelmente incomodada, Áurea passava os olhos ao seu redor, em busca de mais algum momento que tivesse passado despercebido por ela. Não encontrou. Tudo já havia sumido, deixando apenas os dois sozinhos no meio do campo. – Há um bom tempo, eu tive um primeiro sonho de vários recorrentes ao longo dos anos em que um cara estranho me avisou da sua vinda. Achei que era apenas loucura, mas aquilo também foi o que me motivou a criar o nosso esconderijo junto de Nataly e do Bernardo. Estive a minha vida inteira esperando por você.

–Já eu fui criado apenas com o intuito de te conhecer – sorriu e engatinhou para próximo dela.

–Acho que não, mas foi boa a sua tentativa – retribuiu o sorriso e jogou o seu rosto para próximo do dele – só que agora eu estou curiosa, qual o próximo capítulo dessa sua história?

–O próximo capítulo de nossa história, talvez seja nos escondermos nesses campos e aproveitar o dia!

Memória Quatorze

Seize the Day

Pouco foi o que aproveitaram no paraíso interno de Otto, pois esse não aguentou segurá-los lá por muito tempo. Voltaram para o triste cenário de sua realidade... nada que os abalasse emocionalmente pois sabiam que haviam nascido com o único propósito de ficarem juntos. Assim funciona a mente dos apaixonados, nutrindo-os com bobagens feitas para se conformarem que tudo é o destino e que tudo é belo.

Passaram um dia, talvez mais, dentro do quarto sentindo as vibrações de seus corpos com cada simples toque. Teriam mesmo que aproveitar o dia, já que a noite se aproximava trazendo a guerra em seus braços.

Nesse tempo, pouco buscaram conversar... seus corpos convergiam sempre para um mesmo local em uma harmonia que nem os próprios deuses, enquanto vivos, conseguiram alcançar. Dançavam uma melodia silenciosa, falavam baixo no ouvido um do outro, guardavam segredos enquanto se mostravam verdadeiramente quem eram em toda e completa essência humana.

Momentos assim não necessitam de descrições aprofundadas, cada um sente esse momento da própria e única maneira que o vivenciam. Todos sabem amar, embora poucos saibam disso. Um pouco de amor para guardar na memória momentos felizes quando tudo o que estiver disponível for morte e destruição.

O casal não se importou de estarem tão próximos de um fim ainda impalpável. Curariam todas as feridas com beijos, fizeram promessas que sabiam que seriam impossíveis de serem cumpridas, mas fizeram. Amanheceu e continuaram juntos, quanto mais tempo ficassem lá, mais tempo o mundo demoraria para acabar – eles, acreditavam.

Com todo o universo conspirando a favor daquela lua de mel, passaram mais um dia juntos, pensando que tudo aquilo duraria para sempre e só eles sabiam como seria bom se durasse. Enganados pela paixão, foram surpreendidos mais uma vez pela inevitável realidade da vida. O mundo só passou a existir para que um dia ele pudesse se tornar lenda, para que sua existência fosse confundida com a ficção, e assim foi feita a sua vontade.

Memória Quinze

Tonight, the World Dies

Otto e Áurea foram interrompidos por um estrondo, um singelo aviso de que o mundo havia começado a acabar.

Recompuseram-se depressa, saíram finalmente do quarto e buscaram se situar sobre as notícias mais recentes. Por fim nem necessitavam disso. Sabiam bem o que estava começando e só ficaram tristes de não ter demorado mais para que chegasse. A inconveniência das coisas ruins é que elas sempre ocorrem para sobrepor as boas.

Nataly apareceu correndo em direção do casal; o suor pingando de sua testa e a respiração ofegante denunciava seu pouco preparo para um momento como esse de extremo esforço físico. Jogou-se em cima de Áurea que a segurou como se ela fosse uma grande boneca de pano.

–Começou... não sei o que fazer agora que chegamos nesse ponto – Nataly chorava com a cabeça encostada no ombro de Áurea, desolada, condenava a si e a todos ao seu redor na tentativa frustrada de sobreviver. Enfim, o apocalipse havia dado as caras e as eternas promessas com o tempo iriam cair no abismo do esquecimento, os sonhos e desejos seriam esmagados enquanto as mentiras e verdades se confundiriam, transformando-se em uma única história, a morte súbita da humanidade.

–Não há muita coisa que nós possamos fazer. Podemos esperar aqui embaixo rezando juntos para que nossas almas encontrem conforto em uma outra vida, podemos subir e admirar as bombas como costumávamos admirar os fogos de artifício no réveillon, o nosso destino sempre foi esse afinal... – Áurea dizia cabisbaixa, com Nataly em seu colo e a mão esquerda dada a Otto que continuava a seu lado encarando o nada – alguma ideia, viajante? – perguntou a ele, trazendo-o de volta àquele mundo.

–Vocês duas reúnam todos que puderem no saguão. Talvez fosse bom se morressem com algum sentimento de honra com eles, ouvindo palavras de conforto que possam amenizar essa inevitável dor de incapacidade – respondeu, voltando rapidamente os olhos para Áurea antes que ela fosse fazer o que lhe fora pedido – a principal figura de autoridade aqui é você, fale bem e aqueça a última chama da vida.

–Farei o que for possível, capitão! – disse e saiu. Otto caminhou até o meio do saguão. Nele havia um palco improvisado e imaginou que antigamente Bernardo deveria ter falado muito ali, encorajado muitas pessoas ou divertido todas elas. Teve a curiosidade de saber como era a vida naquele local antes de sua chegada e decidiu testar os seus poderes até que todas as pessoas estivessem ali com ele reunidas.

Subiu no palco improvisado – que deveria ter o tamanho de três mesas grandes juntas –sentou cruzando as pernas e encostou a sua mão sobre aquela superfície, fechou os olhos e respirou fundo; ao reabrir, sentiu a mudança de tempo passar raspando do seu lado.

Viu Bernardo na sua frente, de pé sozinho em cima do palco; ele estava parado olhando para o fundo como se esperasse por alguém, e esperava. Áurea apareceu no fundo correndo e subiu ficando ao lado dele – Otto, sentado atrás dos dois, existia naquela visão apenas como um observador, nenhuma ação sua poderia mudar algo. Assim como em nosso cotidiano, por inúmeras vezes tudo que podemos ser é um simples observador, que vê a desgraça do outro sem poder fazer absolutamente nada para ajudá-lo, negar às vezes é uma tarefa inevitável.

–Convoquei essa breve reunião por um simples motivo que muitos de vocês talvez não conheçam – quando começou a falar, os burburinhos ao seu redor emudeceram, máximo sinal de respeito dado ao considerado líder Bernardo – hoje faz um ano que Áurea, Nataly e eu criamos esse nosso grupo, que felizmente não posso mais chamar de pequeno, pois é notório o nosso crescimento. Só tenho a agradecer todos vocês que aderiram à nossa causa, uma salva de palmas para todos nós – pediu e o atenderam, com um barulho quase ensurdecedor causado pelas frenéticas palmas dos entusiasmados rebeldes.

–Quando eu era criança, meus pais e todos os meus familiares me exaltavam, colocavam a minha inteligência precoce em um pedestal e eu era um exemplo a ser seguido pelas outras crianças da família – Bernardo não conseguia ficar parado enquanto falava, mexia os pés e as mãos, às vezes até o pescoço, sua linguagem corporal era ainda mais ativa que a sua própria fala, caminhava de um lado para o outro em cima do pequeno palco, praticamente rodava em círculos já que não possuía um caminho grande a ser

seguido. – Só que quando revelei que era gay, no auge da minha adolescência, todos sumiram.

Bernardo engoliu todo o seu discurso, havia lágrimas em seus olhos que escorriam de forma tímida pelo seu rosto. Nunca havia falado de forma aberta sobre a sua infância e família e não chegou a imaginar que teria pontadas no estômago ao lembrar de seu passado. Sua vontade era terminar tudo naquele momento, mas não poderia fugir de suas memórias para sempre, portanto respirou fundo e enxugou as lágrimas com o punho cerrado antes que voltasse a discursar.

–Minha mãe com certeza sempre soube e ela foi a única que me apoiou; se não fosse por esse anjo em minha vida eu certamente não teria tido forças para continuar... e eu sei que ela pensou da mesma maneira – todos o ouviam atentamente, alguns até tinham os olhos vermelhos, marejados das lágrimas que os assaltavam. – Ela foi capaz de superar um relacionamento abusivo para ficar do meu lado e juntos buscamos recomeçar nossas vidas em uma nova cidade. Mas há preconceito em cada pequeno canto desse mundo e sofremos, sofremos muito até um ponto em que ela descobriu um câncer de mama; nesse ponto já não mais sofríamos por conta da crueldade humana, mas pela iminente morte à nossa espreita... e ela veio.

Parou mais uma vez, tentando se recompor, a lembrança de alguém que você sabe que não verá novamente é sempre a mais dolorida, a verdadeira e mais pura saudade, o que vem depois disso são apenas loucos devaneios infantis.

–Com a minha mãe derrotada pelo câncer, eu fiquei sozinho no mundo e por incontáveis vezes pensei em desistir, mas os meus familiares desprezíveis me disseram que eu tinha um grande propósito nessa vida e que seria alguém memorável – fechou a cara, engolindo o choro e falava rosnando, com raiva. – Felizmente aqueles desgraçados estavam certos, eu tinha um propósito e ainda o tenho e estou aqui agora junto de todos vocês para dar continuidade nele! – levantou os braços, chamando pelos cânticos fervorosos de seus seguidores que o acompanharam. – É por isso que estou vivo, por vocês que acreditam em mim e por eu acreditar tanto em cada um de vocês que eu me ergo todas as manhãs; eu não sei o que fazer nessa guerra, só sei que ao lado de cada um de vocês eu tenho vontade de lutar! Pela justiça! – bradou e bradaram com ele. – Pelo amor! – rugiram, como em um grande show, os fãs enlouquecidos pelo ídolo vibravam com cada palavra dita, Bernardo nunca buscara os holofotes só que naquela noite ele não era somente o centro de todas as atenções, era toda a luz daquele lugar.

–Por todos aqueles que se foram e para que novas pessoas possam coexistir conosco! – Otto sentia-se entusiasmado fazendo parte daquela lembrança e, mesmo sabendo que ele não passava de uma ilusão, aproveitou seus últimos segundos naquela visão ouvindo a felicidade estampada na cara de cada uma

daquelas pessoas, principalmente na de Áurea, fitou-a pela primeira vez naquela memória e ela estava naturalmente bela, com os cabelos dourados esvoaçando enquanto pulava junto com Bernardo. Após isso, todo aquele mundo se desmanchou e ele novamente se via sozinho no saguão.

Após um tempo as pessoas começaram a se reunir. Otto continuava sentado de pernas cruzadas no centro do palco, a maioria dos que paravam por lá evitava olhá-lo e se o espiavam, faziam isso com a certeza de mostrar toda a sua repugnância contra ele – nem todos estavam na reunião em que ele transportou todos para Animália, mas as notícias sempre correm com muita facilidade quando é polêmica e correm de maneira muito diversa e efetiva: o último de Gaia era tudo, menos benquisto naquele lugar.

Áurea apareceu correndo em direção de Otto, exatamente igual à lembrança recém revivida por ele. A mesma desenvoltura, a meninice eterna da amada que o fazia relaxar, anestesiava todo o seu medo, deixava-o seguro mesmo estando no meio de uma tempestade, uma sensação incapaz de ser descrita, só amando verdadeiramente para saber.

– Não sei se todos irão aparecer, muitos chegaram a dizer que estão indo embora, outros foram sem avisar, não sei se sou capaz de encorajá-los em nada, ainda mais para morrer. Bernardo saberia exatamente o que dizer, mas eu não... – Otto a segurou firme em um abraço, para protegê-la dos pensamentos ruins que sempre insistem em rondar as mentes humanas.

– Você consegue, não porque eu estou dizendo que sim, mas porque eu sei do que você é capaz, mas é melhor se apressar antes que tudo acabe antes de você começar – a intenção inicial de Otto era de encorajá-la, mas só Áurea sabia o quão péssimo ele era com isso.

– Obrigada... eu acho... – revirou os olhos sem que seu companheiro percebesse – acho melhor eu começar então... – ficou de pé e encarou a multidão que se formava no saguão subterrâneo; às vezes ela esquecia a quantidade monstruosa de pessoas que se refugiavam naquele local, muitos ela nem teve a oportunidade de conversar, mas sabia que viviam naquele refúgio incontáveis histórias que em breve teriam o seu desfecho.

– Agradeço pela presença de cada um de vocês, sei como deve estar sendo difícil para vocês assimilarem as nossas perdas, passadas ou futuras, espero que não estejam desapontados conosco. Talvez quando buscaram segurança aqui pensaram que viveriam como justiceiros, mas tudo que nós sempre buscamos foi viver na mais plena paz enquanto estivéssemos aqui – falou enquanto mais pessoas chegavam para ouvi-la – não iremos combater os tiranos no poder,

porque o poder que eles possuem é completamente ilusório, é algo mentiroso e inexistente e, no fim, eles morrerão como nós, não haverá lado vencedor nessa noite – algumas explosões foram ouvidas do térreo. Havia outros grupos rebeldes espalhados pela cidade, alguns ousavam mais e buscavam confronto direto com as forças armadas e, naquele momento de pleno caos, estavam no meio da guerra civil.

–Eu queria muito poder dizer para cada um que tudo ficará bem, mas eu não conseguiria mentir tanto; chegou o nosso tempo, hoje à noite o mundo morre e nós dividiremos o túmulo com ele.

Áurea não conseguiu falar mais nada... seus olhos estavam pesados de lágrimas e todo o seu corpo enrijecido como uma fria rocha. Tremulava até ser resgatada pelo abraço de Otto, Nataly não demorou para subir no palco para consolar a amiga. As pessoas até esperaram, mas viram que nada mais sairia de lá e começaram a se dispersar aceitando a derrota pessoal de cada um.

Essa não é uma história com começo, meio e muito menos um final feliz. É uma obra que exalta a desgraça humana, que expõe todos os podres e toda a tristeza de alguém que nunca superou suas perdas irreparáveis. Gaia é apenas um vulto melancólico do passado, condenada ao pavor da guerra e à tristeza natural do homem que nasce e morre chorando.

Era 2030, o último ano humano. Guerras Civis que já duravam uma década, espalhadas por todo o globo terrestre como tornados, devastando cada lugar por onde passavam, mas aquilo precisava ser controlado e apenas um ato de pura insanidade poderia controlar a anarquia. Dito e feito: os dois principais governantes mundiais trocaram presentes indesejados, uma bomba acertou em cheio o coração da Ásia e devastou tanto o continente asiático quanto o europeu; outra, jogada às pressas e desregulada acertou o oceano Atlântico, o suficiente para provocar ondas colossais que engoliram desde o indefeso Caribe até os mais bem protegidos chilenos, que fizeram a América de escudo. Em vão, pois a espada mortífera ultrapassou tanto o escudo quanto a armadura que trajava.

Então, uma última bomba voou, como a pomba branca do Espírito Santo pousando na cabeça dos apóstolos. Ela massageou o ego humano e o estraçalhou em bilhões de pedaços e assim ocorreu o fim do mundo como conhecemos.

Memória Dezesseis

Brave New World

E quanto aos nossos aparentes protagonistas? Qual foi seu inevitável fim?

Estavam juntos quando o mundo começou a desabar, sabiam que se ficassem no subterrâneo seriam os primeiros a morrer; portanto, deram ordens aos que ainda lá estavam de evacuarem o local. Nataly se despediu de Áurea e junto de Serena liderou os mais fragilizados com a guerra para que encontrassem um fim digno.

–Acho que esse é um adeus, menininha – era assim que Nataly costumava chamar Áurea quando estavam juntas. Ela viu a linda moça dos cabelos dourados crescer e sentia-se intimamente orgulhosa pela mulher que ela se tornou – acho que te deixo em boas mãos – fez uma careta apontando para Otto, posicionado atrás de Áurea, que olhou para trás e ensaiou um riso – sabe, não há o que temer da morte... temo por aqueles que sobreviverão. Acho que esse mundo já perdeu o propósito.

–Há um bom tempo, mas as nossas vidas não. Que sejamos úteis em nossos últimos suspiros. Por uma morte digna! – sorriu Áurea já familiarizada com a morte.

–Por uma morte digna! Estou contente em saber que reencontrarei Bernardo, sinto muito a falta de sua companhia. Nem sei se será como um paraíso idealizado, mas talvez o segredo de uma boa morte seja estar pensando naqueles que amamos. Aí, boom, morremos e a nossa última lembrança é para onde vamos – desabafou Nataly, que segurou mais uma vez Áurea em um forte abraço, o último.

–Nós somos todos feitos de lembranças, mas agora precisamos ir, Nataly – Serena se aproximou das duas, encerrando a despedida. – Até mais, Áurea, nos vemos em um outro mundo – a moça do cabelo raspado beijou a testa da companheira e se afastou, encarou Otto por um tempo e se aproximou dele. – Foi um prazer te conhecer... vê se faz alguma magia e não deixa aquela menina de ouro desaparecer conosco.

–Ela já está segura... bem fundo em minha alma – foi tudo que Otto disse antes de Nataly e Serena saírem do esconderijo em grupo. Mas ele não conversou com Áurea em seus últimos

momentos, porque todos estavam tensos demais para dizer qualquer coisa; Otto principalmente, pois disse que faria alguma coisa para ajudar, mas nem a sua amada ele seria capaz de proteger, era inútil insistir.

Uma das falhas humanas é o arrependimento, quando se percebe que fez algo de muito errado e é incapaz de voltar atrás. A vontade de Otto era de se encontrar novamente na nave de Johnny e permanecer lá sem preocupações, mas o seu laço com Áurea estava tão bem atado, que ao pensar nisso ele sentia repugnância de seus pensamentos e os descartava. Por mais que se provassem desejos verdadeiros, as escolhas haviam sido feitas e lá estava ele no fim do mundo de mãos dadas com a sua namorada.

Foram os últimos a se despedir do refúgio. Áurea havia vivido bons anos naquele lugar, então demorou para que conseguisse se despedir por completo de lá, mas finalmente subiram. Do lado de cima enxergavam corpos caídos por todos os lados, fogueiras gigantescas que formavam nuvens de fumaça que envolviam o céu castigado.

Otto sugeriu que subissem até o último andar de um prédio bem alto. Tentaria um último contato com Johnny, salvaria a ele e mais importante, salvaria Áurea.

Correram sem saber se estavam sendo seguidos, ou se poderiam sem querer entrar em uma zona de batalha; portanto cuidavam-se ao máximo para não cometer nenhum deslize, olhos arregalados sempre atentos a qualquer movimento que sentissem ocorrer perto deles. Havia um gigante cinzento próximo de onde era a saída principal do esconderijo e era esse o destino do casal.

Chegaram na porta do arranha-céu desabitado, mais cadáveres imóveis os recepcionaram, alguns ainda rastejavam sem sucesso para lugar nenhum. Subiram as escadas, pois o elevador estava fora de uso. Cinquenta andares. Corriam e tropeçavam pelos degraus até alcançar o topo.

Sentiam-se exaustos. Sentaram-se na borda do prédio e de lá olharam as pessoas correndo nas ruas, corriam sem saber porque corriam ou para onde. Viram crianças armadas, participando de chacinas generalizadas. Otto e Áurea estavam de mãos dadas quando foram surpreendidos.

Johnny estava lá.

– Estamos novamente reunidos... – resmungou Johnny, parecendo extremamente descontente.

– Johnny, você pode nos tirar daqui? – gritou Otto empolgado com o reencontro.

– Posso... mas não quero.

– O que há contigo? – perguntou ele cismado.

– Só um de vocês poderá ir comigo, escolham – respondeu Johnny incisivo.

– Como assim? Você é capaz de levar a ambos! – insistiu o Último de Gaia em sua persuasão. Áurea permanecia calada, estática apenas observando atenta a conversa de dois seres que perturbavam a sua sanidade.

– Eu fui bem claro, apenas um de vocês. Se você optar por vir comigo, podemos dar continuidade em Animália, mas se deixar que a sua namoradinha venha em seu lugar, acharemos algo para fazer em algum planeta em alguma outra galáxia bem longe daqui – o tom da voz de Johnny, assim como a sua expressão facial era de completa indiferença, o que deixava Otto ainda mais irritado.

– Você não pode estar falando sério! Não há porque fazermos tal escolha, podemos muito bem coexistir! Não seja um alien egoísta! – o homem havia perdido completamente a postura, rosnava como um cão bravo e era incapaz de entender a mudança de pensamento de Johnny. Ele não iria abrir mão de ter Áurea consigo.

– Não estou sendo, você que está com a cabeça quente e tenta de forma inútil me decifrar. Não sou alguém mal, só busco o necessário e os dois juntos não o são – Johnny continuava contrariando Otto falando com sua voz sempre calma, o que irritava ainda mais o terráqueo – se você não fosse lento o suficiente para perceber, saberia que o seu destino já havia sido moldado, desde o dia em que eu te resgatei em uma Gaia devastada. Há um propósito para o qual eu te trouxe até aqui e algo interno em você que escolheu esse prédio gigantesco para morrer.

Otto havia perdido o foco, e deixou de compreender o que estava sendo dito. Sentiu um puxão, mas não teve tempo de reação, Áurea o agarrou com uma força sobre-humana. O rapaz então percebeu que ali morreria, pois Áurea o impulsionou e o jogou para fora do prédio. Não

trocaram um último olhar, nem um último “eu te amo”. Otto foi jogado da cobertura de um prédio de cinquenta andares e não conseguiu sentir ódio naquele momento, mas lembrou de uma conversa que teve com Johnny enquanto caía *“Acha que Áurea desperdiçaria essa chance que eu estou te dando?”*. Ela não desperdiçou.

– Só não vá se arrepender disso... – sensibilizou Johnny encostando a mão no ombro dela, que o sacudiu e saiu de seu alcance – calma, não precisa mais ser agressiva.

Ela continuou olhando para baixo, mas já não conseguia enxergar o corpo de Otto caindo e presumiu que ele já tivesse alcançado o solo. Se virou então para Johnny e questionou:

– Você disse que eu também tenho Animália dentro de mim... é verdade?

– A mais pura verdade, senhorita, Otto compartilhou-a quando vocês se conectaram, você está grávida do nosso mundo. Meu precioso bebê! – disse Johnny deixando o seu tom de voz mais empolgado pela primeira vez.

– Além de parir esse seu planetinha, serei uma deusa nele? Com qual animal você acha que eu me identifico?

– Com uma serpente – Johnny respondeu dando um sorriso malicioso com o canto da boca e chamou a sua nave apertando alguns botões em seu bracelete. Ela veio num piscar de olhos e ele rapidamente subiu até ela seguido pela mãe de Animália.

Epílogo

Uma serpente... foi isso que eu me tornei em Animália, mas deixei meu nome terreno para trás. Nesse novo mundo me tornei Ouroboros, a deusa serpente da eternidade, aquela que nasceu em Gaia e pariu Animália antes de se transformar em uma divindade. Já não sou mulher, não sou humana, sou aquilo que tenho que ser.

A serpente também simboliza meu ato traiçoeiro contra Otto, o Último de Gaia. Ele nunca esteve pronto para dar vida a esse mundo e eu não o culpo, apesar de ter sido criado para isso, algumas pessoas simplesmente não possuem vocação.

Usei das visões que ele me passou para me basear nesse livro que deixo para vocês e com certeza devo considerar fatos importantes:

Não me considero a vilã da história, fiz o que tinha de ser feito. Um de nós precisava morrer e isso não diminuiu o meu amor por ele. Ainda o amo, confesso, mas eu transcendi a um ponto em que sou imponente sozinha.

Meu ato de vileza, o único em minha vida, se dá pelo fato de Johnny ter envenenado a minha mente. Ele queria alguém de coragem e temia que Otto não fosse quem ele gostaria, ousou e me chamou em sonhos, desde pequena me preparou para aquele momento e eu só fiz o que era melhor para todos nós. Ainda há um pouco de Otto em todos os seres animais, o seu sangue corre por todos os rios e alimenta toda a nossa vegetação. O Deus Morto de Animália abençoa os filhos que ele nunca conheceu.

Fui humana, conseqüentemente corrupta. Tenho certeza que se tivessem oportunidade, todos teriam feito o mesmo que eu e, curiosamente não me arrependo. O destino foi cumprido com perfeição, meus filhos animais, ouçam sua mãe – palavra essa que vai muito além do ato de ser, é sagrada, supera qualquer barreira entre a vida e a morte e alimenta os sonhos daqueles que vêm depois – Animália é o nosso tão desejado mundo novo!